

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
CÂMPUS CORA CORALINA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM LÍNGUA,
LITERATURA E INTERCULTURALIDADE

LÍLIAN BARBOSA DE MORAIS

**DISCURSIVIDADES DE DISCENTES TRANSEXUAIS NA UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE GOIÁS: UM DESLOCAMENTO DE PROCESSOS
IDENTIFICATÓRIOS**

GOIÁS

2021

LÍLIAN BARBOSA DE MORAIS

**DISCURSIVIDADES DE DISCENTES TRANSEXUAIS NA UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE GOIÁS: UM DESLOCAMENTO DE PROCESSOS
IDENTIFICATÓRIOS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Língua, Literatura e Interculturalidade da Universidade Estadual de Goiás, Câmpus Cora Coralina, como requisito parcial para conclusão do curso e obtenção do título de Mestre em Língua, Literatura e Interculturalidade.

Linha de Pesquisa: Estudos de Língua e Interculturalidade.

Orientador: Prof. Dr. Guilherme Figueira Borges.

GOIÁS

2021

**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DE TESES E
DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL (BDTD)**

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Estadual de Goiás a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UEG), regulamentada pela Resolução, CsA nº 1.087/2019 sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9.610/1998, para fins de leitura, impressão e/ou *download*, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data¹. Estandociente que o conteúdo disponibilizado é de inteira responsabilidade do(a) autor(a).

Dados do autor (a)

Nome completo Lílian Barbosa de Moraes

E-mail lilian.morais@ueg.br

Dados do trabalho

Título

**DISCURSIVIDADES DE DISCENTES TRANSEXUAIS NA UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE GOIÁS: UM DESLOCAMENTO DE PROCESSOS
IDENTIFICATÓRIOS.**

Tipo:

Tese Dissertação

Curso/Programa Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Língua, Literatura e Interculturalidade da Universidade Estadual de Goiás, Câmpus Cora Coralina

Concorda com a liberação documento

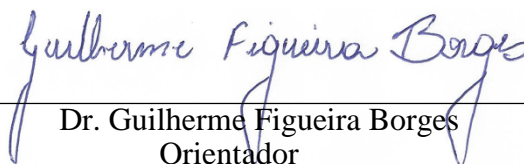
SIM NÃO

¹ Período de embargo é de até um ano a partir da data de defesa.

Goiás, 04 de outubro de 2021.



Ma. Lílian Barbosa de Moraes
Autora



Dr. Guilherme Figueira Borges
Orientador

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA FONTE

Biblioteca Frei Simão Dorvi – UEG Câmpus Cora Coralina

Bibliotecária responsável: Marília Linhares Dias – CRB 1/2971

M828d	Morais, Lillian Barbosa de. Discursividades de discentes transexuais na Universidade Estadual de Goiás : um deslocamento de processos identificatórios [manuscrito] / Lillian Barbosa de Morais. – Goiás, GO, 2021. 135f. ; il. Orientador: Prof. Dr. Guilherme Figueira Borges. Dissertação (Mestrado em Língua, Literatura e Interculturalidade) – Câmpus Cora Coralina, Universidade Estadual de Goiás, 2021. 1. Linguística. 1.1. Análise do discurso. 2. Identidade transexual na universidade. I. Título. II. Universidade Estadual de Goiás, Câmpus Cora Coralina. CDU:81'1:316.837(817.3)
-------	--

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS

(Criada pela lei nº 13.456 de abril de 1999, publicada no DOE-GO de 20 de Abril de 1999)

**Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação
Coordenação de Pós-Graduação Stricto Sensu
UEG CÂMPUS CORA CORALINA**

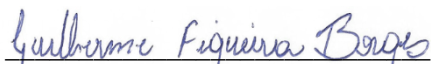
Av. Dr. Deusdeth Ferreira de Moura Centro - GOIÁS CEP: 76600000 Telefones: (62)3936-2161
/ 3371-4971 Fax: (62) 3936-2160 CNPJ: 01.112.580/0001-71

ATA DE EXAME DE DEFESA 22/2021

Aos quatro dias do mês de agosto de dois mil e vinte e um às catorze horas, realizou-se, por webconferência, o Exame de Defesa da dissertação do(a) mestrando(a) Lílian Barbosa de Moraes, intitulado **“Discursividades de discentes transexuais na Universidade Estadual de Goiás: um deslocamento de processos identificatórios”**. A banca examinadora foi composta pelos seguintes professores: Dr. Guilherme Figueira Borges – Presidente – (POSLLI/UEG), Dr. Claudionor Renato da Silva (PPGE/UFJ), Dra. Luana Alves Luterman (POSLLI/UEG). Os membros da banca fizeram suas observações e sugestões, as quais deverão ser consideradas pela mestranda e seu orientador. Em seguida, a banca examinadora reuniu-se para proceder a avaliação do exame de defesa. Reaberta a sessão, o presidente da banca examinadora, proclamou o resultado, segundo o qual a dissertação foi (X) aprovada, () aprovada com ressalvas, () reprovada com as seguintes exigências(se houver): **Realizar as correções sugeridas pela banca.**

Cumpridas as formalidades de pauta, às 16:30 a presidência da mesa encerrou esta sessão do Exame de Dissertação e lavrou a presente ata que, após lida e aprovada, será assinada pelos membros da banca examinadora.

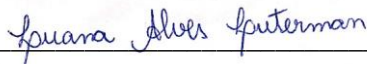
Goiás-GO, 04 de agosto de 2021.



Prof. Dr. Guilherme Figueira Borges
(POSLLI/UEG)



Prof. Dr. Claudionor Renato da Silva (UFJ)



Profa. Dra. Luana Alves Luterman (POSLLI/UEG)

Dedico esta pesquisa dissertativa para meu amado e saudoso filho, João Vítor Morais Araújo, que embora não estando presente fisicamente, ainda assim, de alguma maneira, diz-me que quer me ver conseguindo tudo aquilo que um dia contei a ele, ainda que ele não esteja ao meu lado, fisicamente, para me acompanhar.

AGRADECIMENTOS

A Deus e a Nossa Senhora da Conceição Aparecida pela força, amparo e fortaleza de sempre.

Ao meu querido orientador, Dr. Guilherme Figueira Borges, minha gratidão pelas contribuições intramuros e extramuros acadêmicos. Obrigada por aceitar o projeto para pesquisar nas fronteiras comigo.

À/Ao docentes da banca de qualificação, Dra. Luana Alves Luterman e Dr. Bruno Franceschini, pelas sugestões apontadas no enriquecimento deste texto dissertativo.

À/Ao docentes Dra. Luana Alves Luterman e Dr. Claudionor Renato da Silva, da banca de defesa, pela generosidade em aceitar contribuir para o meu caminho acadêmico.

A todas e todos docentes que, ao longo do curso das disciplinas no Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Língua, Literatura e Interculturalidade da Universidade Estadual de Goiás, Câmpus Cora Coralina, contribuíram para minha constituição como docente-pesquisadora-contestadora acerca da discriminação legitimada e naturalizada na sociedade por meio da linguagem e práticas discursivas.

Às/Aos colegas da terceira turma do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Língua, Literatura e Interculturalidade da Universidade Estadual de Goiás, Câmpus Cora Coralina, sucesso para todas e todos.

À/Ao colaboradora/or da pesquisa, sem cujas vozes discursivas seria impossível empreender nesse caminho de risco e provisoriedade.

Às/Aos colegas que comigo participam do GEDIN (Grupo de Estudos do Discurso e de Nietzsche), obrigada pela gentileza ao longo de estudos e discussões.

Em muito especial:

Camila Capparelli, ex-aluna no curso de letras, Câmpus Cora Coralina, que esteve me auxiliando nos estudos para a seleção no mestrado.

Matheus Utim, ex-aluno no curso de letras, Câmpus Cora Coralina, que cursou o mestrado comigo, compartilhamos caronas, cervejas, risadas, densas leituras e discussões durante o curso das disciplinas e se tornou minha amada IRMÃ.

Bruno Henrique, também ex-aluno do curso de letras, Câmpus Cora Coralina, que fez parte comigo no GEDIN e muito me enriqueceu com discussões foucaultianas.

À minha amiga e colega de trabalho Déborah Magalhães, quem tanto me incentivou a cursar o mestrado no Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Língua, Literatura e Interculturalidade da Universidade Estadual de Goiás, Câmpus Cora Coralina, que, mesmo não concordando com os meus caminhos investigativos, me apoiou em seguir a rota rumo à análise do discurso.

Em muito especial à minha família:

Aos meus pais, minhas irmãs, meus irmãos, minhas cunhadas, minhas sobrinhas, minha gratidão e amor.

Às/Aos amigas e amigos, não nomearei para não ser injusta caso deixe de citar alguma/algum, mas elas/es sabem a quem me refiro, sem os cafés, as cervejas, os vinhos e as nossas conversas, as situações da vida e as teorias estudadas teriam sido tortuosas.

A todas e todos que entrecruzaram o meu caminho nesse percurso de fazer um mestrado. Foram instantes relevantes de risos, críticas, choros, apoios e gozos. Adorei conhecê-las/os.

Por fim, a minha gratidão a todas e todos que, de certa maneira, contribuíram para o meu crescimento pessoal e acadêmico até aqui.

Colorir!

Faltará tinta
No dia que o céu for livre
Pra todas/os serem o que são
Cobertos pelo sol, sem nenhum tipo de opressão
Faltará nomes
Pra descrever o mundo sem as misérias
O que sentimos, o que nos tornamos
O novo ser sem medo de viver.
Faltará a falta que nos entristece
Que hoje enche o peito de vazio e fumaça
Não faltará amor, não faltará sonhos
O novo mundo se abrirá para o futuro
Onde o presente dominará o passado
E nossos corações enfim serão salvos
(VIRGÍNIA GUITZ, 2017).

Incenso fosse música!

Isso de querer ser exatamente aquilo que a gente é ainda vai nos levar além.
(PAULO LEMINSKI, 2012).

Buscando o sentido!

O sentido, acho, é a entidade mais misteriosa do universo.
Relação, não coisa, entre a consciência, a vivência e as coisas e os eventos.
O sentido dos gestos. O sentido dos produtos. O sentido do ato de existir.
Me recuso a viver num mundo sem sentido.
Estes anseios/ensaios são incursões em busca do sentido.
Por isso o próprio da natureza do sentido: ele não existe nas coisas, tem que ser buscado, numa busca que é sua própria fundação.
Só buscar o sentido faz, realmente, sentido.
Tirando isso, não tem sentido. (PAULO LEMINSKI, 2012).

RESUMO

MORAIS, Lílian Barbosa de. **Discursividades de discentes transexuais na Universidade Estadual de Goiás**: um deslocamento de processos identificatórios. 135 f. Dissertação (Mestrado em Língua, Literatura e Interculturalidade) – Câmpus Cora Coralina, Universidade Estadual de Goiás, Goiás, 2021.

Esta dissertação versa sobre pesquisa realizada com vistas a lançar um olhar discursivo sobre como as/os discentes trans deslocam processos identificatórios por meio de suas práticas discursivas no âmbito da Universidade Estadual de Goiás (UEG). Investigo como essas práticas discursivas permitem reestruturar discursos outros sobre identidade de gênero transexual no cenário acadêmico. Parto da seguinte hipótese: os discentes trans estarem presentes em um curso de graduação causa um deslocamento na constituição identitária deles/delas, pois esse contexto promove contato com saberes outros ocasionando, com isso, mudanças nas suas inscrições discursivas e suas práticas identitárias. Esta pesquisa tem como objetivo geral analisar a construção de identidades de discentes trans na UEG, buscando entender como a/o discentes em questão delineiam a sua transexualidade em práticas universitárias. Como objetivos específicos, pretendemos: 1) observar se há rearticulação de sentidos sobre as questões identitárias por meio das práticas acadêmicas experienciadas pelos sujeitos transexuais; 2) compreender como a/o discentes trans percebem a academia como lugar de reflexão sobre a categoria identidade de gênero trans; 3) analisar a possibilidade de desconstrução de discursos padronizados (exercícios de poder) sobre as práticas corporais dos sujeitos trans, no contexto educacional superior (UEG). Para tanto, elejo como baliza teórico-metodológica uma abordagem inter/transdisciplinar que abrange uma Análise do Discurso, especificamente os postulados de Foucault, em diálogo com os Estudos Culturais, sobre identidade de gênero e transexualidade. Para a coleta de dados que compõem o *corpus* de análise, dispus da proposta de Ressonâncias Discursivas em Depoimentos Abertos (AREDA), a partir da qual, uma discente mulher trans e um discente homem trans colaboradora/or da pesquisa, enunciaram. O material gerado para a discussão e análise de dados deste estudo é composto por perguntas estruturadas e as respectivas respostas da/o colaboradora/or adaptadas à modalidade escrita e formal da língua. A discussão acena para o fato de que as práticas discursivas da/o discentes trans permitiram o redimensionamento de suas identidades, ressignificação de papéis e lugares sociais. Ao enunciar, a/o discentes trans resistem, criando outros modos de dizer o que já foi dito ou está sendo dito e, também, mobilizam a diminuição de discursos opressores de identidade de gênero, social na UEG. Neste quadro, enunciar implica produzir-se no discurso, num jogo de produção de subjetividades, relações de poder, posições históricas, práticas subjetivas, pois neste espaço analítico discursivo, a história se entrecruza com a linguística para uma constituição de sujeito discente trans. Então, a partir das análises, identifico que há uma positividade da colaboração da/o discentes trans, para pensar discursividades que corroborem visões menos essencialistas e preconceituosas sobre a identidade transexual no contexto de ensino superior.

Palavras-chave: análise do discurso; discursividades; identidades; transexualidade; universidade.

ABSTRACT

Discursivities of transsexual students in State University of Goiás: dislocation of identifiable processes

This master's thesis is about a research carried out with the intention to take a discursive look on how transsexual students dislocate identifiable processes through its discursive practices in the context of State University of Goiás (UEG). I research on how those discursive practices allow the restructuring of other discourses about transsexual identity in the academic context. I start from this hypothesis: transsexual students' being present in a graduation course generates a dislocation in their identity constitution, for this context provides contact with other knowledge, causing changes in their discursive inscriptions and identity practices. The general objective of this research is to analyze the identity construction of transsexual students in this University, trying to understand how they outline their transsexuality in academic practices. The specific objectives are: 1) to notice if there is rearticulation of meanings about identity issues through academic practices experienced by transsexual people; 2) to understand how transsexual students get the idea of the academy as a place of reflection about transsexual identity; 3) to analyze the possibility of deconstructing standard discourses (power exercises) about transsexual people's physical practices in college education (UEG). To do so, I select, as a theoretical and methodological axis, an inter/transdisciplinary approach. It includes Discourse Analysis, specifically in the terms of Foucault, in dialogue with Cultural Studies, and studies about gender identity and transsexuality. For data collection, I used the AREDA proposal (Analysis of Discourse Resonance in Open Statements), out of speeches of a transsexual woman and a transsexual man, both students and collaborators of this research. The material engendered for this discussion and the data analysis are made up by structured questions and the collaborators' respective answers adapted to the formal writing modality. The discussion hints to the fact that the discursive practices of the transsexual students allow the resizing of their identities and the reframing of their social roles and places. The transsexual students resist when they speak, creating other ways to say what has already been said or is being said, and stimulate the decrease of oppressive discourses about gender in UEG. In this scenario, speaking involves creating themselves in discourse, in a game of subjectivities production, power relations, historical positions and subjective practices, because, in this analytic discursive space, history crosses linguistics for the constitution of the transsexual student. Therefore, I identify a positive collaboration of transsexual students in order to think discursivities that corroborate less essentialist and prejudiced point of views in the college education context.

Keywords: discourse analysis; discursivities; identities; transsexuality; university.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1 TRANS, QUEM ÉS TU?	27
1.1 Identidades: um olhar discursivo e cultural.....	30
1.2 Identidade de gênero: notas sobre o corpo trans	42
2 PARA ALÉM DA RUA: A UNIVERSIDADE COMO LUGAR DISCURSIVO	
TRANS	55
2.1 A Universidade Estadual de Goiás como espaço de possibilidades para as discursividades trans	59
2. 2 Ressonâncias discursivas: vozes que ecoam no espaço institucional..... acadêmico	62
3 (SOBRE)VIVER RELACIONANDO: (RE)CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE	
TRANS	81
3.1 A legitimação da identidade trans por meio do cuidado de si na..... universidade.....	85
3.2 Pode o corpo trans falar?	100
4 (IN)CONCLUSÕES.....	107
REFERÊNCIAS	115
APÊNDICES	119

INTRODUÇÃO

Gostaria de perceber que no momento de falar uma voz sem nome me precedia há muito tempo: bastaria, então, que eu encadeasse, prosseguisse a frase, me alojasse, sem ser percebido[a] em seus interstícios, como se ela me houvesse dado um sinal, mantendo-se, por um instante, suspensa. (FOUCAULT, 1996, p. 5).

Essa pesquisa instaura um momento de fala desta pesquisadora que enuncia de um lugar específico das estruturas de saber-poder que permeiam as relações sociais: mulher branca cis heteronormativa; contudo, este não é o mesmo lugar que a/o colaboradora/or que atravessa esta dissertação ocupam, e que são, também, falas da presente pesquisa. A/o discentes trans¹ que colaboram comigo nesta escrita dissertativa são sujeitos que transicionam as fronteiras de gênero, construindo outros discursos sobre corpos. Promovo, nesta dissertação, espaço para a enunciação de “uma voz sem nome [que] me precedia há muito tempo”. (FOUCAULT, 1996, p. 5). O intuito a que me refiro, não é falar por ela/e, mas construir em conjunto, construir essa pesquisa não a partir dela/e, mas com ela/e, pois a/o discentes trans reivindicam que sua voz seja ouvida pela e na academia. Falar com ela/e é uma construção colaborativa de produção de conhecimento, mitigando certos posicionamentos metodológicos de pesquisa, hierárquico e positivista, que a academia quase sempre nos impõe e aos quais precisamos resistir.

A introdução, desta dissertação, é escrita em primeira pessoa, pois considero relevante contextualizar-me como sujeito/pesquisadora, narrando a historicidade da presente pesquisa e sua construção inicial, comentando algumas percepções que foram fundamentais para a realização e escrita da dissertação. Após isso, um percurso subjetivo inicial de construção deste texto dissertativo, adentro ao universo científico-acadêmico, mantendo a voz na primeira pessoa do singular, pois como analista de discurso me projeto e me envolvo com a pesquisa. Nessa vertente, a interpretação faz parte do próprio objeto de estudo da analista e é importante

¹ Intento, neste texto, adotar uma linguagem mais democrática, nesse caso com a alternância a/o pois, entendo que o genérico masculino consiste numa estratégia linguística naturalizada socialmente que apaga, silencia, nega a cidadania das outras identidades. Contudo, tal esforço não contempla palavras que, gramaticalmente, não aceitam a dupla marcação, como, por exemplo, a palavra "sujeito" que é usada várias vezes no texto.

ressaltar que a analista está envolvida no processo de interpretação das narrativas. O lugar da analista do discurso não é um lugar neutro do qual se possa averiguar a verdade dos processos de produção de sentido, mas um jogo de posicionamentos que lhe permitam trabalhar no entremeio localizado entre a interpretação e a descrição. A analista se coloca numa dada posição que lhe permite observar o processo de construção de sentidos em condições postas (FOUCAULT, 1996).

Desde que iniciei as atividades acadêmicas na Universidade Estadual de Goiás, como docente no ensino superior, efetivada em concurso público, em 2015, venho me preparando para realizar um estudo, em nível de Pós-Graduação *Stricto Sensu*, que pudesse contribuir com minha formação pessoal, profissional, acadêmica, com as pesquisas institucionais e com a sociedade.

Em 2017 fui convidada pelo professor Dr. Rezende Bruno de Avelar a compor o quadro da Coordenação de Direitos Humanos e Diversidade da Pró-Reitoria de Graduação da Universidade Estadual de Goiás (doravante, UEG), com a função de assessora acadêmica. Nesse período em que estive envolvida com as questões de Direitos Humanos e Diversidade, tomei contato com as mais diversas situações relacionadas a/o discentes, dentre elas a questão de gênero, sexualidade e modos plurais de existência.

Como colaboradora nessa coordenação, aprofundi os conhecimentos sobre gênero, observei as dificuldades encontradas pela/os discentes homossexuais e transexuais no que diz respeito aos seus anseios, suas dúvidas, sua formação, questões estruturais e acadêmicas da universidade para o convívio na diversidade. Esse período foi de grande valia e motivo para ideias e projetos, nascendo em mim uma disponibilidade e interesse em contribuir, por meio de pesquisas na área de gênero e sexualidade, com a comunidade transexual num contexto de universidade/academia.

Destaco aqui o quão profundamente relevante foi o trabalho desenvolvido pelos membros da Coordenação de Direitos Humanos e Diversidade, durante o período de 2016 a 2018, para a implantação de políticas educacionais no âmbito desta universidade. O trabalho coordenado pelo professor Dr. Rezende Bruno

possibilitou um novo olhar para a comunidade LGBTQ+² dentro dos espaços acadêmicos da UEG.

Nesse percurso de convivência, experiência docente, relações interpessoais e estudos, participei do processo seletivo do ano de 2019, sendo selecionada como aluna regular no Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Língua, Literatura e Interculturalidade, na UEG, Câmpus Cora Coralina (POSLLI/UEG/CÂMPUS CORA CORALINA). Após diálogos, nas disciplinas, com docentes e outras/os mestrandas/os, nasceu a proposta de realizar uma pesquisa, em Análise do Discurso, acerca das discursividades da/o discentes transexuais cursando graduação na UEG. Neste diálogo, foi estruturado, delimitado e demarcado que as discursividades de discentes transexuais, cursando graduação na UEG, era o objeto de estudo da presente pesquisa.

Nesse enquadramento, pensei sobre a construção de sentidos por sujeitos marginalizados, agora ocupando um espaço privilegiado, a universidade, que até então lhe fora social e historicamente negado. O sujeito transexual, no espaço universitário, provoca uma nova elaboração de construção discursiva para os espaços que esse sujeito pode/deve ocupar na sociedade.

E, esta pesquisa, emerge da intenção de discorrer acerca das discursividades da/o discentes transexuais, matriculada/o e frequentando cursos de graduação na UEG, a partir de motivações advindas das reflexões, leituras e discussões no contexto da instituição, observando o engajamento da identidade trans com as questões acadêmicas. No decorrer das experiências como docente desta universidade e como mestranda do POSLLI/UEG/Câmpus Cora Coralina, percebo a necessidade de debruçar sobre a comunidade discente transexual (doravante, discente trans) para a compreensão de suas práticas discursivas, práticas estas relacionadas as suas relações com o próprio corpo, suas relações afetivas com os colegas universitárias/os, com os docentes, o ingresso e a permanência na instituição, levando em consideração o contexto universitário com suas nuances linguísticas e culturais.

² LGBTQ+ é uma sigla que se refere às LGOAs que são Lésbicas, Gays, Bi, Trans, Queer e mais. Disponível em: <https://www.educamaisbrasil.com.br/educacao/dicas/qual-o-significado-da-sigla-lgbtqia>. Acesso em: 10 ago. 2020.

Assim, após o direcionamento para delimitação do tema da pesquisa, o projeto do presente estudo foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética da instituição, tendo em vista que este trabalho dissertativo, por se tratar de entrevista com pessoas, pede zelo e responsabilidade para com os sujeitos trans colaboradores. Ressalto que o manuseio das respostas da/o colaboradora/or pela pesquisadora obedece aos códigos éticos regulamentados, aos comitês de ética e outras instâncias, buscando o bom senso e buscando equilibrar as necessidades da pesquisadora e a integridade da/o discentes trans entrevistada/o, na busca do/pelo conhecimento.

No que se refere para submissão do projeto ao Comitê de Ética³, faço um aparte, não no sentido de discordar da relevância de tal submissão e aprovação do Comitê, contudo, como pesquisadora de uma linha de pesquisa sobre Língua e Interculturalidade, na perspectiva da Análise do Discurso, atravessada pelas pesquisas de identidade de gênero e transexualidade, preciso evidenciar algumas barreiras encontradas durante a submissão do projeto à Plataforma Brasil / Comitê de Ética. Esta foi uma barreira institucional e discursiva, pois o processo de inserção do projeto de pesquisa e toda extensa documentação foram dificultosos. Percebi que a plataforma tem toda uma construção linguística que solicita das/dos pesquisadoras/res domínio e manejo da mesma. Nesse sentido, considerei-a enigmática, de difícil compreensão e acesso ao manejo das ferramentas e a movimentação na referida plataforma. Também, é relevante dizer que esta plataforma apresentou diferenças quanto às interpretações que fez dos projetos submetidos, pois tentou aplicar apreciações das áreas biomédicas em estudos linguísticos/discursivos. O exame que a plataforma teve do projeto foi bem enrijecido e, por vezes, fez questionamentos de determinadas questões, por exemplo, o apagamento das subjetividades da/o entrevista/o, sendo que essa subjetividade era justamente o que se pretendia observar com a pesquisa e que, portanto, para esta pesquisa são essenciais isso construiu barreiras que delongaram a aprovação desta pesquisa. Remarcamos que subjetividade não é documento de identidade. Nesse sentido, analisa-se a subjetividade não no que pode identificar o sujeito pessoalmente, mas no que é regular e dispersivo na comunidade trans como um todo.

³ Disponível em: <http://www.cep.ueg.br/>. Acesso em: 13 abr. 2019.

Por vezes pensei: não seria melhor um *corpus* já sedimentado, com o escopo materializado e por ser público não precisaria da submissão ao Comitê? Rapidamente respondo: não, não seria. Insiro-me numa pesquisa de resistência (FOUCAULT, 2004) e começo por resistir à plataforma. A pluralidade da existência humana, que se materializa na língua por meio dos discursos, é que motiva este trabalho e me posiciono no ativismo discursivo-linguístico-educacional (SOUZA, 2009) ao escolher como colaboradores sujeitos transexuais excluídos e socialmente silenciados.

Parto do pressuposto de que, ao fazer pesquisa, faço política (MOITA LOPES, 2006, 2010) e esta pesquisa, analisando discursividades de discentes trans, um grupo marginalizado (FRANCESCHINI; FERNANDES JÚNIOR, 2019), instaura-se como trabalho de resistência, sem ferir ou negar os preceitos do Programa de Pós-graduação em Língua, Literatura e Interculturalidade no qual está inscrita.

A respeito da resistência, amparo-me em Foucault quando diz:

[...] as artes da existência [...] devem ser entendidas como as práticas racionais e voluntárias pelas quais os homens buscam transformar-se e modificar seu ser singular, e fazer de sua vida uma obra que seja portadora de certos valores que corresponda a certo estilo. (FOUCAULT, 2004, p.198-199).

E ao convidar discentes transexuais para colaborarem com a pesquisa, sujeitos marginalizados, discussões sobre identidade de gênero e transexualidade⁴ passam a atravessá-la, e ousar, nesse sentido, buscar construir num espaço de promoção de vozes (RIBEIRO, 2017) e de resistência via língua(gem)/discurso.

Percebo que é preciso pautar temáticas para as quais ainda são urgentes a elaboração de políticas educacionais, pois são questões da ordem dinâmica, subjetiva e política da pesquisa científica. Pautando a transexualidade, neste estudo linguístico-discursivo, evidencio o desejo de promover espaço para essa voz, para esse corpo marginal e subalternizado, refletindo acerca de políticas educacionais linguísticas no horizonte da universidade.

Após essa narrativa, em que trago o posicionamento e a historicidade da presente pesquisa, passo agora a contextualizá-la estruturalmente. Destarte, nas próximas linhas, trato da especificidade deste estudo, as perguntas de pesquisa, a

⁴ Estes conceitos são explicados no capítulo um desta dissertação.

hipótese aventada, bem como os objetivos. Ainda esclareço a que *corpos* de pesquisa me dedico e que metodologia utilizo para as análises.

Nesse intuito, a presente pesquisa visa a problematizar: i) como a/o discentes trans, entrevistada/o, veem a UEG, no que diz respeito à construção de outras possibilidades de vida profissional, saindo da marginalização, na diversidade?; ii) em que medida a/o entrevistada/o compreendem as políticas públicas da UEG, como propiciadoras ou não de elementos que possam contribuir para sua constituição como discentes trans?; iii) as práticas socioeducacionais na UEG, evidenciam – ou podem evidenciar – movimentações e deslocamentos em crenças, valores, saberes por meio de discursos e vivências transexuais?.

A partir dessas problematizações, a hipótese é que o fato de discentes trans estarem presentes em um curso de graduação provoca um deslocamento na constituição identitária da/o mesma/o, na medida em que esse contexto promove contato com saberes outros, ocasionando, com isso, mudanças nas suas inscrições discursivas e suas práticas identitárias, instaurando uma produção outra de subjetividade. Nesse sentido, destaca-se que o sujeito transexual e o discurso estão em constante movimento.

Demarco, nesta pesquisa, o objetivo geral de analisar a produção de subjetividade de discentes trans na UEG, buscando entender como a/o discentes em questão delinea a sua transexualidade em práticas universitárias. E como objetivos específicos, i) observar se há resignificação de sentidos, ao analisar as formações discursivas, sobre as questões identitárias por meio das práticas acadêmicas experienciadas pelos sujeitos transexuais; ii) compreender como a/o discentes trans percebem a UEG como lugar de reflexão sobre as categorias gênero e sexualidade; iii) analisar a possibilidade de desconstrução de discursos padronizados (exercícios de saber e poder) sobre as práticas corporais dos sujeitos trans, no contexto educacional superior tomando a transexualidade como ruptura e acontecimento, histórico, que atravessa e aflora, especialmente, no espaço universitário.

Desse modo, neste estudo, pondero como a/o discentes trans deslocam processos identificatórios por meio de suas práticas discursivas no âmbito desta universidade, e se estas práticas discursivas permitem reestruturar discursos outros sobre identidade de gênero e transexualidade no panorama acadêmico. Em suma, enunciar sobre ser discentes trans, levando em consideração quem enuncia e as

práticas discursivas no espaço do qual se enuncia, buscando compreender as relações de saber e poder que se instauram a respeito da identidade de gênero na UEG, observando que efeitos de sentidos deslizam sobre esta universidade.

Esta reflexão se instaura a partir da perspectiva foucaultiana (1996, 2008) de discurso e Análise do Discurso (doravante, AD), pois é por meio dessa perspectiva de discurso e AD que emerge minha inquietação de como, por meio do discurso, a sociedade regula e se apropria dos enunciados acerca da transexualidade, para conformar às leis e normas reguladas por relações de saber e poder. Amparando-me neste autor, objetivo uma análise do discurso que, assim como a história, não se desvie do acontecimento e que procure reconhecer a regularidade dos fenômenos e os limites de probabilidade de sua emergência. A analítica de Foucault (1996) parte de uma crítica que investiga as formas de exclusão, de limitação e de apropriação do discurso. Para o autor, as enunciações são formadas e apoiadas em sistemas de coerção, pressupondo uma norma específica e condições para seu aparecimento. E pensa isso a partir do pressuposto de que o “exercício do poder cria perpetuamente saber e, inversamente, o saber acarreta efeitos de poder. [...] Não é possível que o poder se exerça sem saber, não é possível que o saber não engendre poder”. (FOUCAULT, 2000, p. 142).

A AD, que ampara este estudo, argumenta que os sujeitos são atravessados por discursos que se manifestam na materialidade dos enunciados, consonante a condição sócio-histórica. Sob essa lógica de investigação analítico-discursiva, analiso os enunciados que formam o *corpus* dessa dissertação, também, a partir de um alinhamento com uma metodologia de pesquisa bibliográfica de abordagem qualitativa (GIL, 2002), como estudo de caso, respaldada nos pressupostos da modalidade *Análise de Ressonâncias Discursivas em Depoimentos Abertos* (doravante, AREDA) (SERRANI-INFANTE, 1998).

A proposta AREDA foi desenvolvida pela pesquisadora Silvana Mabel Serrani-Infante e versa sobre a construção de entrevistas estruturadas por meio de gravação de respostas a perguntas abertas as quais são entregues à/ao colaboradora/or por meio eletrônico e/ou pessoalmente. A/o colaboradora/or gravam seus depoimentos sozinha/o, sendo que o “conjunto de perguntas pode ser entregue de uma só vez para que [a/o colaboradora/or] possa começar a falar a partir da pergunta que [a/o] estimule mais”. (SERRANI-INFANTE, 1998, p. 152).

É relevante mencionar que, para a AREDA, a/ao colaboradora/or grava os seus depoimentos sozinho/a, porque a presença da pesquisadora pode interpelá-la/o em suas respostas. Como a pesquisadora não está presente na gravação dos depoimentos, a/o contribuinte da pesquisa, não se sente coagido/a a emitir uma dada resposta que, supostamente, seria esperada pela pesquisadora. Portanto, a/o colaboradora/or são livres para emitirem os seus depoimentos a partir da lista de questionamentos elaborada.

Dessa forma, o material gerado para a discussão de dados é composto por perguntas estruturadas, descritas no corpo deste trabalho no início dos capítulos de análise, pois não há a participação presente da pesquisadora, e suas respectivas respostas adaptadas à modalidade escrita e formal da língua, mantendo o léxico utilizado pela/o colaboradora/or. Convém mencionar que das respostas foram substituídas palavras ou nomeações que permitam identificar estes sujeitos que colaboraram com esta pesquisa, atendendo um pressuposto ético da pesquisa. Essa substituição foi pensada de forma a minimizar mudanças de (efeitos de) sentidos nas respostas.

A distribuição dos enunciados da/o entrevistada/o, no decorrer da dissertação, se apresenta destacados e enumerados da seguinte forma: [01S01E01], em que 01 é a sequência numérica de enunciados, S01 identifica o sujeito colaborador que enuncia, E01 mostra a sequência numérica do enunciado de cada sujeito colaboradora/or. A identificação do sujeito colaborador, S01 e S02, segue a ordem alfabética de seus respectivos nomes. Logo após essa numeração, optou-se por manter também o nome escolhido por ela/e, essa manutenção é relevante pelas questões sociais atribuídas aos nomes na sociedade, pois o nome também remarca questões de (subversão) de gênero. Adoto essa dinâmica, pois considero nessa distribuição, no que se refere a esta pesquisa, que uma formação discursiva aparece em grupos dissimilares de enunciados, mas com conteúdo e modo de enunciações correspondentes, cabendo à pesquisadora indicá-los de acordo com as simetrias discursivas que se apresentam.

Dessa forma, proponho uma análise discursiva de depoimentos, tentando detectar posição sujeito do sujeito da enunciação. Dizendo de outra forma, interessa-me, a partir dos depoimentos, entender como a inserção da/o discentes trans na universidade possibilita mudanças em suas constituições de sujeitos trans. E, ao analisar o discurso, observo representações de processos identificatórios,

construções discursivas de posições dos sujeitos (SERRANI-INFANTE, 1998). Essa análise das narrativas orais possibilita a percepção das formações discursivas constituintes, constituídas e constitutivas da/o discentes trans, a partir da sua inscrição no contexto universitário.

Ressalto que esta pesquisa é de natureza qualitativa, por isso busca descrever, analisar e interpretar os dizeres da/o discentes trans e, para tanto, lança mão da proposta AREDA. Proposta esta que se insere num espaço interdisciplinar e transdisciplinar, de cunho qualitativo, para dialogar com posições teóricas e metodológicas que contribuem com a discussão aqui proposta.

A pesquisa qualitativa, segundo Gil (2002), é de natureza interpretativa e o interesse ao pesquisar não é universalizar dados ou construir verdades universais, mas partir dos dados para propor um olhar discursivo ao interpretá-los. Reporto novamente a Gil (2002) para afirmar que a escolha por essa modalidade de pesquisa reside nos significados que as pessoas/pesquisadores atribuem aos objetos e/ou eventos, por elas/es pesquisados.

Valiosas são as pesquisas em Estudos Linguísticos que abordam a transexualidade num viés analítico discursivo e muito contribuem com esta pesquisa e que são citadas no decorrer do texto. Contudo, menciono que essas pesquisas e estudos elaboraram suas análises a partir de depoimentos aos pesquisadores por sujeitos transexuais que participaram de suas pesquisas, numa tentativa de compreensão do que seja a transexualidade e sua afirmação como uma identidade de gênero e a desconstrução de sua marginalidade. Há nesses estudos a presença de narrativas que argumentam elementos legitimadores da transexualidade como digna de atenção, mas nenhuma dessas produções se refere ao espaço universitário como espaço enunciativo para o corpo trans num evidente revezamento entre diversas áreas.

Entretanto, o intuito deste estudo, é de (re)pensar um ambiente educacional universitário público mais democrático e inclusivo, sustentando e atestando a relevância acerca de construir outros sentidos que possam deslizar sobre a transexualidade, dentro do espaço universitário, e realizar isso por meio da participação ativa da/o discentes trans, considerando as posições que esses sujeitos tomam no envolvimento com o processo educacional superior. Assim, desenvolvo esta pesquisa, a partir de um caráter acadêmico, educacional e social,

tema sobre o qual me debruço pelo viés foucaultiano de discurso e pela análise de discurso francesa.

Desta forma, pondero que é possível estabelecer um diálogo entre os estudos no âmbito do discurso e os de transexualidade. Ao trazer temas de interesse dos estudos de identidade de gênero (transexualidade), inseridos nos pressupostos teóricos dos estudos discursivos, volto às teorias, conceitos e autores para interpretar discursivamente o *corpus* desta pesquisa. Interrogar a identidade como um efeito de discurso, um processo de subjetivação pela confissão e pelo dizer a verdade de si (FOUCAULT, 2004). E, a partir do dizer, a verdade de si é evidenciada a partir de deslocamentos que evidenciam fluidez de identidades o que faz sugerir aberturas para ressignificação e recontextualização do sujeito trans na universidade.

Assim, inicialmente, para se chegar a/ao discente transexual, colaboradora/or deste estudo, realizei contato com a Coordenação de Direitos Humanos e Diversidade, solicitando informações acerca dos cursos em que esta/e discente estaria matriculada/o e frequentando. Esta Coordenação, em razão de todo o trabalho institucional que realizava junto as/os estudantes, tinha esta informação devido à implementação do uso do nome social⁵ no âmbito da UEG (UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS, 2015). Então, em um primeiro momento, foi repassado, pela Coordenação citada, o nome dos Câmpus/Unidades/Cursos em que haviam discentes transexuais cursantes.

De posse dessas informações, o primeiro contato foi com as coordenações de Câmpus e Unidades onde as/os discentes estavam matriculadas/os e frequentando um curso de graduação. Por meio do e-mail institucional, o estudo foi apresentado e solicitado que estas coordenações conversassem com as/os discentes acerca da pesquisa e, como sugestão, que repassassem o contato da pesquisadora às/aos discentes ou, caso as/os mesmas/os autorizassem, que as coordenações passassem à pesquisadora os contatos delas/es. Assim, dois discentes fizeram contato, por e-mail, com a pesquisadora e os demais contactados por e-mail, mediante suas autorizações para as coordenações de Câmpus e Unidades.

⁵ O “nome social” será tratado conceitualmente no capítulo dois.

Destas/es discentes para os quais foram encaminhados os e-mails, apenas 2 (dois) retornaram. Dessa forma, entrei em contato, por telefone e, após vários diálogos e trocas de e-mails, das/os quatorze discentes, pretensos colaboradores, apenas uma/um aceitaram colaborar. As/os demais silenciaram e não chegaram a dizer por quais razões não queriam contribuir. Contudo, o não retorno da maioria das/dos discentes trans é significativo, pois segundo Orlandi (1995) o silêncio é um retirar-se por quem não consegue, ainda, narrar sua dor.

A partir disso, fez-se uma conversa mais próxima pelo aplicativo *whatsapp* com as/os estudantes que aceitaram colaborar com a pesquisa. Evidencio a esse respeito, no que tange a ser uma/um colaboradora/or, o fato de que apenas dois sujeitos colaboradoras/ores não invalidam a pesquisa, pois ela/e são sujeitos com vozes sociais que precisam ser ouvidas, descritas e analisadas. Dessa maneira, a/o colaboradora/r são uma discente trans e um discente trans matriculada/o e frequentando curso de graduação em licenciaturas na UEG. Sobre a/o colaboradora/or, veja no quadro abaixo algumas informações sobre a discente mulher trans, Larissa, e o discente homem trans, Antônio⁶:

Quadro 1 – Informações pessoais da/o colaboradora/or

Nome	Idade	Estado Civil	Raça	Classe Social	Curso
Antônio	21 anos	Solteiro	Pardo	Baixa	Matemática
Larissa	30 anos	Solteira	Branca	Baixa	Letras

Fonte: Dados da presente pesquisa.

Após entrar em contato com a/o discentes, para os trâmites necessários à pesquisa, as questões foram enviadas por e-mail e após a devolutiva, a pesquisadora foi ao encontro da/o colaboradora/or nas dependências do Câmpus/Unidade da UEG onde a/o mesma/o estudam. E orientando-me pela metodologia AREDA, solicitei à/ao colaboradora/or uma gravação de seu depoimento, por meio de um aplicativo de gravação no aparelho celular dela/e mesma/o, seguindo o roteiro de perguntas que lhe fora enviado por e-mail.

⁶ Ressalto que estas nomeações foram sugeridas pela/o própria/o colaboradora/or, como modo de preservar suas identidades, e não coincidem com os nomes sociais da/o mesma/o.

O roteiro compõe-se de vinte questões pensadas a partir de cinco eixos, a saber: i) a Instituição, ii) o Câmpus, iii) os Docentes, iv) os Discentes, v) e a Vida Social (APÊNDICE A). As perguntas foram construídas no sentido de que a/o colaboradora/or respondam a partir de sua percepção sobre sua relação com estes eixos. À medida que a/o discentes respondiam às perguntas, os depoimentos gravados foram enviados para a pesquisadora, por meio de mensagem de áudio no aplicativo *whatsapp*.

Dito isso, apresento a estrutura desta dissertação, que traz no capítulo um os fundamentos teóricos necessários a amparar este estudo e, no segundo e terceiro capítulos as análises dos depoimentos. Opto por uma démarche teórico-analítica que consiste da teorização a partir de gestos de descrição-interpretação-análise dos dados. A discussão é feita com base em estudos foucaultianos (1996, 2008) acerca da relação constitutiva, constituinte e constituída de sujeito e discurso. Desse modo, busco compreender as dinâmicas pelas quais a/o discentes trans, por meio de suas enunciações, deslocam suas identidades. As análises propostas são linguístico-discursivas, pois parte do linguístico para compreender o que foi discursivizado e por meio de materialidades linguísticas, entender o que foi enunciado.

Nesse viés de AD, realizo o delineamento de discursividades de discentes transexuais, a fim de descrever como este corpo trans se concebe atualmente no horizonte universitário, a partir de um posicionamento de análise histórica, que apropria os discentes trans, enquanto acontecimento em razão às relações de força existentes que permeiam saberes e poderes, disputas por espaços discursivos pelos sujeitos historicamente circunscritos.

Esta proposta de análise de discurso (FOUCAULT, 1996, 2008), em que está estruturada esta pesquisa, se ancora na metodologia de Análise do Discurso, também desenhadas por este autor, que concebe o sujeito como foco central de suas pesquisas, procurando pensar como o discurso, o saber, o poder e a relação com a história produzem discursos para responder à célebre questão: quem somos nós hoje?

Para Foucault (1996, 2008), os discursos produzem sujeitos, ao escopo das relações e dos exercícios do poder, em consonância com as resistências, a saberes historicamente construídos. É incumbido ao analista do discurso interpretar estes saberes e poderes para fazer uma história do presente, para mostrar como as

transformações históricas foram responsáveis pela constituição dos sujeitos (GREGOLIN, 2008).

Uma Análise do Discurso parte do pressuposto de que as práticas discursivas obedecem a certas regras, e que estas regras estão manifestas no discurso. Importa descrever sistematicamente um discurso e ao fazê-lo, o faz em termos teóricos, cuidando demonstrar que regras regem as práticas discursivas e dirigem o discurso, tentando entender como estes discursos constroem os sujeitos que enunciam, pois, a proposta

consiste em não mais tratar os discursos como conjuntos de signos (elementos significantes que remetem a conteúdo ou a representações), mas como práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam. Certamente os discursos são feitos de signos; mas o que fazem é mais que utilizar esses signos para designar coisas. É esse mais que os torna irreduzível à língua e ao ato de fala. É esse “mais” que é preciso fazer aparecer e que é preciso descrever. (FOUCAULT, 2008, p. 55).

Dessa forma, este método de AD como maneira de analisar o discurso, não procura encontrar apenas regularidade no funcionamento dos discursos, mas descrever a individualidade e a singularidade do discurso. O que o método pretende é descrever o discurso como produto de uma verdade que se instaura devido a condições de possibilidade, considerando o discurso como um campo de disputa para instaurar uma verdade. Foucault assente que o discurso, ao ser pronunciado em um dado momento da história, revela uma “vontade de verdade” e um “sistema de exclusão” que exercem, sobre outros discursos, “[...] um poder de coerção” (FOUCAULT, 1996, p. 17-18). Para tanto, o autor se refere ao discurso atravessado por algo externo que é o poder. Nesse viés, considera-se o discurso em sua condição de produção, sendo este limitado por procedimentos de controle que se apresentam de modo externo.

A AD se apresenta, assim, como possibilidade metodológica, para este trabalho, que viabiliza uma análise da historicidade das condições sociais, culturais e políticas de aparecimento do discurso trans, de modo a identificar a regularidade deste discurso, isto porque “[...] não nos encontramos no verdadeiro senão obedecendo às regras de uma “polícia” discursiva que devemos reativar em cada um de nossos discursos”. (FOUCAULT, 1996, p. 35).

Enfim, faço uso, nesta pesquisa, de uma arqueologia que estuda as regras discursivas de produção histórica de saberes e uma genealogia que se debruça em

compreender as relações que constituem poder, saber e corpo (trans), abrangendo a constituição histórica do sujeito trans. Investigo a posição e formação do sujeito trans na universidade, por meio das regras discursivas de seu saber acerca da sua constituição discente trans, e sua posição-sujeito, por meio das práticas discursivas.

Nesse sentido, os enunciados das/os discentes trans são atravessados por discursos que envolvem o que ela/ele dizem, como ela/ele enunciam, para quem se dirigem, o contexto enunciativo, as vozes, os sentidos que a/o constituem, a historicidade que a/o interpelam como sujeito. Tomo aqui discurso (FOUCAULT, 2008) como prática que associa a língua com outras práticas do campo social. Posso escrever que discurso se constitui a partir de regras históricas marcadas num determinado tempo espaço, definindo as condições do dizer (FOUCAULT, 2008). Reitero que práticas discursivas são, de algum modo, uma junção entre discurso e prática social que reúne componentes que fabricam e ajustam os discursos nas instituições e nas relações sociais, demonstrando relações de saber e poder, além de determinar funções e formas de comportamento num determinado espaço (FOUCAULT, 2008). As narrativas enunciadas pela discente mulher trans e pelo discente homem trans, aqui selecionadas, mostram práticas discursivas por meio das quais a/o discentes trans tanto se formam como são transformada/o discursivamente pelas interações que vivenciam no contexto universitário.

Caminhando nesta direção, esta introdução traz a historicidade da pesquisa, que desvela de inquietações acadêmicas tecidas no percurso da dissertação, pois há um posicionamento de pesquisadora e sujeito que produzem sentidos outros para a prática pessoal/profissional/acadêmica. Ainda, trato da especificidade deste estudo, esclarecendo a que corpus de pesquisa me dedico os objetivos, as perguntas, a hipótese aventada, a justificativa e a metodologia da análise. Neste tópico contextualizo a pesquisa, indicando o lugar teórico de onde enuncio e, na sequência, abordo as interpelações para a construção desta dissertação a partir das condições de produção e, ao finalizar este tópico, explico como o trabalho foi concebido e estruturado.

Na continuidade da composição do texto em tela, no primeiro capítulo, intitulado “Trans, quem és tu?”, discuto a respeito de identidade de gênero e transexualidade num panorama de interseccionalidade dos Estudos Culturais com a AD. Aludo que os Estudos Culturais abrangem a identidade como uma construção discursiva que produz efeitos de sentido, quando situada historicamente no interior

dos discursos na qual é produzida. As teorizações sobre a construção de identidades com base em “gênero” e “transexualidade”, num viés cultural e discursivo, remete-me para reflexões situadas na interseccionalidade destes dois conceitos, problematizando a lógica cristalizada de identidade. Examino a construção de sentidos acerca do corpo trans, percorrendo a intersecção entre condições históricas, as condições de possibilidade dos discursos, condições estas imbricadas com a linguística, cultura, educação, a utilização dos saberes e posicionamentos dos sujeitos trans, numa fase da história, sua entrada e permanência na universidade. Trago, também, neste capítulo teorizações foucaultianas que sustentam a presente pesquisa no entendimento de que todo deslocamento identitário se dá vinculado a uma rede de enunciações que o ancora e o legitima, ou seja, as identidades se fundam no interior das instituições, aqui a academia, e estão ligadas à cultura e ao discurso, de onde elas retiram práticas discursivas como parte de construção social da identidade trans. Entendo que, por meio da instrumentalização dos conceitos e noções no domínio da AD, posso realizar a discussão e análise das narrativas da/o colaboradora/or e enunciativa/or desta, a fim de problematizar discursividades sobre o corpo trans.

Suscito, no segundo capítulo, intitulado “Para além da rua: a universidade como espaço discursivo trans”, uma análise a partir dos eixos Instituição e Câmpus, pertinentes às questões estruturadas que tiveram suas respostas enunciadas pelos colaboradores. Intento discorrer acerca da possibilidade de desconstrução de discursos padronizados (exercícios de saber e poder) sobre as práticas corporais dos sujeitos trans no contexto educacional superior (UEG), discutindo como esses corpos materializam-se na UEG. Destaco práticas corporais, históricas, entrelaçadas de saber e poder (FOUCAULT, 1996, 2008), (GREGOLIN, 2015) sobre os corpos trans, onde a UEG nos seus Câmpus, em que a/o discentes trans estudam, são o *locus* de enunciação. Faço essa manifestação teórico-analítica a partir de uma reflexão por meio das concepções de que o sujeito discente trans é constituído e se constitui na e pela relação que estabelece com o outro, nas diversas e plurais interações e em diferentes lugares na sociedade e, neste capítulo, tomo este outro como sendo a instituição UEG.

O terceiro capítulo, intitulado “(Sobre)viver relacionando: (re)construção da identidade trans” finaliza este trabalho, direcionando as análises para os eixos “Docentes”, “Discentes” e “Vida Social”, pertinentes às questões estruturadas que

a/o colaboradora/or responderam a datar de suas enunciações. A posição-sujeito outro que se relacionam com a/o discentes trans no âmbito da universidade/câmpus, neste capítulo, são as/os docentes e discentes. Ao analisar questões sobre o eixo “Vida Social”, pode-se caminhar para além dos muros institucionais a fim de pensar como a inscrição dos discentes trans no espaço da universidade incidiu nas relações delações deles com os outros sujeitos na sociedade.

Por fim, no encaminhamento desta dissertação intitulado “In(conclusões)”, apresento os efeitos da pesquisa como forma de se provocar alguns deslocamentos na rearticulação de sentidos sobre as questões identitárias, por meio das práticas acadêmicas experienciadas pelos sujeitos transexuais, na medida em que estes discentes percebem, ou não, a UEG como lugar de reflexão sobre identidade de gênero e transexualidade.

1 TRANS, QUEM ÉS TU?

[...] os corpos se reconhecem a si mesmos não como homens ou mulheres, e sim como corpos falantes, e reconhecem os outros corpos como falantes. (PRECIADO, 2014, p. 21.).

Neste capítulo, apresento os elementos de interculturalidade (CANCLINI, 1998) que atravessam este estudo linguístico discursivo e aponto o delineamento que sustenta esta pesquisa com considerações pertinentes para situá-la enquanto estudo em AD, numa perspectiva intercultural atravessada por discursos subalternizados. Avento uma breve discussão dos sujeitos colaboradores da pesquisa para o qual meu olhar de pesquisadora se volta, resgatando os estudos acerca de identidade de gênero e transexualidade. Abordo sobre a construção do corpo transexual, à luz dos pressupostos teóricos dos estudos culturais de identidade de gênero, partindo de uma análise crítica e subversiva da concepção de identidade fixa/essência do sujeito, principalmente aquelas ligadas ao sexo. Discorro também sobre o que Foucault (2001, 1988) discute sobre o corpo como suporte para inscrição de discursos, corpo que se mostra atravessado pelas relações de saber-poder, enquanto substância fundamental no processo de subjetivação do sujeito trans. E, a partir da citação inicial de Preciado (2014), neste capítulo, reflito que a linguagem pode revelar deslocamentos identitários por meio da materialização do corpo trans pelos discursos que ela/e enunciam sobre suas identidades trans. Pois sendo a linguagem atividade própria do sujeito, esta torna-se um tipo de saber-poder que este sujeito se vale para comunicar, trocar experiências, estabelecer vínculos sociais, por intermédio dos saberes e crenças pronunciados na sociedade, levando em conta o espaço histórico do discurso.

Parto de uma abordagem que pensa o corpo como espaço de: i) construção de um sistema de estruturas que regulam e controlam o corpo e os usos que a eles são atribuídos; ii) opressão; iii) resistência (FOUCAULT, 2001, 1988); dito de outra forma, um espaço dotado de variadas maneiras de ler significações e materialidades simbólicas, onde constituem-se os sujeitos que são, historicamente, atravessados na e pela linguagem. Isto é, o corpo é interpretativo e singular, possuindo diferentes valores que se transformam de acordo com a ótica de quem os olha (AZEVEDO;

BRAGA; SILVA, 2020). O corpo, então, funciona como um modo de exteriorização de subjetividades, e uma unidade discursiva que produz efeitos de sentidos que se dão em meio a lutas constantes entre o sujeito e as regulamentações sociais que abrigam uma série de regras e princípios fundamentados a partir de saberes cis heteronormativos.

E, na medida em que reflito sobre este corpo como espaço de construção, opressão e resistência (PRECIADO, 2014), produzo uma exposição crítica acerca de uma resistência, das identidades trans, em meio a ótica da cis heteronormatividade. Um sujeito é chamado cisgênero (do latim cis = do mesmo lado) quando sua identidade de gênero está em consonância com o gênero que lhe foi atribuído ao nascer, ou seja, quando sua conduta psicossocial, expressa nos atos mais comuns do dia-a-dia, está inteiramente de acordo com o que a sociedade espera de pessoas do seu sexo biológico. Dessa forma, cisgênero é alguém que está inscrito no sistema binário de gêneros, em contraste com o transgênero, que não apresenta algum tipo de inscrição em relação a esse mesmo sistema (LANZ, 2014). Por heteronormatividade, entendo como sendo a propriedade da heterossexualidade de se apresentar como norma e lei que impõem, regulam e determinam a vivência da sexualidade (BENTO, 2008, 2017).

Para abordar as questões de gênero que atravessam esta pesquisa, discuto os conceitos de identidade de gênero e transexualidade numa perspectiva de entender as identidades como efeitos de discursos em que o processo de constituição identitária é, antes, um processo constante de subjetivação (TASSO; NAVARRO, 2012) considerando o fato de que o discurso e o sujeito são moventes. No decorrer deste capítulo, juntamente com a delimitação teórica que apresento sobre a temática a que me proponho dialogar, vou apontando as conjecturas teóricas, bem como seus respectivos autores, sob os quais me amparo para discutir identidade de gênero e transexualidade.

Quando contextualizo a identidade num cenário de diversidade e pluralidade de existir, as compreensões do sujeito que apropriado se dá pelo entendimento dos modos de subjetivação. Numa perspectiva foucaultiana, penso a subjetividade como uma produção, de modo a entender como o sujeito trans se constitui na relação consigo e com o outro e produz, pelo dizer da verdade de si, sua subjetividade. Esta produção de subjetividade (FOUCAULT, 1985, 2000, 2001, 2008) refere-se à

maneira como o sujeito se compreende enquanto um ser legítimo do conhecimento de sua identidade, sujeito percebe a si mesmo nas variadas relações que constrói.

E nesse sentido, o sujeito trans é efeito das relações de saber-poder que ali no âmbito universitário se estabelecem, ainda assim, não significa que o sujeito trans esteja submetido a uma forças externas que dita um poderes sobre seu corpo, pois posso pensar que, submetidos ao jogo de força entre saber-poder, a/o discentes trans possuem um campo de possibilidade para várias condutas e diversos comportamentos no cenário da universidade/campus, onde podem se ocupar com relações voltadas para um exercício sobre si mesma/o, por meio do qual busca o seu modo de ser e pelo qual exerce a sua subjetividade.

Isso quer dizer que, a partir de um exercício sobre si mesmo, o sujeito trans constrói, atravessado por saber histórico, sua maneira de ser e existir na UEG. É uma maneira discursiva de o sujeito constituir sua identidade trans a partir de sua subjetividade, que Foucault (1985, 2000, 2001, 2008) compreende como sendo o modo pelo qual o sujeito elabora a experiência de si mesmo e se relaciona consigo mesmo. Esta relação do sujeito trans consigo mesmo, neste texto, está sendo pensada a partir de uma prática de autoformação desse sujeito como identidade trans que se insere no contexto universitário. Para tanto, refiro-me ao entendimento de sujeito como um conceito pelo qual atravessa diferentes práticas discursivas que movimentam posições discursivas deste sujeito, emaranhadas pela história, levando-o a ocupar uma posição-sujeito própria na ordem dos discursos (FOUCAULT, 1985, 2000, 2001, 2008). Aludindo o sujeito como movente, em constante movimento e ocupando outras posições-sujeito na medida em que discursiviza, apreendo a identidade trans nessa linha de raciocínio mudável, sendo atravessada por instâncias culturais e discursivas.

As categorias identitárias são tangenciadas pelas relações culturais, históricas e sociais no aqui e agora, perpassadas por processos de saber e poder, tomadas como fatos da vida social (PRECIADO, 2014). Neste estudo, estas condições são percebidas como instâncias móveis, fluidas, relacionais e discursivas, que não podem ser naturalizadas, cristalizadas e essencializadas.

Considerando os estudos culturais e discursivos, escrevo que movimentadas pelas relações de saber-poder, as explicações sobre identidade de gênero e transexualidade mudaram ao longo do tempo/espço/história, possibilitando novos discursos e sentidos para os corpos, ajudando na compreensão da transexualidade

como um modo de vivência de gênero (OLIVEIRA, 2017; LANZ, 2014). Nesse sentido, este capítulo traz conceitos da história da construção e da constituição do corpo trans e das condições de produção de discursos acerca deste corpo e sobre o que este corpo discursiviza sobre si mesmo.

Neste cenário, o discurso é pensado como um lugar para construção e desconstrução do que seja a identidade trans e que efeitos de sentidos, na constituição destes sujeitos trans, são mobilizados por meio das discursividades da/o discentes trans, partindo da premissa que o sujeito existe na ordem do discurso.

Assim, passo a desenvolver, nas próximas seções deste capítulo, os conceitos culturais e discursivos acerca da identidade de gênero e da transexualidade bem como a abordagem de Análise do Discurso de linha francesa, pressupostos teóricos de uma análise que sustentam a discussão que proponho.

1.1 Identidades: um olhar discursivo e cultural

A temática das identidades é posta em discussão, nesta seção, considerando os estudos discursivos e culturais a datar de um movimento que questiona certezas históricas, uma delas a concepção cristalizada de identidades. Em vista disso, a identidade passa a ser um aspecto teórico abordado, também, por áreas das ciências humanas, sociais e linguísticas. Nesse sentido, a discussão que anuncio, neste subitem, ecoa que as identidades são construídas no interior dos discursos, visto que “adquirem sentido por meio da linguagem e dos sistemas simbólicos pelos quais elas são representadas”. (WOODWARD, 2003, p. 8). Pondero que tanto são situados em locais históricos e institucionais específicos e, neste estudo, as identidades e os discursos estão localizados no cenário da UEG.

Neste panorama, de examinar a dinâmica das identidades num viés discursivo, delineadas em um espaço que é histórico e institucional, faço uma breve menção às contribuições dos estudos culturais que têm sido fundamentais para o entendimento das identidades como efeitos de discursos. Assim, este trabalho se alinha aos estudos culturais da identidade, porque compreende a identidade como complexa, instável e plural. Por isso, torna-se fundamental a compreensão do que os estudos culturais têm discutido sobre identidade para, a contar disso, investigar a manifestação discursiva desta pesquisa, os discursos da/o discentes trans.

Ao situar a identidade na pós-modernidade, Hall (2015) assenta que o sujeito pós-moderno é possuidor de uma identidade heterogênea e este período da pós-modernidade é marcado por uma expressiva descentralização identitária. Para este autor, a construção da identidade não é estanque, pronta ou adquirida, mas processual e cotidianamente construída. Sua concepção é de um sujeito heterogêneo e descentrado, que legitima suas identidades a partir das interações que estabelece. Tais interações vão propiciar a construção das identidades sociais no campo da disputa por lugares socialmente legitimados.

Hall (2015) propõe que o sujeito, enquanto sócio-histórico, num contexto de cultura, abre cenário de luta por um espaço de construção de novas significações. Para este autor, essas novas significações podem e devem se dar por meio de discursos. Hall se ampara nos estudos de Foucault (2008) para manifestar que são os discursos que demarcam uma identidade e, tanto o discurso quanto a identidade fundam-se em condições históricas e são estas condições que tornam possível, ou não, o sujeito dizer a respeito de si mesmo.

Gregolin (2008) concorda com Hall (2015) e acrescenta que considera a identidade como um efeito de sentido que também pode ser construído na e pela linguagem. Para esta autora, as identidades num cenário de pós-modernidade escapam à regra de serem uma instância de base única, ou seja, deixam de ser instâncias totalitárias e passam a estar em constante movimentação viabilizada por forças externas a ela mesma, ou seja, o discurso. Com relação à identidade, aponto que identidade é um “processo contínuo de redefinir-se, inventar e reinventar-se”. (BAUMAN, 2005, p. 13), sendo assim instável e solicitando dos sujeitos flexibilidade perante as relações de saber-poder que permeiam as negociações dessas construções identitárias.

A identidade suscita várias posições de sujeito (identidades) que geram uma estrutura identitária em permanente deslocamento. Isso, no ponto de vista de Gregolin (2008, p. 84), é positivo, pois “desarticulam-se as identidades estáveis do passado e abrem-se novas possibilidades de articulações, com a criação de novas identidades e a produção de novos sujeitos”. Gregolin acrescenta, a respeito das identidades, que nas práticas discursivas de produção identitária, elementos de descontinuidade, fragmentação, ruptura e deslocamento se fazem presentes. Sendo que, é por meio da enunciação que as identidades se materializam e

funcionam discursivamente, mobilizando descontinuidades, fragmentações, rupturas, deslocamentos.

Nesse quadro teórico, com uma ideia cultural e histórica de identidade, Gregolin (2008) agrega em seus escritos sobre identidade que, pela AD, pode-se intencional esta propriedade de se reconhecer numa perspectiva de jogos de verdade, onde o sujeito discursiviza sobre sua identidade a partir do momento em que este sujeito “comunica-se por meio de técnicas simbólicas, governa a si e aos outros por meio de relações de [saber] poder e elabora técnicas para voltar-se para si.” (GREGOLIN, 2008, p. 92).

Nesse argumento, na AD, o sujeito está em “permanente construção, no interior da história” (GREGOLIN, 2008, p. 93), e os sentidos construídos acerca dele também são históricos. Dessa forma, ao enunciar os sujeitos pronunciam seus discursos que se contrapõem “expressando as lutas em torno das identidades, e estas, por sua vez, são relativas, instáveis e estão em permanente reconfiguração”. (GREGOLIN, 2008, p. 93).

Esta pesquisa, ao ocupar-se da identidade como cultural, histórica e discursiva, pressupondo uma produção de subjetividade outra do sujeito e de suas identidades, leva-me, num intento discursivo, analisar as condições de possibilidade das enunciações da/o discentes trans, descrevendo suas instâncias enunciativas, pelas quais este corpo trans se instaura no ambiente acadêmico. Há, na teoria de Foucault (2008), uma articulação entre corpo e história, pois é no corpo, segundo este autor, que os acontecimentos são inscritos. Sendo assim, a heterogeneidade dos acontecimentos causa rupturas a uma unidade proposta e os momentos históricos e sociais colocam as verdades em colapso (WOODWARD, 2003), no que se refere às identidades, o que solicita, dos sujeitos, outros posicionamentos e outros discursos acerca destas identidades.

Posso comentar, a partir de Louro (2009, 2020), que o corpo se apresenta como produto de um tempo e espaço, e este se materializa nos discursos manifestando o cenário histórico no qual está inserido, existindo a partir de uma construção cultural e discursiva com diferentes marcações, não sendo universal, mas sempre suscetível a inúmeras intervenções conforme o desenrolar discursivo que mobiliza outras posições-sujeito, outras representações sobre os corpos, em um processo constante de produção e reprodução de discursos, a partir dos efeitos das relações de saber-poder. Atribui-se ao corpo não apenas sua materialidade,

mas, também, toda construção discursiva que o constitui como corpo trans. Dessa forma, amparando-me em Oliveira (2017) e Lanz (2014), este novo contexto histórico que questiona os essencialismos/cristalizações rompe as estruturas e inventa novos discursos, é pertinente admitir a invenção de novos corpos que produzem identidades e subjetividades outras, revelando distintas formas de estar no mundo.

Em síntese, o corpo trans é uma produção histórica, através do desenvolvimento de uma série de discursos, oriundos de práticas de saberes e poderes, cujo significado se materializa neste corpo, em instituições e em práticas sociais, de modo que se instrumentalize para renovadas formas de posição-sujeito e de articulação de resistências. Dessa maneira, sendo o sujeito heterogêneo, os discursos que este sujeito pode mobilizar também o são. No intuito de relacionar identidade e discurso, refiro-me a Moita Lopes (2002, p. 32) para observar que a identidade é cultural e construída, considerando o modo “como os indivíduos se comportam discursivamente, pois discurso e identidade são construídos, desconstruídos e reconstruídos [culturalmente e discursivamente].”

Estas/es teóricas mencionadas/os que pesquisam as identidades como constructo cultural e discursivo, ao postularem sobre identidades, mostram que é importante o diálogo com as diferenças e com a pluralidade postas num contexto social. E que este diálogo exige que o sujeito pós-moderno repense verdades instituídas pelo jogo do saber e poder (FOUCAULT, 1984, 2008). Estas verdades constituídas ao longo da história, no exercício do jogo de saber e poder, são fruto de construção de sentidos que buscam, por meio dos discursos, enunciar verdades que são legitimadas pelas relações de saber-poder (FOUCAULT, 1984, 2008). Trato mais adiante, de modo mais pormenorizado, os conceitos de jogos de verdade no exercício da relação saber-poder, sendo a verdade a regulamentação de um saber-poder que estabelece um dizer sobre os corpos (TASSO; NAVARRO, 2012). Por hora, mediante o caminho teórico delineado neste texto, pertinente iniciar por delineamentos que envolvem os conceitos fundamentais para uma análise de discurso, pensando a concepção foucaultiana, que se desenrola neste estudo.

Numa linha de raciocínio discursivo, Foucault (1996, p. 8-9) considera que,

Em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos,

dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade. (FOUCAULT, 1996, p. 8-9).

Amparo-me nesta citação para, neste estudo, pensar o discurso (FOUCAULT, 2001, 2008) como um sistema que estrutura determinada produção coletiva e histórica, dando sentido ao que é dito e feito, definindo tanto o lugar de sujeito quanto o sentido ou sentidos possíveis dos enunciados linguísticos sempre atravessados por relações de saber e poder. Entendo discurso numa dimensão de produção da realidade social, e não uma junção de palavras no sentido exclusivamente linguístico, de atos de fala ou de escrita, mas enquanto um enunciado. Defino enunciado (FOUCAULT, 2001, 2008), para além de seu sentido linguístico, como frase ou proposição, mas como uma prática histórica que emerge perante o exercício da análise. Nessa via, o discurso não está descrito no que foi dito ou escrito, ou seja, não se resume às frases e às proposições ditas por alguém. Pelo contrário, é no discurso que emergem sentidos e possibilidades de frases e proposições a serem enunciadas a partir de certas condições de espaço e história específicas.

Ao pensar o discurso nessa linha de relação entre sistema linguístico e condições históricas do dizer, posso escrever, baseada na contribuição de Maingueneau (1990), que o discurso se manifesta como sujeitos dinâmicos inseridos em múltiplos contextos. A compreensão de discurso, delineada neste trabalho, demonstra que discurso não é só língua, conjunto de signos, e não mais se trata de abordar os discursos como conjunto de elementos significantes que remetem a conteúdo ou a representação, mas como práticas que organizam sentidos aos sujeitos e objetos de que se falam. Cabe ao analista de discurso fazer aparecer e descrever os sentidos que foram construídos para as coisas (FOUCAULT, 2001, 2008) e a estas construções são atribuídos sentidos que promovem deslocamentos que são observados a partir das regularidades que se apresentam nos enunciados.

O discurso tem variadas relações de saber-poder que instaura uma verdade social, não podendo ser abordado puramente pela linguística, mas esta, obrigatoriamente, precisa estar presente na análise. A AD preocupa-se em compreender como se estabelecem os sentidos de um discurso e como estes sentidos são disputados no contexto social, pois se afastam do que soa apenas

como linguístico/discursivo e abarcam, também, o social, cultural, histórico (ORLANDI, 2007).

Foucault (2006, p. 254) conceitua o discurso enquanto “séries de acontecimentos que operam no interior do mecanismo geral do poder e estão sujeitos às práticas sociais, ao mesmo tempo em que as sujeitam”. A partir deste ponto de vista, noto que no e pelo discurso os (efeitos de) sentidos são instaurados na história. O sentido é determinado pelas posições-sujeito em um constante processo discursivo-histórico em que as palavras, expressões e proposições são produzidas e reproduzidas. E, no que diz respeito à língua/linguagem, neste estudo discursivo, a partir do que Foucault (1996, 2008) postula, esta se mostra como aquilo que possibilita acesso ao discurso, como sistema de construção de sentidos, e não somente como código. Em uma outra conceituação de discurso, Foucault (2008) aponta para um conjunto de enunciados apoiados na mesma formação discursiva, pois o discurso

é constituído de um número limitado de enunciados para os quais podemos definir um conjunto de condições de existência. O discurso, assim entendido, não é uma forma ideal e intemporal que teria, além do mais, uma história; o problema não consiste em saber como e por que ele pôde emergir e tomar corpo num determinado ponto do tempo; é, de parte a parte, histórico-fragmento de história, unidade e descontinuidade na própria história, que coloca o problema de seus próprios limites, de seus cortes, de suas transformações, dos modos específicos de sua temporalidade, e não de seu surgimento abrupto em meio às cumplicidades do tempo. (FOUCAULT, 2008, p. 132-133).

Logo, as análises discursivas devem centrar-se na relação entre os diferentes enunciados, procurando, assim, delimitar as possibilidades de emergência do discurso. Nesse aspecto, posso dizer que os discursos deslocam redes de sentidos, movimentando as significações acerca de identidades construídas pelo sujeito inscrito no contexto universitário, como neste caso da pesquisa. O discurso produz sentidos em relação às posições-sujeito, isto é, em relação ao espaço histórico em que o sujeito trans se inscreve. Este sujeito ocupa hoje uma posição-sujeito universitário, sob certas condições e, ao enunciar neste espaço, passa a ocupar posições outras, que são observadas nas enunciações da/o discentes trans a partir do capítulo dois onde se iniciam as análises discursivas. Dessa forma, nesta pesquisa, a análise discursiva das transcrições das narrativas da/o discentes trans, serve para reconhecer a construção de regularidades que

atravessa os enunciados, e estes definem a posição-sujeito a partir do que é dito, marcando o sujeito do enunciado num espaço e tempo determinados.

Para o entendimento de um panorama foucaultiano de discurso e análise de discurso, necessário considerar, também, o conceito de arquivo. Para Foucault (2008), arquivo pode ser abordado como séries de enunciados acerca do que se diz e se pode dizer, como também ocultar práticas circunscritas por determinadas discursividades. Dessa forma, o arquivo é um sistema composto por discursividades que estabelecem o que serão conectadas à história e o que vai ser excluído dela, pois o arquivo, ao transformar enunciações em acontecimento, define o que merece ser arquivado como história e o que deve ser esquecido (FOUCAULT, 2008). Ainda no seguimento de Foucault (2008), o arquivo é um agrupamento que forma e transforma enunciados, pois se mostra como conjunto de enunciados que podem ser expressos em alguma materialidade por uma formação histórica.

A partir da exposição acima, tomo como arquivo deste estudo os saberes constituídos num determinado momento histórico para modos de vivência da identidade, por regras anônimas que comandam tanto a dispersão destes saberes quanto as enunciações em uma dada narrativa. Ou seja, o arquivo deste presente texto dissertativo são as regras históricas que tornaram alguns enunciados dizíveis, repetíveis e outros tantos indizíveis, inacessíveis (FOUCAULT, 2008), sobre a transexualidade como uma identidade que, ao romper com a cis heteronormatividade, revela um outro modo de vivência de gênero.

Nesse sentido, tento acessar as condições de possibilidade de emergência dos enunciados da/o discentes trans em uma época e em um contexto histórico de ensino superior público. E estes sujeitos trans posicionam-se como sujeito da enunciação em um espaço educacional/institucional, de tal modo que a formulação do enunciado tenha efeito de realidade sobre sua identidade trans.

Nesse viés, a análise realizada nesta pesquisa é pela formação discursiva proveniente das enunciações da/o discentes trans. Assumo uma formação discursiva como conjunto das regras que possam permitir o aparecimento de certos enunciados (FOUCAULT, 2008). No interior de uma formação discursiva produzidas pela/o sujeitos colaboradora/or, os discursos são mais ou menos delimitáveis, pois não aparecem isolados de outros discursos com os quais fazem fronteira, interpenetram ou disputam espaço. Os discursos são provenientes de sistemas de formação discursiva similares e estão constituídos por um número limitado de

enunciados, ou seja, os enunciados remetem a outros enunciados constituídos dentro do mesmo sistema de formação e que por isso podem ser repetidos. Daí que faço uso da expressão prática discursiva (FOUCAULT, 2008) para reafirmar que os discursos da/o discentes trans apontam práticas discursivas que, ao serem atualizadas e repetidas, viabilizam a existência da/o discentes trans no espaço universitário, por meio de sua entrada e permanência na universidade.

Estas práticas discursivas⁷, da/o colaboradora/or da pesquisa, são as diferentes maneiras pelas quais a/o discentes trans, através dos discursos, ativamente produzem outras realidades, outras significações, regulando modos de produção de sentido que se tornam um processo de negociação continuada de sua identidade. As práticas discursivas se formam a partir de um saber que envolve comportamentos e estratégias, que dão lugar a uma nova discursividade sobre a transexualidade.

Para a AD aqui posta, dar sentido é posicionar-se no fluxo dos acontecimentos, e a esse respeito a identidade trans ocupa um espaço discursivo na academia e suas enunciações são postas em jogo, construindo estratégias de que se utilizam para instauração de saberes outros acerca de sua identidade, de modo a mobilizar outros sentidos para o sujeito trans no ambiente acadêmico. Considerando que “não há saber sem uma prática discursiva definida, e toda prática discursiva pode definir-se pelo saber que ela forma” (FOUCAULT, 2008, p. 204-205), cabe refletir sobre os discursos como práticas discursivas (FOUCAULT, 2008) acadêmicas e educacionais, que estão numa luta de forças, em conflito, e ao enunciar o sujeito trans reivindica uma posição-sujeito para delinear práticas discursivas acerca de sua identidade trans, tendo a universidade como superfície de inscrição de enunciados que retomam, deslocam e ressignificam sentidos sobre o corpo trans.

O sujeito da enunciação desta pesquisa, a/o discentes trans, assume uma posição de sujeito sócio-historicamente autorizada/o à enunciação no ambiente da universidade. O enunciado desta/e discentes pode remeter, também, a um domínio de objetos que constituem um domínio de saber sobre sua identidade trans e, de fato, para Foucault (2008), os enunciados apresentam valor de acontecimentos, mas me atrevo a dizer que, para este texto dissertativo as

⁷ Nas análises dos enunciados, a partir do capítulo dois, essas práticas serão mencionadas.

enunciações da/o discentes trans são um acontecimento discursivo no cenário da UEG. Concebo o sujeito trans, amparando-me em Foucault (2008), que entende o sujeito, descentralizado, disperso e historicamente construído, constituído pelo saber e pelo poder, e então, posso escrever que o sujeito trans, colaboradora/or desse estudo, se encontra aleatoriamente nos diversos lugares e nas diversas posições que pode ocupar quando discursiviza (FOUCAULT, 2008). Dessa forma, a constituição do sujeito trans, nesta pesquisa, está relacionada às posições acadêmicas/educacionais/sociais que ela/e ocupam (podem ocupar). A subjetividade do sujeito é sempre em relação a uma posição que este sujeito ocupa (identitária/acadêmica/educacional/social), portanto posições-sujeito que se “definem igualmente pela situação que lhe é possível ocupar em relação aos diversos domínios ou grupos de objetos”. (FOUCAULT, 2008, p. 58), pois uma posição-sujeito não antecede o discurso, mas se materializa nele.

Reflico sobre o discurso da/o discentes trans a partir do que torna possível seu acontecimento e, também, compreender as regras que possibilitam como estes discursos aparecem. Estabeleço uma análise dos discursos trans, individualizando-os para descrevê-los em suas singularidades, nas suas condições de possibilidade, verificando as regras que tornam possível seu aparecimento e deslocamento. Ao descrever as enunciações, nada mais faço do que definir aquilo que é essencial para compreender a constituição de um saber identitário trans, isto porque, para Foucault (2008, p. 205) “[...] não há saber sem uma prática discursiva definida, e toda prática discursiva pode definir-se pelo saber que ela forma.” Enfim, descrevo os discursos das identidades trans, procurando mostrar como este é percebido como um discurso verdadeiro e com significado dentro de um lócus enunciativo que constitui suas condições de possibilidade de dizer sobre si mesma/o.

Através das séries enunciativas observo como os sujeitos-trans falam, sobre quem falam, de qual lugar institucional falam e, qual a relação entre ela/e com o objeto do discurso, no caso, discentes trans. Esta observação caminha no sentido de mostrar as forças externas que possam ser atuantes nos discursos e que legitimam verdades que nos discursos se manifestam sobre o sujeito trans.

Por meio dos efeitos de sentido que frases e palavras enunciadas pela/o colaboradora/or, na escuta do que está sendo dito e como está sendo dito, analiso os enunciados, para descrever os efeitos de sentido que são produzidos no contexto de suas enunciações, acerca da identidade trans. Interessa-me elucidar a posição-

sujeito que determina e dá condições sócio-históricas de sua produção discursiva que legitima uma verdade para seu corpo. Portanto, os enunciados são a condição de possibilidade de constituição do sujeito trans, percepções e conceitos acerca de sua identidade, no contexto universitário. A análise do discurso realizada neste estudo, embora submetida a contingências do momento de sua produção, tem a pretensão de ir mais além do representacional para apreender as origens das relações de saber-poder que se fazem presentes como condição de possibilidade de uma dada formação discursiva (FOUCAULT, 2008, 2001, 2000), que promove deslocamento da identidade trans no espaço e história da UEG.

Enfim, nesta linha de raciocínio, questionar um saber/verdade instituído para a transexualidade, no espaço universitário, a partir das enunciações da/o discentes trans colaboradora/or da pesquisa, analisando as condições fundamentais da constituição desse discurso no sentido de observar um conjunto de normas que ditam o que pode ser, ou não, enunciado. Considerando, para isso, a necessidade de encorajar enunciações dos saberes desta/e discentes trans, para então, a partir dessas enunciações questionar qual verdade está presente e se esta verdade é que define o que está sendo enunciado, mas acima de tudo como está sendo enunciado.

Ao inserir o conceito de verdade, Foucault (1996, 2000) apresenta o que ele chama de mecanismos de exclusão de um discurso e estes mecanismos seriam modos de funcionamento externos ao próprio discurso. Nesse sentido, a reflexão aqui posta intenta revelar e/ou desvelar possíveis indagações que possam existir acerca do discurso sobre a transexualidade no âmbito da UEG, e observar que poderes de exclusão e de interdição, a ela, transexualidade, podem lhe ser conferidos.

A interdição posta por Foucault (1996, p. 9) mostra que, num contexto social, “há coisas que não podem ser ditas, só o podem ser em espaços determinados, e qualquer um não se pode falar de qualquer coisa”. Na interdição, revela-se a clara relação entre discurso e poder. E, no cenário teórico e discursivo deste estudo, a partir do que Foucault traz sobre corpo, as interdições atingem o discurso da transexualidade e estabelecem relações de saber e poder sobre esse modo de vivência de gênero.

Nas condições de saber-poder e dizer, Foucault (2000) acrescenta conceito de a vontade de verdade. Quer dizer, na história há um discurso pronunciado como forma de separar o que é verdadeiro e o que é falso. Este autor entende por

verdade, um “conjunto de regras segundo as quais se distingue o verdadeiro do falso e se atribui ao verdadeiro efeitos específicos de poder” (FOUCAULT, 2000, p. 13), este conjunto de regras é regulado na sociedade, com intuito de manter uma verdade, por meio de sua “circulação e o funcionamento dos enunciados” (FOUCAULT, 2000, p. 14).

A delimitação do que é verdade se dá por questões arbitrárias que se ancoram na necessidade de manutenção de forças de algumas instituições, por exemplo, médicas e religiosas, no caso da transexualidade. Verdades que interessam a um grupo social específico e que, portanto, não podem ferir os interesses da manutenção de um *status quo* ratificado por estratégias de reverberação do discurso (FOUCAULT, 1996).

Os discursos são provenientes de relações de poder e saber entre os sujeitos, são produtos de determinada época e de um determinado tempo histórico que produzem sentidos, legitimados pelas relações de poder que ali se estabelecem. Relações de poder que o sujeito constrói a partir de suas interações sociais e históricas, marcadas num dado período histórico e que se manifestam por meio de um discurso. A esse respeito, Foucault (2008) menciona que uma verdade é sempre histórica e produto de uma época (histórica-cultural-social) e cada sociedade produz suas verdades por meio de seus discursos. E a perspectiva deste estudo, para falar desta verdade/saber/poder, que aqui é representado pela verdade da pessoa transexual, ancora-se no que Foucault traz:

[...] um saber é, também, o espaço em que o sujeito pode tomar posição para falar dos objetos de que se ocupa em seu discurso; [...] um saber é também o campo de coordenação e de subordinação dos enunciados em que os conceitos aparecem, se definem, se aplicam e se transformam; [...] finalmente, um saber se define por possibilidades de utilização e de apropriação oferecidas pelo discurso. (FOUCAULT, 2008, p. 204).

É na historicidade dos saberes que deslizam os efeitos de verdade sobre o sujeito e, neste interim, a verdade de um sujeito é produzida nas e pelas práticas discursivas por meio de condutas que foram assumidas historicamente. Há, nas práticas sociais, engrenagens de saber e poder que funcionam como verdades absolutas que estipulam regras para a existência dos sujeitos, dividindo-os, examinando-os, adestrando-os, sujeitando-os.

Partindo dessa contextualização de identidade enquanto processo cultural, social e discursivo que demarca uma verdade/um saber/um poder sobre os corpos, escrevo que a identidade não é uma instância naturalizada, fruto de uma constituição interna, mas resultado de ações do sujeito frente aos processos de subjetivação pelos quais passa (FOUCAULT, 1984, 2008), sujeitos que, mesmo interpelados pela cis heteronormatividade, eclodem com esta norma evidenciando suas dissidências. Compreendo as identidades, também, a partir do que Borba (2014) diz:

Tornar-se um tipo reconhecível de sujeito, para usar a retórica foucaultiana, não acontece em um momento específico e bem demarcado da história social de um indivíduo; os efeitos materiais dos dispositivos, as técnicas de si, não aparecem repentina e abruptamente. Pelo contrário, atuam paulatinamente sobre os corpos e as subjetividades daqueles/as que capturam em suas engrenagens de saber/poder. O sujeito seria, assim, o resultado cumulativo de uma sucessão de encontros discursivos intertextualmente ligados entre si [...] o que chamamos de identidade, a partir dessa abordagem, passa a ser entendido como uma projeção semiótica dialógica e situada, orientada pela história de interações passadas e futuras com outros/as, tendo seus efeitos pragmáticos locais moldados por essa história translocal. No que segue, defendo que os assujeitamentos aos dispositivos acontecem sub-repticiamente pela repetição de certos recursos semióticos que estabelecem conexões entre diferentes encontros comunicativos e constituem, dessa forma, tramas discursivas nas teias das quais indivíduos (des)aprendem a ser certos tipos institucionalmente reconhecíveis de sujeito. (BORBA, 2014, p. 78-79).

Neste cenário, os estudos das identidades evidenciam que os modelos de reconhecimento que foram construídos historicamente, não são mais abordados de modo estático e descontextualizado da história e da cultura. Eleva-se, então, uma concepção de identidade não essencialista que alcança também as discussões de gênero e de sexualidade.

A partir disso, aponto que o sujeito sócio-histórico que colabora com esta pesquisa é o sujeito que experiencia sua identidade de gênero por meio da vivência transexual. A transexualidade ocupa um espaço universitário onde também se instauram regimes de verdade e poder sobre os corpos.

Considerando os estudos de Foucault (1988), proponho que a corporeidade de cada sujeito envolve seus hábitos, crenças, valores, sentimentos, emoções e vicissitudes sobre o qual opera uma série de lutas e de confrontos inerentes a saberes, num constante processo de produção de poder. Abordando as singularidades próprias da corporeidade, num viés discursivo, Foucault (1988) ainda

pondera que a história marca esta corporeidade e passa a rastreá-la por meio de um estudo minucioso, revelando o corpo como apropriado por articulações estratégicas de saberes e de poderes, que do corpo se utilizam para estabelecer verdades. O corpo trans, que é o corpo que também enuncia neste texto, está em um dado momento histórico e se articula em diferentes contextos discursivos, com variados modos de subjetivação, de forma que é relevante associá-lo ao processo histórico de sua constituição identitária como sujeito trans.

Dentro do espaço universitário, momento histórico que no parágrafo acima mencionei, relações de saber e poder são discursivizadas sobre sujeitos trans. O que friso, portanto, é que os conceitos construídos ao redor do corpo trans e a ele acessados se instauram através dos posicionamentos discursivos historicamente constituídos. Cabe aqui uma busca no alcance de discursos sobre os corpos dos sujeitos trans, tomados enquanto mecanismos gerais de dominação, de controle, submissão, docilidade, utilidade e normalização de condutas, dispersos anonimamente em toda a rede acadêmica, almejando acentuar, assim, deslocamentos que possam enunciar a relação saber e poder.

Acerca dessas disposições do corpo no tempo e no espaço, considerando Foucault (1988, 2000), aponto o dispositivo da transexualidade, dispositivo este pelo qual há a atuação do saber-poder sobre o corpo trans enquanto elemento discursivo para o acesso e o exercício dessas forças sobre ele.

Na sequência desta discussão, passo a dissertar a respeito da transexualidade, uma outra temática que atravessa este estudo discursivo-linguístico, e para isso abordo estudos de identidade de gênero, uma vez que são conceitos que se ligam diretamente à temática deste trabalho.

1.2 Identidade de gênero: notas sobre o corpo trans

A partir dos estudos das identidades, que na seção anterior foram expostos, noto que a transexualidade se instaura como uma prática identitária que mobiliza trajetórias outras de construção de sentidos para os corpos.

Começo uma discussão neste tópico sobre gênero e transexualidade a partir do conceito de dispositivo proposto por Foucault (1988, 2000). Este autor define dispositivo como um conjunto diverso de discursos a respeito de um determinado

assunto que direciona os dizeres e os não dizeres relacionados a este mesmo dispositivo. O dispositivo se instaura como uma rede de discursos que se pode estabelecer entre os elementos que fazem parte deste dispositivo (FOUCAULT, 1988, 2000). As práticas discursivas muito contribuem para a construção de um dispositivo e destaca que ao conceito em questão, acrescentam-se instâncias de saber e poder, um dispositivo se constitui por meios de práticas discursivas que atuam como modo operante constituindo e compondo sujeitos.

Ainda na perspectiva de Foucault (1988, 2000), este dispositivo adentra o corpo social e atua enquanto regimes de verdade, isto é, enquanto um saber absoluto sobre o exercício da sexualidade. Desse modo, os dispositivos operam de forma a regulamentar os corpos dos sujeitos, em um determinado momento histórico, “a partir de instrumentos de controle social e que, por isso, encontram-se intimamente articulados com as relações de saber-poder” (AZEVEDO; BRAGA; SILVA, 2020, p. 250). Considerando o que Foucault (1988, 2000) tece sobre o dispositivo da sexualidade, as relações de saber-poder são postas em prática, as quais, um conjunto específico de princípios, condutas e comportamentos, neste caso, ligados ao sexo, busca regular a vida dos sujeitos. Nesse sentido, o corpo, para Foucault (1988), configura-se como o principal objeto do dispositivo da sexualidade, sendo que uma das finalidades deste dispositivo consiste em vigiar e padronizar corpos e suas subjetividades.

Contudo, importante ressaltar que os modos de vigilância e padronização do dispositivo da sexualidade estão constantemente sendo atualizadas, pois se alteram de acordo com o passar dos tempos, conforme se modificam os saberes-poderes que se estabelecem. Este dispositivo age de outra maneira a depender do saber-poder que predomina em um determinado espaço e momento da história. Como aponta Foucault, o dispositivo da sexualidade “funciona de acordo com técnicas móveis, polimorfos e conjunturais de poder [...] engendra, em troca, uma extensão permanente dos domínios e das formas de controle”. (FOUCAULT, 1988, p. 101).

Alicerçado nas relações de saber, poder e produção de modos de subjetivação, o dispositivo opera em um certo campo específico. Para este texto interessa o campo da transexualidade. Entender os jogos de saber-poder que se instauram para os corpos dos sujeitos transexuais em que, a datar do dispositivo da sexualidade, penso formas de falar e de ver a transexualidade (LAROSSA, 1994),

dispondo uma série de práticas e de mecanismos discursivos com o objetivo de produção de gestos, de condutas, de discursos para os modos de existência da transexualidade.

A operacionalização do dispositivo, neste caso da transexualidade (AZEVEDO; BRAGA; SILVA, 2020, p. 250), está direcionada para a produção de sujeitos-trans, que se instituem e se orientam em torno de práticas de exercício de gênero/transexualidade. O sujeito trans, torna-se sujeito do dispositivo da transexualidade, na medida em que a capacidade operatória do discurso, considerando os saberes e poderes que lhe são correspondentes, o constitui e o transforma (LARROSA, 1994) como sujeito trans ao torná-lo objeto de sua enunciação. A composição deste dispositivo se dá por meio da produção de saberes acerca do exercício da identidade trans, a partir de linhas de força que, relacionadas com a dimensão do poder, criam e fixam jogos estratégicos de verdades sobre as práticas discursivas envolvidas nesse dispositivo.

Assim, os discursos sobre a transexualidade podem aparecer, na universidade, como elementos que permitam uma reinterpretação desta prática (transexualidade), possibilitando o acesso, pela comunidade acadêmica, a um novo campo de exercício da identidade de gênero. Em suma, entre estes elementos discursivos que compõem um dispositivo, existe um jogo de verdade, atravessados pelas relações de força, que sustentam e são sustentadas por tipos de saberes, que promovem uma regulação do social, via discursividades. Em determinado momento histórico, um dispositivo tem como função principal responder a uma urgência de demanda histórica, “assumindo uma função estratégica dominante”. (OLIVEIRA, 2017, p. 48). Para este estudo, na atualidade, o corpo trans adota estratégias que o movimentam em uma outra posição-sujeito na vivência de seu gênero, bem como suscita deslocamentos em sua prática identitária, numa direção de rompimento com a cis heteronormatividade.

Esta lógica cis heteronormativa, que conceituei no tópico anterior, estabelece, pelo discurso, que há apenas um modo de existência do sujeito e este modo inclui uma identidade em total acordo com o gênero atribuído no nascimento; também, que esta identidade sinta atração afetiva/sexual somente pelo sexo/gênero oposto ao seu. Nesse sentido, a identidade trans rompe com esta lógica, pois quebra um nexos histórico e socialmente imposto, de discursos que, permeados

pelas relações de saber e poder, padronizando os corpos e as condutas dos sujeitos no que tange as suas práticas identitárias.

O corpo trans, a identidade de gênero trans, reivindica um pertencimento de gênero diferente daquele que lhe fora atribuído no nascimento (BENTO, 2008, 2017). O convívio com a transexualidade, mesmo que somente profissional, convida-me a repensar posicionamentos arraigados que revelam convenções sociais (poder) sobre masculinidade e feminilidade nos corpos. A identidade trans parece estar relacionada a um discurso de uma verdade que legitima estratégias de saber-poder sobre os corpos, em uma determinada cultura, em dado momento histórico, em certo espaço que possibilitou esse dizer. Por meio de estratégias discursivas permeadas de saber-poder, a transexualidade se mostra como uma experiência identitária de gênero caracterizada pelo conflito com as normas conservadoras de gênero (BENTO, 2008, 2017), pois quebra a linha causal sexo-gênero-desejo questionando o sistema cis heteronormativo.

Reitero que o sistema cis heteronormativo está relacionado a um saber e a um poder de uniformização de um discurso que produz uma verdade sobre a vivência identitária de gênero. Amparando-me nos escritos teóricos que apresentei até este momento do texto, posso expor que a transexualidade inaugura uma interpretação do saber e poder sobre o corpo como um poder positivo, pois o sujeito trans reivindica um espaço histórico de não mais ser tomado como o sujeito a ser corrigido. O corpo trans encontra, portanto, um modo onde cada sujeito pode dar a si próprio uma norma que não se curva ao jogo de forças que produzem saber-poder para normatizar e normalizar seus corpos.

Práticas que excluíam o corpo trans no passado, como uma outra vivência identitária de gênero, remete ao que Foucault (2001) disse sobre os processos de normatização e normalização. Estes processos se relacionam com os saberes e poderes que criam normas para a existência de um corpo e, estas normas são aquilo que é, de fato, considerado como esperado, frequente, recorrente, que pode ser medido e comparado estatisticamente. Sendo que é em relação a essa norma estabelecida que a determinação e a identificação do que pode ser esperado, ou não, se tornam possíveis. Teço que é por meio da normalização que se criam as regras permitidas para o corpo, o esperado, neste caso a cis heteronormatividade, que ao ser discursada estabelece o que não é esperado para a vivência de gênero identitário.

Nesse viés, edifica-se, por meio da história, em uma determinada época, um processo discursivo em que condutas e comportamentos passam a ser considerados normais para as questões de gênero. A identidade de gênero trans, nesta época atual, neste recorte espaço-temporal da UEG, discursa práticas que determinam a inclusão de seus corpos trans no presente cenário. Há uma posição-sujeito, até então excluída, que reconhece como tarefa primordial a criação de novos modos de vida, num jogo de forças com verdades que impuseram uma constituição esperada de exercício da cis heteronormatividade, “na busca de uma produção qualitativa à vida e que é ela quem deve triunfar sobre a resistência normativa que visa obstaculizar tal movimento”. (SOUTO, 2013, p. 42). Souto (2013) questiona esse direcionamento esperado para um exercício identitário, afirmando que a identidade de gênero não é biologicamente concebida,

quem conduz a novas formas orgânicas contra as resistências que insistem em obstaculizá-la, mas sim esta relação mesma que se estabelece com uma exterioridade, o que nos levaria a afirmar, por fim, que a [transexualidade] é uma experiência do fora, pois ela se dá nos limites em que a existência [cis heteronormativa] é afrontada e convocada a sair de si mesma. (SOUTO, 2013, p. 42).

Nesse raciocínio de desconstrução discursiva do que seja esperado, historicamente, para o exercício identitário de gênero trans, neste texto dissertativo, abranjo a transexualidade, a partir da visão foucaultiana da sexualidade, como um jogo de verdade e poder que produz um conjunto de efeitos de sentido para os corpos. Este corpo trans, superfície de inscrição dos acontecimentos (BENTO, 2008, 2017), marcado pelas discursividades, está, portanto, em um ponto de articulação do corpo com a história que permite deslocamento de sentidos acerca de sua identidade, no espaço universitário, espaço este que se coloca como tal de enunciação da identidade trans.

Bento (2008) contribui com a temática apontando a transexualidade como uma expressão identitária que diverge das normas de gênero fundadas nestes sistemas binários relacionados ao sexo biológico e “ousa reivindicar uma identidade de gênero em oposição àquela informada pela genitália”. (BENTO, 2008, p. 22).

Para compreender a transexualidade, que constitui o sujeito, é demandado que se desvincule de uma construção de identidade de gênero enquanto resposta a uma estrutura corporal biológica. Bento (2008) ainda se refere à transexualidade

como “uma experiência identitária que vai à contramão das normas estabelecidas para a questão de gênero [...] um desdobramento inevitável de uma ordem de gênero” (BENTO, 2008, p. 18-19) que mostra a reorganização do gênero sendo manifesta no corpo. Essa noção de “ordem de gênero” a que Bento (2008) se refere é uma extensão da noção de “ordem do discurso” foucaultiana.

No panorama de Foucault (1996) sobre a ordem do discurso, o autor tece a respeito da relação entre práticas discursivas, os saberes e os poderes que permeiam estas práticas e, essas discursividades, traçam meios de moldar e controlar os discursos em uma sociedade. Para Foucault (1996, p. 8-9), “a produção do discurso é [...] controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes”. Nesta cena, a ordem de um discurso tem característica totalizante, estabelecendo um conjunto de regras sobre aquilo que o sujeito pode e deve dizer no exercício de sua identidade trans.

Diante disso, cabe, nessa pesquisa, pelo viés foucaultiano da ordem do discurso, descrever como o discurso acerca da transexualidade funciona no contexto universitário e a que ordem ele se dirige. Tento compreender, por meio das enunciações da/o discentes trans, como funciona o discurso que constrói a transexualidade na UEG e, nesse sentido, a/o colaboradora/or, apresentar narrativas que vinculam, ou não, a identidade de gênero (BENTO, 2008) a uma parte da estrutura corporal do sujeito.

Para contribuir com as ponderações acima, Borba (2014) acrescenta que a transexualidade é somente um modo de sexualidade passível de ser vivida e o esclarecimento disso se dá em releituras das práticas identitárias. A respeito destas práticas, Foucault (2006) explica que elas surgem por meio dos discursos e alteram nossos modos de ser, pois os discursos se legitimam nas práticas sociais, construindo sentidos e sendo construídos por eles.

Completando essas ponderações, Leite Júnior (2008) diz:

a construção social do que pode ou não ser reconhecido como corpo, sexo ou ser humano é um jogo de relação entre poderes que se organizam, embatem e criam resistências dentro das normas de gênero. Neste sentido, tal dinâmica organiza nossa percepção de mundo e, em última instância, molda políticas sobre quais corpos “importam” para nossa cultura. (LEITE JÚNIOR, 2008, p. 115).

Com efeito, sentidos outros são possibilitados para os corpos e a partir de um olhar para a transexualidade. Estes sentidos outros levam a repensar a materialidade dos corpos e a identidade de gênero (FIGUEIRA-BORGES, 2016). Nos estudos de identidade de gênero, a existência do corpo trans se desvela por meio de um movimento discursivo em que vozes sócio-históricas são acionadas e reveladas. O sujeito trans, inserido como sujeito histórico, inscreve-se em posições outras (FIGUEIRA-BORGES, 2016) no movimento de construção e desconstrução dos discursos acerca de seu corpo.

Reafirmo, aqui, a ideia de corpo que já abordei neste capítulo, e que direciona o entendimento do corpo trans nesta pesquisa é a vista de Foucault (2001). Este autor apresenta uma concepção de corpo como matéria física, não inerte e sem vida, mas como um espaço que se compõe por um conjunto de forças moldáveis, transformáveis e remodeláveis por meio das relações de poder. Concebe corpo como objeto e alvo do poder, um corpo passível de ser manipulado, modelado, treinado, “que se treina, que obedece, responde, se torna hábil ou cujas forças se multiplicam”. (FOUCAULT, 2001, p. 117).

Essa perspectiva foucaultiana de corpo, avista o corpo em confrontamentos com outros corpos no cotidiano social em que perpassam mecanismos históricos de continuidade e de ruptura a respeito das vivências corporificadas. E o corpo trans traz à tona uma vivência corporal que não se alinha às concepções orgânicas/biológicas do que seja um corpo. O corpo trans revela um campo sobre o qual operam modos de desconstrução do saber que tenta demarcar padrões cis heteronormativos para a corporalidade.

Seguindo a linha do raciocínio de Foucault (2001), a noção de corpo não pode ser abarcada a partir de um corpo físico que exista a priori, mas sim como um espaço de saber que pode e deve ser complexificado, a fim de que outras forças de poder possam reproduzi-lo. Há nessa possibilidade de reprodução outros entendimentos para os corpos articulações com variadas práticas sociais que demarcam estratégias e saberes. É pelo exercício do poder, via regulação de estratégias e saberes, que efeitos de sentido são produzidos para os corpos, numa tentativa de regulação, fabricação de um corpo que seja útil e dócil ao sistema capitalista.

Este exercício do poder sobre os corpos trans procura enquadrá-los por meio de um saber acerca do que pode ser discursado no ambiente acadêmico, sobre

estes corpos trans. Nesse panorama, aludo, novamente, ao corpo como espaço, alvo, efeito do saber e do poder que tem a finalidade de tornar os corpos dóceis e úteis, através de um intenso e preciso trabalho de invisibilidade do corpo trans (FOUCAULT, 2001). A partir das movimentações sócio-históricas que delinearão outras posições-sujeito aos sujeito9s trans, estes ao adentrarem a universidades estabelecem condições históricas de retomadas do dizer neste espaço.

Assim, no processo histórico de construção de discursos, o acontecimento discursivo determina a relação de saber e poder na qual o sujeito diz o que a sua historicidade assim o permite, e o outro vai entender aquilo que a sua constituição histórica o permitir. Olhando transexualidade, que para esta pesquisa se mostra como um acontecimento discursivo com espaço histórico da UEG, projeto acerca de possibilidades históricas que permitem que o sujeito trans se comporte, se identifique por meio da enunciação do momento e dos posicionamentos, como sujeito trans, ao falar de sua transexualidade no cenário da universidade.

Por conseguinte, a transexualidade parece demarcar práticas de resistência, construída histórica e discursivamente para os corpos, numa tentativa de delinear uma constituição identitária de sujeito trans. O espaço agora onde essa resistência se instaura é o espaço físico e acadêmico da universidade. Cabe, neste aqui e agora histórico da academia, pensar a transexualidade como um outro modo possível de vivência de gênero e “uma experiência de trânsito entre os gêneros, o que demonstra que os corpos não são predestinados a cumprir os desejos de nossas estruturas corpóreas”. (BENTO, 2008, p. 38).

A esse respeito, Bento (2017) ainda acrescenta que gênero é cultural e social e está sujeito às relações de poder. Para a autora,

o corpo é um texto socialmente construído, um arquivo vivo da história do processo produção-reprodução sexual [...]. A materialidade do corpo deve ser analisada como um efeito de poder e o sexo não é ‘aquilo que alguém tem’ ou uma descrição estática. O sexo é um dos padrões pelos quais a pessoa se torna viável, é o que qualifica um corpo para a vida no domínio do humano. (BENTO, 2017, p. 12).

Esta relação de poder sobre os corpos, lembra Foucault (1984, 2008), quando diz que o poder existe e se exerce por si mesmo, em qualquer espaço, pois não há como ter conhecimento de quem o possui, apenas saber quem não possui o poder dentro de um determinado espaço histórico do dizer. Respalando este

dizer, Bento (2017, p. 47) traz que “construir conceitos referenciados na universalidade produz uma violência epistemológica sutil, porque contribui para reproduzir invisibilidades”. E ao tratar das invisibilidades, Bento (2017) pondera que há um “lugar reservado socialmente aos corpos”, ou seja, percebe que, às pessoas trans é dado um lugar de invisibilidade. Para a autora, esse movimento de estabelecer lugares que possam ou não ser ocupados pelos sujeitos trans, urgente ser pensado “cultural, política e historicamente” (BENTO, 2017, p. 48-50), pois ações assim se inserem em práticas discursivas que reforçam ditos que colocam pessoas e/ou comunidades às margens. Deste modo, a transexualidade, até então, seguiu caminhos desconhecidos, às margens da sociedade, teve sua “existência efetivamente riscada e perdida” (FOUCAULT, 2006, p. 207) pelos saberes estruturados historicamente.

Todavia, a esse respeito, refiro-me a Foucault (2006, p. 210) para dizer que, esta pesquisa, em um espaço universitário e época estabelecida, “dá ouvido ao louco silenciado na história [...] o que a arranca da noite em que elas teriam podido, e talvez sempre devido permanecer, é o encontro com o poder”. (FOUCAULT, 2006, p. 207).

Nessa direção, no encontro com o poder, “um acontecimento importante [discentes trans] em que se cruzam mecanismos políticos e efeitos de discursos” (FOUCAULT, 2006, p. 211) aprende a jogar o jogo do poder estabelecido, e faz com que os discursos sobre seu corpo, até então excluídos, se tornem um discurso possível, “fazendo toda uma cadeia política cruzar o cotidiano” (FOUCAULT, 2006, p. 211) destes sujeitos. Aparentemente excluídos, o sujeito trans, agora, pelo cotidiano acadêmico, também atravessado por mecanismos de saber-poder educacional, tem-se a/o discentes trans fazendo parte dos discursos que ali se enunciam, pois “cada uma dessas pequenas histórias do dia-a-dia poderia ser dita com a ênfase dos raros acontecimentos de ser dignos de reter a atenção” (FOUCAULT, 2006, p. 217) no espaço educacional da UEG. A/o discentes trans reivindicam saber-poder para enunciar de si mesma/o, e este saber-poder como até então sujeito excluído contribuiu para a construção de discursos que possam fazer aparecer o que não aparece, no caso, a constituição de novos saberes e poderes sobre sua identidade trans, ocupando uma posição-sujeito outra, a academia.

Intenciono que, ao observar o corpo/identidade/posição-sujeito trans no ambiente universitário, a partir da relação de força saber-poder (FOUCAULT, 2001),

que produz afetos, ações, indivíduos dóceis, gerindo igualmente a vida do sujeito trans e, pelo viés de Foucault, posso mostrar que o poder se encontra em toda a parte. Aqui neste estudo, o poder adentra o espaço universitário, empenhando-se em produzir indivíduos sujeitados às estratégias que permeiam todo o campo acadêmico. Além disso, como não há poder sem saber, e esta relação de força saber-poder aprisiona discursos acerca da transexualidade, discursos construídos pelas práticas sociais, e sendo o sujeito resultante de tais práticas, este será sempre compreendido como sujeitado.

Segundo o jogo de forças da relação entre saber e poder, que são formações históricas constituídas por práticas formais de enunciados (FOUCAULT, 2008), o sujeito trans é visto como sujeitado à ordem do discurso. Contudo, neste mesmo campo de relações de forças, a sujeição se redobra, pois, o saber-poder atua incitando forças, reivindicando dos corpos trans ações úteis para sua existência no campo educacional e social.

Em suma, a ideia é de que o saber-poder, como relação de forças, funciona também como produtor de resistência (FOUCAULT, 1988), e estes jogos de forças se definem segundo o saber-poder operacionalizado que tanto afeta como é afetado e, ao resistir, o corpo trans, movimenta um saber-poder como estratégias que vigoram, aqui, no campo educacional. Resistir é, neste aspecto, o oposto de reagir. Quando o corpo trans, tido como anormal, reage, dá resposta àquilo que o poder quer dele; mas quando resiste, cria possibilidades de sua existência a partir de composições de forças, até então, inéditas.

Sendo assim, a resistência, para Foucault (1988), mobiliza forças que promovem mudança, deslocamento, que apontam para um espaço outro de existência para o sujeito trans, a universidade. Penso que a inscrição da/o colaboradora/or dessa pesquisa, no ambiente da UEG, é uma resistência mutável que se refez segundo os saberes e poderes da atualidade.

Nesta via, o sujeito trans resiste e cria, nas estratégias de saber e poder, um espaço e um tempo novo de inscrição para sua existência. Nesse sentido, posso dizer que é por meio da prática de si (FOUCAULT, 1985) que o sujeito trans mobiliza outros sentidos para sua existência a partir da relação consigo mesmo no espaço/tempo. Esta prática de si é a maneira pela qual um conjunto de práticas refletidas e voluntárias através das quais os sujeitos fixam as regras de conduta, procurando igualmente “se transformar, modificar-se em seu ser singular e fazer da

sua vida uma obra que seja portadora de certos valores estéticos e responda a certos critérios de estilo”. (FOUCAULT, 1984, p. 15).

Assim, parece-me que Foucault, quando pensa as técnicas/práticas de si (FOUCAULT, 1985), procura mostrar que o sujeito age sobre si mesmo, conhecendo-se, controlando-se, pondo-se à prova, aperfeiçoando-se, transformando-se, pois o sujeito estabelece para si um certo modo de ser pelos “modos de subjetivação” e “práticas de si” (FOUCAULT, 1985, p. 29). A narrativa que apresento no contexto desta pesquisa é tomada como um dispositivo no qual a/o colaboradora/or, incitada/o pela pesquisadora, se coloca em um processo permanente de experimentação de si. O encadeamento entre os conceitos “cuidado de si”, “técnicas de si”, “práticas de si” e “tecnologias de si” (FOUCAULT, 1985; LARROSA, 1994) produz as narrativas como um dispositivo pelo qual a/o sujeito da pesquisa exercita um falar de si e sobre si (OLIVEIRA, 2017). Este modo de experimentação de si pode provocar e deslocar o pensamento no sentido de se analisarem as potencialidades da experiência da existência trans narrada. Na experimentação de si e na narrativa de si, o sujeito trans passa a ocupar-se de si, por meio de um movimento que produz a desconstrução de acontecimentos, imagens e representações, elaborando assim outras posições-sujeito para si (FOUCAULT, 1995). Nesta linha de análise, as narrativas da/o discentes trans são tomadas como uma invenção de si que pode produzir outras subjetividades para esta/e sujeito trans.

Considerando a exposição acima, acerca das práticas/técnicas/cuidado de si, reporto ao que Foucault (1988, 2000, 2001, 2008) disse sobre as condições de emergência da subjetividade, pois me parece que os modos de subjetivação do sujeito trans já não são, apenas, impostos à sujeição dos sujeitos pelos poderes e pelos saberes vigentes acerca das identidades. As práticas de si, para a existência da identidade trans, como condição que emerge das relações entre saber-poder, abre para a subjetividade um campo outro de possibilidades, inseparáveis das resistências que o sujeito trans desenvolve em relação à sujeição imposta pela cultura/história.

Retomo aqui a subjetividade como processo, avaliando-a nas suas diferentes formas de produção e, nesse aspecto, a ideia de subjetivação – tal como foi proposta por Foucault (1985, 2000, 2001, 2008) – constitui uma boa resposta à compreensão da produção do sujeito no espaço universitário. Se as práticas de si,

na perspectiva foucaultiana, condicionam historicamente a emergência da subjetividade, isso deve significar que o sujeito, como invenção dessas práticas, é sempre histórico e não universal.

Nessa análise, ao se relacionar com a verdade sem suspeitar que ela é sempre expressão de um poder que sujeita, as práticas de si não só se tornam pensáveis como um eixo derivado das práticas de saber-poder, como também é possível pensar como uma origem para a resistência (TASSO; NAVARRO, 2012; OLIVEIRA, 2017; LANZ, 2014). Como a resistência era vista no confronto direto com o poder, resta pensar em uma prática que pudesse garantir, ao longo da história, a emergência de um eixo responsável pela subjetivação, garantindo a possibilidade da constituição do novo (sujeito trans/universidade).

No ambiente universitário da UEG, um espaço educacional e como tal lugar caracterizado pelo controle de corpos e pela produção de subjetividades (OLIVEIRA, 2017), é relevante pensar acerca das movimentações dos e sobre os corpos trans, concebendo estes corpos como parte de uma construção histórica e, como tal, vem se transformando. Ainda, conforme preconiza Figueira-Borges (2016, p. 159), “a transexualidade evidencia que a espacialidade é efêmera e a construção identitária de gênero se dá no aqui e agora, discursivamente”. Os discursos, ao serem pronunciados, marcam espaços de dizer/ser para os sujeitos em suas práticas discursivas cotidianas. Nesse sentido, esta dissertação toma a universidade como espaço de condição de existência do dizer/ser para a/o discentes trans acerca de suas práticas identitárias.

Assim, encerro este capítulo evidenciando que a construção das identidades se dá como processo cultural e discursivo; que os estudos de gênero abordam a transexualidade como um modo de vivência identitário que rompe com uma lógica cisgênera; e que as condições históricas são espaços de produção de discursos acerca dessas vivências identitárias trans. Concebo a/o colaboradora/or desta pesquisa, como sujeitos heterogêneos e dispersos, constituindo-se, em sua dimensão enunciativa, na historicidade de suas discursividades. Isso significa que estou entendendo que seus discursos adquirem sentidos ao resignificarem dizeres, acerca de suas identidades, por meios de suas enunciações.

Posto isso, tramas estas que atravessam o tema deste estudo e, também, argumentos que sustentam teoricamente a presente pesquisa, sigo para o segundo capítulo, no qual me ocupo das narrativas e enunciações da/o discentes trans, e

passo a analisar os registros que se relacionam aos eixos temáticos Universidade e Câmpus.

2 PARA ALÉM DA RUA: A UNIVERSIDADE COMO LUGAR DISCURSIVO TRANS

Esse [promover espaço para a voz do sujeito trans no contexto universitário] é um exercício do qual, ao meu ver, não é possível evadir-se nesses tempos incertos e sombrios.
(BENTO, 2017, p. 19).

Este capítulo se dedica a um percurso discursivo-analítico fundado nos estudos discursivos da AD, tendo como suporte de conceituação de discurso a perspectiva de Foucault (1996, 2008), a fim de que se possa encontrar fundamentos para uma observação das práticas discursivas de discentes trans acerca da constituição do espaço institucional da universidade.

Para esta pesquisa, a entrada da/o discentes trans na universidade demarca uma época e um espaço para constituir os saberes acerca do corpo trans no ensino superior, espaço este que se mostra como condição de possibilidade do aparecimento/movimento de saberes trans que estabelecem o que pode ser enunciado e como ser enunciado, pela/o discentes trans no que se refere às suas identidades. Cabe-me aqui, neste capítulo, descrever as condições que tornaram possíveis a constituição dos saberes trans e se estes saberes propiciam deslocamentos e outros efeitos de sentidos, para o sujeito trans, a datar de sua entrada e permanência na universidade; esta chegada da/o discentes trans na UEG, solicita a promoção de espaço para suas enunciações, e me proponho a isso quando escrevo este texto dissertativo, pois a partir do que cita Bento (2017, p. 19) na epígrafe que abre este tópico “é um exercício do qual não é possível evadir-se”.

No que se vincula à AD, este texto lança mão dos estudos desenvolvidos por Foucault (1996, 2008) para tratar de “discurso”, “efeitos de sentidos”, “condições de possibilidade”, “acontecimento”, entre outros conceitos que são relevantes para propor um viés analítico, balizado pelas teorizações pensadas no âmbito da AD tanto quanto pelas enunciações da/o discentes trans.

Delineio, neste segundo capítulo, um exame a partir dos eixos Instituição e Câmpus na UEG, pertinentes às perguntas estruturadas que tiveram suas respostas enunciadas pelas/os colaboradoras/es deste estudo e que são descritas, no corpo deste texto, no início dos respectivos capítulos e seções às quais se referem.

As questões estruturadas que conduziram as narrativas feitas pela/o colaboradora/or desta pesquisa foram elaboradas dimensionando cinco eixos a saber; i) Universidade Estadual de Goiás; ii) Campus da universidade; iii) Docentes com os quais os discentes trans tiveram contato; iiiii) Outros discentes universitários que tiveram contato; iiiiii) Vida social durante e após o curso de graduação. Essa formalização de divisão realizada segue uma lógica de partição em eixos, um primeiro eixo relacionado ao espaço (UEG/Câmpus) e o outro eixo relacionado aos sujeitos (Docentes, Discentes, Vida Social), aludindo espaço e sujeito numa perspectiva foucaultiana que é esmiuçada no decorrer deste texto dissertativo.

Por conseguinte, a análise, neste capítulo, é realizada buscando compreender as enunciações da/o discentes trans às seguintes perguntas de pesquisa, referentes aos eixos Instituição e Câmpus UEG onde essa/e discentes cursam uma graduação. Dessa forma, as análises realizadas, neste tópico, se referem aos dois primeiros eixos temáticos com suas respectivas perguntas, a saber:

a) Eixo 1: Universidade Estadual de Goiás – instituição

1. Como você imaginava a universidade?
2. Como você percebe a instituição enquanto um espaço que pode propiciar o convívio das diversidades?
3. A UEG tem contribuído para o seu crescimento pessoal e profissional?
4. Houve acolhimento da comunidade acadêmica para com você? Se sim, estes contribuem para sua permanência no ensino superior?

b) Eixo 2: Câmpus da UEG onde a/o discentes estudam

5. A infraestrutura do Câmpus atende suas necessidades e especificidades? Como, por exemplo, os banheiros, as salas de aula, laboratórios, etc.
6. Passou algum tipo de constrangimento na utilização dos espaços (biblioteca, secretaria, pátio, banheiro, etc.) do Câmpus?
7. De que maneira a diversidade e pluralidade discente proporciona a formação de laços sociais e cordialidade na convivência no Câmpus?
8. Percebe (percebeu) algum tipo de preconceito em suas relações diárias com o corpo administrativo do Câmpus?

Em um primeiro instante, a partir das narrativas às questões acima citadas, há o exame referente aos enunciados da/do discentes trans sobre a instituição UEG e sobre dois de seus Câmpus onde ela/e estudam, abrangendo a visão de como o sujeito discente trans é constituído e se constitui na e pela relação que estabelece, nas diversas e plurais interações em diferentes espaços na sociedade.

Ao estudar as relações intra-institucionais possíveis, no espaço da universidade, posso observar polaridades de poder/saber nas quais, aparentemente, este último traduz privilégio de um grupo minoritário e marginalizado que decreta a outro grupo mais numeroso as implicações do abuso nas relações de força. Contudo, essas relações que estão no cerne de uma instituição também apresentam um poder que envolve relações móveis, resistências, efeitos repressivos, coercitivos e, inclusive, fecundos; fecundos no sentido de oportunizar a produção de subjetividade singularizada, pelo sujeito, ao ocupar as brechas disponíveis no cenário atual institucional (CÉSAR; SANTOS; SILVA, 2019).

No caso da instituição acadêmica, que não escapa dessas estratégias diversas de poder, estão explícitas práticas discursivas que emergem de concepções institucionais acerca do sujeito trans e de que meios e instrumentos se utilizam para construir o discurso institucional oficial. Quando analiso as práticas discursivas institucionais, na universidade, relativas à transexualidade, estas práticas se singularizam, pois ali se encontram diferentes estratégias nas quais o poder se ramifica e circula.

No contexto institucional, seja qual ele for, a subjetividade é produzida a partir das práticas discursivas (CÉSAR; SANTOS; SILVA, 2019). Nesse sentido, a subjetividade se apresenta como uma produção eminentemente histórica e, portanto, discursiva.

As práticas sociais discursivas são localizadas nos detalhes do cotidiano em procedimentos institucionalizados, ou seja, as práticas discursivas que subjetivam o sujeito trans na academia são observadas por meio da maneira como se dão as diversas atividades acadêmicas, que se referem a conceitos, definições, procedimentos e instrumentos para manuseio de informações e relações com os partícipes que ali comungam do mesmo espaço.

A partir do entendimento de que o poder produz práticas das quais extrai um saber sobre o objeto ao qual ele se aplica, noto que existe uma íntima relação entre

o exercício do poder e a produção de saber nas práticas discursivas acadêmicas vivenciadas pela/o discentes trans. Nestas relações de saber-poder, institucionalizadas, acadêmicas, instauram-se práticas das quais emergem discursos acerca da transexualidade, num procedimento circular produtivo, do qual também emerge o sujeito trans, sua subjetividade. E esta subjetividade, num viés foucaultiano, refere-se ao modo como o sujeito se compreende como sujeito legítimo de determinado tipo de conhecimento, ou melhor, para essa pesquisa, como o sujeito trans percebe a si mesmo na relação sujeito-universidade.

Em um cenário institucional, é exercido um poder sobre o sujeito, vigiando-o, no caso da academia essa vigilância pode se manifestar nas relações entre todos os integrantes da universidade e, também, mais localmente em dois Câmpus da UEG. Enquanto exerce esse poder, a instituição vigia e, ao mesmo tempo, produz um saber a respeito daqueles que estão sob sua jurisdição (FOUCAULT, 2001). Esse saber é caracterizado por discursos acadêmicos sobre o sujeito trans, um saber que se ordena em termos daquilo que é estabelecido para o corpo trans na academia, ou seja, aquilo que esta/e discentes trans devem ou não fazer.

Foucault (2002), utilizando a concepção de jogos de verdade como instrumento para sua análise histórica das condições de possibilidade do dizer, escreve que as relações de força desencadeiam as condições de possibilidade para a formação de um certo número de domínios de saber. As condições históricas da existência são as condições nas quais se formam e se constituem os sujeitos de conhecimento e as relações de verdade.

Por jogos de verdade este autor entende “as regras segundo as quais, a respeito de certas coisas, aquilo que um sujeito pode dizer decorre da questão do verdadeiro e do falso”. (FOUCAULT, 2004, p. 235). A partir desse jogo de verdade, os sujeitos instauram outros modos de subjetivação que os distanciam daqueles que lhes são impostos. No caso do sujeito trans na academia, significa dizer que os jogos de verdade são os modos pelo quais os discursos sobre seus corpos podem ou não se tornar verdadeiros de acordo com as circunstâncias sócio-históricas em que são ditos. Nesse termo, é preciso que essa/e sujeito não lute somente pela ocupação de outros espaços que representem os anseios de suas identidades. Decerto que a criação desses espaços pressupõe a elaboração de estratégias de resistência que se opõem às relações de saber-poder que disciplinam os corpos.

No ensejo de compreender o panorama em que a/o discentes trans, corpo trans, pauta-se como uma transgressão e um acontecimento discursivo, neste espaço universitário, a análise discursiva que pretendo elenca do corpo trans como uma superfície dotada de interpretações do simbólico em que eles se constituem como sujeitos que são, historicamente, atravessados na e pela linguagem. O corpo trans, como uma forma de materialização de subjetividades, é considerado neste estudo, como um acontecimento discursivo produtor de efeitos de sentidos que se dão, em meio a lutas constantes entre o sujeito trans e as regulamentações acadêmicas cisgeneras que impõem constantemente uma série de regras e princípios fundamentados a partir de saberes educacionais dominantes.

Esboço a possibilidade de estruturar e reestruturar discursos estruturados historicamente, enredados de saber e poder (GREGOLIN, 2008, 2015), acerca de práticas discursivas a respeito do corpo do sujeito trans, no quadro educacional superior, especificamente a UEG. A reflexão que é proposta aponta os diferentes discursos materializados pela/o discentes trans neste texto dissertativo, manifesto na trama dos aspectos sociais e históricos da linguagem, a partir dos quais revelam-se as diferentes vozes constitutivas deste sujeito discursivo, a que me dedico neste texto, tendo a universidade como espaço de possibilidades para a existência das dos discursos da/o discentes trans.

2.1 A Universidade Estadual de Goiás como espaço de possibilidades para as discursividades trans

A Universidade Estadual de Goiás - UEG é uma das mais novas instituições públicas de ensino superior no Brasil. Pelos registros históricos que a constituem, a UEG nasceu estrategicamente beneficiando grande parte dos municípios goianos e seu crescimento tem proporcionado tanto a expansão quanto a interiorização do ensino superior no Estado de Goiás.

A proposta para a criação de uma instituição de ensino superior pública, gratuita e de qualidade no Estado de Goiás teve suas primeiras manifestações na década de 1950, quando houve intensos embates entre os defensores do ensino público e do ensino privado. Como resultado desse processo, foi criada a Universidade Católica de Goiás (UCG), em 1959, e a Universidade Federal de Goiás (UFG), em 1960. A Reforma Universitária, estabelecida por força da Lei n. 5.540, de 28 de novembro de 1968 (que fixa normas de organização e funcionamento do

ensino superior e sua articulação com a escola média, e dá outras providências) facilitou a disseminação do ensino superior privado no Brasil e, conseqüentemente, em Goiás (UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS, 2021).

A criação da Faculdade de Ciências Econômicas de Anápolis (FACEA), em 1961, foi o primeiro registro histórico da UEG. A partir dela surgiu a Universidade Estadual de Anápolis (UNIANA), posteriormente transformada em UEG. Na mesma década ocorreu a criação, em 1962, da Escola Superior de Educação Física do Estado de Goiás – ESEFEGO (que passou a ser ESEFFEGO em 1994, com a criação do Curso de Bacharelado em Fisioterapia) e, em 1968, foi criada a Faculdade de Filosofia da Cidade de Goiás. No ano de 1999, a então ESEFFEGO passou a integrar a Universidade Estadual de Goiás como Unidade Universitária de Goiânia – ESEFFEGO e a Faculdade de Filosofia da Cidade de Goiás como Unidade Universitária de Goiás (UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS, 2021).

A educação superior em Goiás entrou em sintonia com as políticas educacionais do país, com a aprovação da Lei de Diretrizes e Bases n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, passando por transformações significativas e por uma ampla expansão (UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS, 2021).

O Governo do Estado adotou então uma política de criação de faculdades, por meio do regime jurídico autárquico. Decretos, portarias e resoluções da Secretaria de Ensino Superior do MEC (SESu) e do Conselho Nacional de Educação (CNE), e legislações específicas, como a Lei Complementar n. 26, de 28 de dezembro de 1998, estabeleceram as Diretrizes e Bases do Sistema Educativo do Estado de Goiás, fundamentais para que o movimento em prol da universidade pública em Goiás se expandisse. No final dessa década, por força da Lei n. 13.456, de 16 de abril de 1999, a UNIANA foi transformada em Universidade Estadual de Goiás - UEG. Essa lei previu ainda a incorporação das autarquias estaduais de ensino superior à estrutura da instituição então criada. Entre essas autarquias, estavam as treze mencionadas na Lei Estadual n.11.655/1991, que tinham efetivo funcionamento, e outras cuja implantação não foi cumprida de fato, apesar de ser prevista em lei (UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS, 2021).

Organizada como uma Universidade multicampi, sua sede central se encontra em Anápolis e é resultado do processo de transformação da antiga Universidade Estadual de Anápolis (UNIANA) e da incorporação de outras treze Instituições de Ensino Superior isoladas, mantidas pelo poder público. Embora seja

uma instituição nova, a UEG busca manter a identidade que deu origem à sua história. Sua proposta de democratizar o conhecimento tem se concretizado tanto pela expansão quanto pela interiorização do ensino superior no Estado de Goiás. Hoje a UEG se faz presente em 38 municípios, com oito Câmpus e trinta e três Unidades Universitárias.

Assim, a UEG vai tomando forma com a missão de produzir e socializar o conhecimento científico e o saber, desenvolver a cultura e a formação integral de profissionais e indivíduos capazes de se inserirem criticamente na sociedade e promoverem a transformação da realidade socioeconômica do Estado de Goiás e do Brasil, na condição de instituição multicampi, comprometida com seus Câmpus e Unidades Universitárias instaladas em 17 microrregiões do Estado de Goiás.

As/os colaboradoras/ores desta pesquisa cursam graduação em um Câmpus Sede e em uma Unidade Universitária. Trato de contextualizar este Câmpus e esta Unidade Universitária, a partir de aspectos relevantes para a análise posta, contudo, sem citar a localização, pois mantenho a mesma ética com relação aos nomes da/o discentes trans, por conseguinte não oferecer pistas que possam levar às suas identificações.

Atualmente a universidade oferta trinta cursos de graduação alojados em seus oito Câmpus e trinta e três unidades universitárias.

Nesse contexto discursivo que a universidade se posta, acredito que é fundamental refletir acerca da construção de sentidos por sujeitos marginalizados, que agora ocupam um espaço privilegiado - a universidade - que até então lhe fora negado. Refiro-me, nesta pesquisa, ao ensino superior como um espaço privilegiado considerando os indicadores educacionais. No Brasil se observou, no caminhar da história, um aumento no acesso ao ensino superior pela população, e muito disso parece ser devido a uma ampliação de políticas educacionais que viabilizassem a permanência na educação básica. Também, em razão dos Programas de inclusão no ensino superior, como o Programa Universidade para Todos (PROUNI - Lei 11.096 de 13 de janeiro de 2005) e a Lei de Cotas (12.711, de 29 de agosto de 2012). Contudo, estes indicadores ainda sugerem que a chegada à educação superior aponta desigualdades sociais. E muitas dessas desigualdades estão relacionadas com as questões da cor ou raça, classe social e gênero (NASCIMENTO; AVELAR, 2018). Isso implica em repensar o corpo transexual no espaço da UEG e de dois dos seus Câmpus, para desconstruir e

reconstruir discursividades para estes espaços que o sujeito trans pode/deve ocupar.

2. 2 Ressonâncias discursivas: vozes que ecoam no espaço institucional acadêmico

Ao analisar as enunciações da/o discentes trans, no que se refere aos eixos Institucional e Câmpus UEG, destaco dois pontos de articulação, (i) processos históricos e (ii) fenômenos linguísticos, nos quais a materialidade da língua é condição para o discurso. A enunciação se torna material linguístico para a observação da construção de sentidos que é histórica (ORLANDI, 2007), e que desliza sobre o corpo trans, por meio das discursividades que são enunciadas no contexto de dois Câmpus na UEG.

Para tanto, considero o discurso num contexto social e histórico perpassado pelo desejo do sujeito, num espaço de deslocamento discursivo que leva a produção de sentidos para um enunciado (FERREIRA, 2003). Para esta análise discursiva, noto que é relevante o entendimento dos verdadeiros sentidos do discurso da/o discentes trans, expresso numa materialidade linguística em relação a um contexto histórico e social universitário.

O espaço institucional da UEG e de dois de seus Câmpus são espaços de poder que emergiram na história em que as várias posições-sujeito que ali se encontram e apontam discursos que, quando os sujeitos os interpretam, eles são direcionados à instância do acontecimento para relacioná-los a outros enunciados.

Para esta pesquisa, o ingresso da/o discentes trans no contexto universitário é um acontecimento discursivo que remete ao fato de que os discursos são produzidos a partir de formações discursivas inseridas que emergem de determinado contexto (FOUCAULT, 2008). Então, embasando-me em Foucault (1996), comento que o acontecimento discursivo, ingresso e permanência de discentes trans na universidade, efetiva-se na materialidade das suas discursividades, pois instaura, a partir disso, uma “pluralidade de posições e de funções possíveis” (FOUCAULT, 1996, p. 58) para outras posições-sujeito trans.

As descontinuidades na produção dos acontecimentos discursivos remarcam que o novo não está naquilo que é dito, e sim no acontecimento histórico do seu retorno (FOUCAULT, 1996). Isso implica na manifestação da/o discentes trans

como acontecimento discursivo na história desta universidade, instituindo outras possibilidades discursivas sobre a transexualidade no contexto educacional superior. É preciso considerar esse deslocamento na análise dos discursos, pois a manifestação do corpo trans em lócus considerado tradicional, heteronormativo, é recente. Desse modo, uma outra construção de sentidos foi acionada por meio das relações de saber-poder (FOUCAULT, 2008) sobre a transexualidade, que permeia a esfera educacional. Esta construção de sentidos, que importa para este trabalho, e à qual ele se refere, é como o sujeito trans movimenta saberes e poderes para se constituir, no âmbito da UEG, naquilo que diz respeito a sua transexualidade.

Dito isso, apresento a sequência discursiva com mesmo efeito de sentido, para este eixo, a universidade. Distribuo-as, a partir de um conjunto de semelhanças, respostas às mesmas perguntas, estabelecidas nas enunciações da/o discentes trans, considerando, no interior das quatro perguntas feitas para este eixo: a) primeira, segunda e terceira perguntas marcam as expectativas dela/e para com sua movimentação dentro da academia a partir de um discurso que antecede a chegada, do sujeito trans, neste espaço acadêmico; b) a quarta pergunta, delimita acerca da entrada e da permanência da/o discentes trans na universidade.

A primeira série de enunciados, do eixo instituição que elenco, tocante às questões de um a três, referente às perguntas da entrevista, se refere às expectativas dela/e para com sua movimentação dentro da academia, a partir de discursos que antecedem a chegada no espaço acadêmico.

[01S01E01] Eu tinha uma ideia meio torta da universidade, mas até que minhas expectativas estão sendo supridas. (ANTÔNIO).

[02S02E01] Bom, a princípio eu tinha uma percepção de ensino médio da faculdade. Quando eu estava no terceiro ano do ensino médio, então, a minha percepção era de um mundo mais fechado em relação à faculdade. Eu imaginava que a faculdade não era o lugar da diversidade porque a gente sofre tanto com essa violência nas escolas, no dia a dia, então eu imaginava que seria isso também na faculdade. (LARISSA).

[03S01E02] Eles falam muito sobre a diversidade, entretanto em outros aspectos mais de físico, corpo, afetividade e na questão de gênero e corpos não cis eu sinto já uma deficiência. (ANTÔNIO).

[04S02E02] Percebo que a UEG é um espaço tranquilo, é um espaço onde a diversidade é respeitada onde os professores trabalham as diversidades em sala de aula. Por duas vezes eu fui convidada pra uma mesa redonda na universidade. Uma vez na sala de aula pra falar sobre as diversidades e outra vez, eu fui convidada, pra um evento da UEG pra falar sobre as mulheres transexuais. A diversidade não é somente o pessoal LGBT, mas

também todas as pessoas, negro, branco, LGBTs então em relação a isso eu percebo que a universidade é um espaço tranquilo. (LARISSA).

[05S1E03] Sim, contribuiu grandemente para o meu crescimento pessoal e profissional. (ANTÔNIO).

[06S02E03] Sem dúvida alguma a UEG contribuiu muito, bastante mesmo para o meu crescimento profissional e para o meu crescimento pessoal. Cheguei na UEG com uma bagagem e vou sair da UEG com outra bagagem, uma mala cheia de bagagens e conhecimentos intelectual. (LARISSA).

Observo, nos enunciados acima, um deslocamento histórico que possibilita à universidade se apresentar como condições de possibilidade para o aparecimento dos discursos trans, quando Antônio diz que “tinha uma ideia meio torta da universidade” e Larissa “a princípio eu tinha uma percepção de ensino médio da faculdade”, em ambas enunciações posso perceber uma retomada de significância a um passado histórico que delimitava espaços, ser-poder, ocupados pelo corpo trans. E quando Larissa “estava no terceiro ano do ensino médio [e sua] percepção era de um mundo mais fechado em relação à faculdade” remete-me à noção de que os espaços institucionais produzem e reproduzem relações de saber-poder, estabelecendo o que pode ser enunciado ou não.

Sobre as materialidades linguísticas, “torta” e “expectativas foram supridas” (ANTÔNIO), comento que esse saber que antes deslizava sentidos de marginalidade, no contexto universitário da UEG, para os corpos trans, diminuíram, ainda que de modo discreto, pois mais adiante a/o colaboradora/or fazem narrativas que salientam esse sentindo de copos às margens.

Dessa maneira, percebo os discursos da/o discentes trans como um entrelaçamento de unidades linguísticas, e seu significante se conecta com outras tantas unidades linguísticas em um sistema aberto, formando enunciações que marcam verdades para uma instituição de “ensino médio”, reverberando-as. O discurso exerce, assim, uma função de domínio, restrição e legitimação das regras de poder que se mostram no desenrolar histórico e social referente ao papel regulador da instituição educacional superior (FOUCAULT, 1996).

Quando Larissa complementa que “imaginava que a faculdade não era o lugar da diversidade porquê [...] sofre tanto com essa violência nas escolas e imaginava que seria isso também na faculdade”, faz-se necessário considerar as condições em que os discursos são produzidos. Estas produções dizem respeito a

aspectos discursivos, de condições da construção e produção deste enunciar acerca das condições sócio-históricas da condição de dizer da/o discentes trans (ORLANDI, 2007). O dizer discursivo realizado pelo sujeito, de acordo com uma prática social de uso da língua, considerando aspectos históricos, sociais e culturais, determina o que (não) pode e (não) deve ser enunciado em determinado espaço e tempo sobre sua transexualidade. Nesse sentido, ao referir-me a estes discursos enunciados comparando a educação básica e a educação superior como modos contínuos de abordar a transexualidade, os mesmos externalizam os processos históricos e sociais de constituição dos discursos que eram possíveis ao corpo trans, mas que hoje revelam-se inscritos em processos históricos e sociais que os integram, pois nas enunciações acima, as enunciações são caracterizadas pela aceitação a uma identidade posição-sujeito trans na educação superior.

Ao entender a relação entre discurso, espaço e história posta pela/o enunciador, por meio da ligação que estabelece entre “ensino médio” e “faculdade”, noto que, pelos discursos, aos sujeitos é revelado o processo histórico de produção dos efeitos de sentido de ataque e exclusão, para a transexualidade no espaço educacional. O sujeito, ao se tornar produtor do discurso, torna-se, também, produto dele. Nesse sentido, as discursividades que entendem o ambiente acadêmico como parecido com o da educação básica, mostram que “o discurso nada mais é um jogo, de escritura [...], de leitura [...], de troca [...] o discurso se anula, assim, em sua realidade, colocando-se na ordem do significante” (FOUCAULT, 1996, p. 49), ou seja, há um efeito de sentido excludente, e que violenta, produzido pela expressão “ensino médio”.

Contudo, há nestes mesmos enunciados referentes à série enunciativa acima, uma constituição de Larissa como discente trans que retoma o que Foucault designou de confissão de si (FOUCAULT, 2001). Ao mencionar que “por duas vezes eu fui convidada pra uma mesa redonda na universidade”, Larissa confessa seu protagonismo e expõe sua verdade ao poder de ensinar sobre “diversidades” e “mulheres transexuais”, como uma técnica possível de produzir uma verdade sobre sua prática, como um modo de expressar uma verdade escondida na história da universidade sobre as identidades trans. A discente trans traz, nesse sentido, uma retomada da vida, produzindo uma vontade de expor, de confessar, como um mecanismo que serve para revelar a verdade de si, em se tratando da sua transexualidade, e isto pode ser relacionado ao que é estabelecido por Foucault

sobre a confissão, pois, “pela confissão, o acusado se compromete em relação ao processo; ele assina a verdade da informação”. (FOUCAULT, 2001, p. 35).

Assim, estas confissões de si (FOUCAULT, 2001) demarcam um espaço no qual coloca o sujeito trans cursando graduação, em um processo de organização e potencialização de sua vivência trans, nos aspectos profissional e pessoal. As enunciações dos sujeitos trans sobre a universidade, partem do envolvimento e do comprometimento desta/e sujeitos em formação/graduação e podem potencializar a perspectiva constitutiva de sua formação no ensino superior. Por isso, alguns argumentos aparecem com regularidade nas enunciações acima, tais como quando Antônio diz que estar na UEG “contribuiu grandemente para o meu crescimento pessoal e profissional”. A esse mesmo respeito Larissa acrescenta, também, que “a UEG contribuiu muito, bastante mesmo para o crescimento profissional e para o crescimento pessoal”. Infiro, por estes enunciados, que, para ambos discentes, estar na universidade vai ao encontro de seus projetos e trajetórias de vida pessoal e profissional.

Sendo assim, a/o discentes trans têm a possibilidade de experienciar na academia uma viabilidade de formação e um espaço para subjetivação, a/o própria/o discentes trans se percebendo como sujeito legítimo do conhecimento de sua transexualidade. Então, ela/e procuram, nesse processo de subjetivação, firmar discursos que ditem como verdades suas práticas. Nesse momento de afirmar uma verdade de si, uma enunciação de Antônio apresenta efeito denunciativo, e contrasta todos os outros discursos dessa série enunciativa, que “sobre a diversidade [...] e na questão de gênero e corpos não cis” sente “uma deficiência” da UEG. O colaborador infere que, apesar de todo avanço institucional referente à diversidade, os assuntos relacionados ao corpo não cis ainda estão deficientes havendo, ainda, certa resistência da universidade em abordar de forma acadêmica essa temática.

Assim, por meio de tais discursos, há uma produção de modos de ser trans, existindo e resistindo na universidade, através do funcionamento como confissão, buscando, por meio deste exercício de falar sobre si, retomar as faltas em seus percursos e se convertendo em sujeitos esclarecidos, conscientes e conscientizadores de suas identidades trans. Demarco, assim, que a universidade surge como uma outra possibilidade para a/o discentes trans reafirmarem sua identidade de gênero trans, só que, a partir de uma graduação, uma perspectiva

futura de uma prática profissional pelo exercício de enunciar seu conhecimento de si mesma/o.

Sucedo, neste instante, à segunda série de enunciados do eixo instituição, relacionada à questão de número quatro, constante nas perguntas da entrevista, que aborda a entrada e a permanência da/o discentes trans na universidade. A esse respeito ela/e escreve:

[07S01E04] O acolhimento veio devagar, pois até então eu não tinha tanta abertura para falar sobre a minha transexualidade. (ANTÔNIO).

[08S02E04] Sim, houve um acolhimento bastante relevante com um significado muito grande pra mim. Lembro que no primeiro dia que eu cheguei na universidade eu estava conversando com a moça do administrativo e ela me disse pra procurar o professor, que na época era o coordenador do curso e, nesse exato momento o professor João⁸ estava passando em frente ao administrativo. Quando ele me viu, já veio em minha direção. Ali trocamos as primeiras palavras, os primeiros cumprimentos, uma pessoa muito receptiva comigo, encantadora posso dizer. Também logo já peguei mais conhecimento e troca de palavras com o pessoal do administrativo. No outro dia tive a oportunidade de conhecer o diretor do Câmpus, uma pessoa humana, um ser humano maravilhoso, que veio até mim, me abraçou e me deu as boas-vindas. No Câmpus da universidade todos os professores, em sala de aula, me deram as boas-vindas, tantos os professores que davam aula pra mim e também os que não davam. Tive um conhecimento no dia-a-dia ali no Câmpus com todos os funcionários ali no Câmpus da UEG. Então, esse foi um acolhimento bastante significativo e positivo pra mim e com esse acolhimento dessas pessoas foi fundamental contribuiu bastante para minha permanência no ensino superior. O quão faz bem para nós sermos bem recebidos numa universidade, num espaço acadêmico ou, em geral, na sociedade. (LARISSA).

Nessas enunciações acima, quando a discente trans enuncia como foi o acolhimento em sua entrada na universidade, observo um efeito de sentido afirmativo, visto que, mesmo que o “acolhimento veio devagar”, foi sim “um acolhimento bastante relevante”, oportunizando um espaço discursivo que “até então eu não tinha tanta abertura para falar sobre a minha transexualidade”. Os enunciados de Larissa sobre a sua chegada na UEG mostram que foi satisfatória a aceitação do sujeito trans no contexto universitário.

Desse modo, entendo, por meio destes discursos, que um objeto simbólico (ORLANDI, 2007), a palavra “acolhimento” se apresenta investido de significância, ou seja, a chegada da/o discentes trans na universidade é algo que está sendo dito

⁸ Nome fictício que esta pesquisadora elegeu para o então professor citado pela discente trans Larissa, a fim de preservar a identidade deste professor, a partir de uma condição ética em pesquisa.

em num determinado momento e em uma determinada condição, servindo-se de uma estrutura linguística, que transforma “significados, relações, identidades e atividades” (BAZERMAN, 2015, p. 11). Dizendo de outro modo, a universidade mobiliza efeitos de sentido de receptividade ao corpo trans mediante estas enunciações feitas por Antônio e Larissa. O excerto analisado refere-se às experiências particulares da/o colaboradora/or desta pesquisa, ou seja, é preciso demarcar que as enunciações de Antônio e Larissa denotam a receptividade da universidade na experiência dela/e, a partir do Câmpus em que ela/e estudam. Todavia, estou ciente de que tais discursos sobre a universidade podem não representar as experiências de outras pessoas trans.

Dessa maneira, o discurso não se serve do sentido do texto ou do sentido do discurso, mas dos modos e das dinâmicas deste texto e deste discurso que produzem sentidos outros (BAZERMAN, 2015), para uma posição-sujeitos-trans, agora inseridos na universidade, e esta posição de agora, discentes trans, fora possibilitada pela história. Os sentidos de acolhimento para o corpo trans são produzidos em outro lugar, a universidade, onde esse mesmo sujeito vivencia uma dinâmica linguístico-discursiva que não era discursivizada sobre sua transexualidade.

E, a partir da narrativa de Larissa, mostrada no enunciado em que ela narra que o “acolhimento [fora] bastante relevante com um significado muito grande”, para ela, acerca de sua entrada na universidade, descreve marcadores de poder que se evidenciam neste espaço, sendo recebida pelo “professor João”, “pessoal do administrativo”, “diretor do Câmpus”, “os professores que davam aula pra mim e também os que não davam”, sujeitos estes demarcados com uma posição de autoridade discursiva na universidade.

O discurso se mostra, portanto, um instrumento linguístico que estrutura um imaginário histórico e social ao status de determinados papéis hierárquicos na academia, a coordenação, professora/or, direção, pelo qual revela regimes de verdade que impera, historicamente, na sociedade. Enunciados assim, são provenientes de um sistema de formação em uma dada condição de existência, pressupondo “um conjunto de regras históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço que [definem], em uma época dada, [as condições de emergência do dizer]”. (FOUCAULT, 2008, p. 133).

Pressuponho, então, a partir dos discursos da/o discentes trans e das condições históricas de enunciação destes discursos, que o sujeito trans traz um outro saber, saber este relacionado ao que tange à cisão com a cis heteronormatividade, bem como a possibilidade do sujeito trans ocupar o espaço universitário; e reivindica, nesses jogos de poder com as figuras de autoridade mencionadas, autorização para atuar no contexto universitário, em que as proibições que atingem o corpo da/o discentes trans mostram a relação existente entre o saber e o poder sobre os dizeres do sujeito trans, pois, evoca ao que Foucault escreve onde “o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo porque, pelo que se luta, o poder do qual nós queremos apoderar”. (FOUCAULT, 1996, p. 10).

A esse respeito, a posição-sujeito que Antônio e Larissa ocupam adentrando a academia corroboram com o saber e o poder de um discurso até então vetado, e a universidade, neste momento, se torna um espaço onde sentidos acerca da identidade de gênero trans precisam ser enunciados. A/o discentes trans, ao alcançarem a universidade, passam a assumir a posição de sujeito que enuncia, sujeito do saber e do poder de enunciar, verdades sobre sua identidade, neste espaço e tempo da UEG.

Nessa condição de poder dizer e onde dizer (FOUCAULT, 1996), sustento-me nas enunciações da/o discentes trans para manifestar que o sujeito trans se posiciona agora diferente, trazendo enunciados que não se podem mais ignorar. A realidade trazida pelo sujeito trans mostra segregação da identidade, relevando esses sujeitos à marginalidade, para fora do espaço educacional superior. Entretanto, a/o discentes trans se posicionam de forma diferente em razão de assumir uma posição-sujeito outra, não mais relacionam às marginalidades, mas como uma posição-sujeito que inicia o percurso acadêmico e, com isso, a possibilidade de um espaço privilegiado, da educação superior pública, para discursivisar sobre sua identidade, a partir dos jogos de verdades por ela/e construídos.

Passo agora à análise da sequência discursiva com mesmo efeito de sentido, para o eixo Câmpus, referentes às perguntas de número cinco a oito da entrevista. Separo-as, a partir de um conjunto de semelhanças estabelecidas nas enunciações da/o discentes trans, considerando, em direção ao interior das quatro perguntas feitas para este eixo: a) quinta e a sexta questões abordando aspectos de

infraestrutura perpassadas pela convivência nestes espaços; b) sétima e oitava questões, alusivas às temáticas de constrangimento e preconceito, também, a partir das relações de convivência no Câmpus.

A primeira série de enunciados, referentes ao eixo Câmpus, aqui delineadas, se refere às questões cinco e seis das perguntas da entrevista, e direciona para o entendimento dos aspectos de infraestrutura que possam mobilizar efeitos de sentidos para a movimentação da/o discentes trans dentro da academia.

[09S01E05] Agora depois de certo tempo de terapia hormonal atende, antes tinham algumas questões acerca de banheiros. (ANTÔNIO).

[10S02E05] Bom, a infraestrutura do Câmpus em relação a banheiro eu nunca tive problemas, sempre usei banheiros femininos em todas as partes que é banheiro público da sociedade e também da universidade. Sempre usei banheiros femininos, não tive problema. Em relação as minhas necessidades em sala de aulas também foram atendidas. Em relação a laboratório é supertranquilo. Temos um bom laboratório que atende, sim, as minhas necessidades. Então, em relação a banheiros, sala de aula e laboratório o campus atende as minhas necessidades. (LARISSA).

[11S01E06] Que eu me recordo, apenas uma vez e que foi justamente nesse ponto de ausência da possibilidade de eu ir ao banheiro masculino. (ANTÔNIO).

[12S02E06] Não lembro de passar constrangimento no banheiro durante todo esse meu tempo de convívio acadêmico. Agora na biblioteca eu tive um constrangimento em relação a carteirinha do estudante, de uso interno no campus, que é a carteirinha da biblioteca. Eu fiz a minha carteirinha com o meu nome civil na época, não havia retificado meu nome ainda, mas eu sei dos meus direitos, então, eu fiz a carteirinha com o nome social. Quando fui chamada na biblioteca pra pegar a carteirinha estava com o nome civil, o nome que eu não me vejo, que eu não me via naquele momento. Eu me via com meu nome social, com o meu nome como eu sou hoje. Vieram me entregar essa carteirinha e eu simplesmente não aceitei. Fizeram com meu nome civil, sem ao menos me comunicar por um e-mail para me dizer se podia ou não. Mandasse uma mensagem para mim ou pelo menos chegasse até a mim e comunicasse. Não houve uma comunicação, teve uma resistência do campus em relação a isso. Fui na biblioteca, devolvi falei que não aceito, fui na secretaria conversei com a moça disse que também não aceito porque eu conheço as leis cabíveis e era simplesmente uma carteirinha para uso interno. Isso foi no primeiro ano da graduação, então, após um dia e meio o diretor veio a mim pedindo desculpa pelo constrangimento que eu sofri na biblioteca. Porque é um constrangimento. Depois o diretor veio até a mim e trouxe a carteirinha com meu nome, Larissa, pedindo desculpa e dizendo que eu era a primeira aluna trans da UEG, por isso eles não sabiam como mexiam com essa documentação. E foi isso e foi resolvido, mas isso foi através de lutas e de resistência pra eu estar conseguindo os meus direitos. Para eu estar conquistando o meu espaço, pois se não busco, se eu não luto, não vou atrás dos meus direitos, hoje, como que estaria? Mas tudo isso, esses percalços, esses contratemplos ficaram no passado. As pessoas chegaram até a mim e me pediram desculpas, foi amenizando essa dor, é uma dor

por dentro, porque querendo ou não, é uma resistência o nosso corpo ali, a nossa presença ali.

Um outro constrangimento que eu passei foi no pátio do Câmpus. Foi quando fui selecionada para a bolsa permanência. O administrativo colocou lá fora a lista dos alunos que haviam passado na bolsa. Eles fizeram, não sei por qual motivo, colocaram meu nome Larissa e o meu outro nome que eu não gosto, completo e entre parêntese. Poxa, aquilo me doeu tanto, porque eu fui muito exposta, foi um constrangimento muito grande. Quando eu cheguei no campus veio uma coleguinha falar, Larissa seu nome tá lá fora exposto, estão os dois nomes, vai lá fora pra você ver. O mais rápido possível eu já entrei em contato com a secretária do diretor e já fui pessoalmente conversar com o diretor do campus. Não tinha necessidade, colocar meu nome civil lá fora. Eu me vejo como Larissa desde quando eu cheguei no campus, desde meu ensino médio, eu sempre lutei, eu fui em busca e exigi, eu estudei e fiz o ensino médio e também estudei e faço faculdade. Tem que respeitar o meu nome que é Larissa. Então, após isso, em o diretor pediu pra sua secretária retirar do corredor todos os papéis. (LARISSA).

Observo nas enunciações acima, de Antônio e Larissa, no que se referem ao uso do banheiro, a produção de efeito de sentido cis heteronormativo. O uso do banheiro parece estar, ainda, relacionado ao cisgênero, padronizado como masculino ou feminino, isto é, quanto mais um sujeito homem trans, por exemplo, apresenta em seu corpo características de homem cisgênero, mais se adequa ao uso do banheiro masculino, pois “agora, depois de certo tempo de terapia hormonal, atende” e se demarca a “possibilidade de eu ir ao banheiro masculino”, ou seja, para Antônio, agora que seu corpo se aproxima mais do gênero masculino, ele não encontra dificuldade em usar o banheiro masculino.

Larissa também mostra essa mesma lógica de um padrão cis heteronormativo para o uso do banheiro, pois ao “sempre [usar] banheiros femininos em todas as partes que é banheiro público da sociedade”, revela que foi aceita neste espaço do banheiro feminino, em razão de ter atendido a lógica cis heteronormativa demarcada em suas enunciações, ao se nomear “mulher trans”, ao longo de sua narrativa. Dessa forma, o sujeito trans atinge um estado de subjetivação como sujeito masculino e sujeito feminino, mas ainda reproduzindo o padrão cis heteronormativo. Esse padrão continua a permear o corpo dos sujeitos, dentro do espaço dos Câmpus, impondo, de forma inflexível, lugares e espaços fundamentados conforme os estereótipos de gênero relacionados à genitália. Há, nesse aspecto do uso do banheiro, um não-lugar para os corpos trans, na medida em que esses corpos são apropriados por uma linguagem que não é deles ou por

sujeitos que não os compõem, mas que os atravessam sempre, a cis heteronormatividade.

Avisto que, no que tange ao uso dos banheiros, no âmbito da Universidade/Câmpus, ainda permeiam práticas sexistas limitadas, com base nas relações de saber-poder que delineiam uma lógica cis binária para o banheiro, masculino-feminino.

Evidente que a posição-sujeito (NAVARRO, 2008) de Antônio, na enunciação “de ausência da possibilidade de eu ir ao banheiro masculino”, demarca o que lhe é possível ocupar em relação a um espaço físico, o uso do banheiro, na universidade, ainda obedece a uma lógica cis heteronormativa que excluía seu corpo antes de iniciar a transição, padrão feminino, do banheiro dito masculino. Novamente, neste discurso de Antônio, o aparecimento do discurso pautado na cis heteronormatividade, que desliza sentidos para corpos de masculinidade e feminilidade que incidem diretamente sobre o corpo trans. E o banheiro parece ser, ainda, um espaço de muita movimentação excludente para o corpo transexual.

Há uma regularidade fundada e legitimada nas práticas sociais (ORLANDI, 2007), por Antônio, pelo uso do verbo “atende”, para delinear um saber do que seja um corpo de homem e um corpo de mulher, ou seja, o uso deste verbo, pelo discente, reforça uma prática de controle e exclusão do corpo trans por meio de um discurso que se fundamenta em saberes construídos historicamente acerca dos papéis de gênero que o sujeito pode assumir em sociedade. O verbo “atende” parece significar que este discente, ao fazer a “terapia hormonal”, passa a ter o corpo de homem e, assim, o uso deste verbo instaura um efeito de sentido de autorização pela Instituição/Câmpus, para uso dos espaços tidos como masculino.

Analiso que seria a academia um espaço importante para participação de sujeitos trans na construção de saberes sobre identidade de gênero e transexualidade. Na academia, outros espaços deveriam ser proporcionados a/ao discentes trans, contudo, o que é discursivizado, ainda, no Câmpus, tem um efeito de sentido restritivo, visto que, se há um discente trans dentro de uma Universidade/Câmpus, permanece uma expectativa de que ela/e apenas cumpram as atividades acadêmicas voltadas para sua formação em uma graduação, apagando oportunidades para ocupação de outros lugares possíveis dentro do ambiente acadêmico.

Essa tentativa de ocupar outros espaços, pela/o discentes trans, percebo na narrativa de Larissa acerca de duas vivências. Uma vivência, tida por ela, no espaço do pátio do Câmpus e outra em relação à carteirinha da biblioteca, sendo ambas situações direcionadas ao uso do nome social. Depreendo que Larissa atribui ao substantivo “pátio”, espaço de circulação, de convivência, dos que frequentam o Câmpus, e noto que ela tem um sentimento de pertença para com o “pátio” onde se percebe acolhida. Assim, ter seu nome de batismo ali exposto, neste espaço tão singular a ela, mobilizou “exposição” e “constrangimento”, pois seu “nome de batismo” a faz lembrar de uma identidade de gênero com a qual ela não se identifica.

Se considero que é neste espaço acadêmico que os saberes científicos são produzidos e legitimados, adquirindo status de verdade, a partir desses eixos enunciativos de Antônio e Larissa, os Câmpus se revelam, ainda, um ambiente discursivo com um sistema de produção de sentidos rígidos e de caráter normativo. O sujeito trans parece deslocado “fora dos centros formais de poder, ocupando uma posição estrutural às margens” da academia (OLIVEIRA, 2017). Posso então identificar, ainda, a presença do poder simbólico nos Câmpus, quanto à organização, hierarquização e distribuição das informações acerca das atividades acadêmicas, pois a academia, enquanto instituição, parece ser utilizada como uma máquina de ensinar, vigiar, hierarquizar e recompensar os sujeitos que ali estão (LARROSA, 1994).

Uma outra observação que suscito do enunciado de Larissa, em que a discente vivencia uma violência simbólica relacionada à exposição do seu nome civil e, a partir do que postula Foucault (2010), que no exercício das relações de saber-poder são, também, construídas práticas de violência simbólica. Uma prática de violência simbólica sofrida por Larissa, no ambiente do Câmpus, foi fruto de um profundo constrangimento por fazê-la lembrar de uma identidade de gênero pela qual ela não se identifica. Ao ter seu nome civil exposto, por duas vezes, no “pátio” e na “carteirinha da biblioteca”, Larissa reafirma que neste Câmpus ainda há discursos que legitimam a relação histórica estabelecida entre o nome e sexo de nascimento. Ao usar o verbo “doeu”, seguido do intensificador “tanto”, Larissa reitera seu desconforto perante uma violência simbólica por ela sofrida, um exercício de poder que se mostra constante de modo a submeter todos ao mesmo padrão cis heteronormativo. Prática discursiva esta que ainda legitima a cis generidade em detrimento de outras formas de vivência de gênero.

A discente trans, Larissa, ao narrar sobre uso do nome social, denuncia que ali houve um poder reivindicado e legitimado pelo Câmpus. Nessa rede de demarcação e reivindicação de poderes, há um sujeito que dita como ela deve ser chamada, delimitando o que pode e deve ser enunciado (FOUCAULT, 2008). Às condições de produção destes discursos, assentam relações históricas e sociais onde a instituição de ensino superior exerce, em seu espaço, um poder de produção e reprodução do discurso excludente, no que se refere ao uso do nome social. O nome social para a/o discentes trans é a legitimação da sua identidade sujeito trans.

O nome social está relacionado ao gênero pelo qual o sujeito transexual se identifica, que não é o mesmo que está descrito nos documentos civis que relacionam o nome civil ao sexo do nascimento. Para o sujeito transexual, o nome social se refere a uma identificação, um reconhecimento e denominação que esta tem de sua comunidade e no contexto social, pois se refere à sua identidade de gênero (BENTO, 2008).

É por meio dele, nome social, que o sujeito apresenta uma tomada de posição e reivindica para si uma constituição identitária que evidencia a sua identidade de gênero. Esse momento é importante porque, a partir dessa prática, ela/e têm legitimado seu direito de existência sujeito trans. Para o sujeito transexual o uso do seu nome social, ao invés do nome de registo ao nascimento, é profundamente relevante, pois é assim que ela/e desejam ser chamada/o e reconhecida/o socialmente (NASCIMENTO; AVELAR, 2018).

Esse direito ao nome social é amparado legalmente pela lógica judiciária brasileira e, no âmbito na universidade, a regulamentação do uso do nome social nos documentos acadêmicos tem suporte em uma das resoluções do Conselho Universitário (UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS, 2015). E, mesmo assim, com o respaldo legal judicial e institucional, para o uso do nome social em seus documentos acadêmicos, a colaboradora dessa pesquisa narra dois momentos em que teve este direito negado, no Câmpus e, por conseguinte, na universidade.

O sujeito trans, em sua constituição de sujeito-posição discente trans, da verdade e do poder sobre seu nome, consonante à sua identidade de gênero, exige um esforço institucional de rompimento dos limites cis heteronormativos. Esse posicionamento da discente trans Larissa, de não aceitar a publicidade de seu nome civil, revela que ela, pelo discurso, figura “resistência aos diferentes tipos de poder como ponto de partida” (FOUCAULT, 2008, p. 121) para o deslocamento daquilo

que extrapola, tensiona, coloca em disputa o discurso, “um bem que se coloca, por conseguinte, desde sua existência, o objeto de uma luta, e de uma luta política” (FOUCAULT, 2008, p. 148-149). O nome social, aqui, se revela objeto de um saber-poder e se instaura como espaço de produção de uma luta, entre a discente trans e o Câmpus/Instituição.

Estes dizeres da discente Larissa permitem a compreensão de que a “carteirinha da biblioteca”, expressão dita por ela, assinala que este documento seria o primeiro documento acadêmico em que teria seu nome social escrito. E, ao lhe ser isso negado, num primeiro momento, sinaliza que, a partir de certos saberes e poderes, a instituição tenta gerir os corpos, ditar as regras e lhe impor uma verdade sobre si mesma. Entretanto, para Larissa, o fato de a direção do Câmpus ter entregado a nova carteirinha com seu nome social se tornou bastante significativo, pois demarca que uma instância de autoridade, naquele espaço institucional, reconhece a sua identidade de gênero trans. Aludo que relações de poder aparecem em funcionamento nesses dizeres de Larissa, pois ela fala a partir de um regime de verdade imerso em discursos historicamente construídos que estabelecem para a figura da direção do Câmpus uma autoridade que reconhece sua transexualidade por meio do seu nome social.

Ainda nessa linha de raciocínio de, por meio das manifestações linguísticas, apontar modos de subjetivação da/o discentes trans, pelas práticas acadêmicas, no âmbito educacional, a contar dos vocábulos “percalços” e “contratempo”, da frase “chegaram até a mim e me pediram desculpas”, da expressão “ficaram no passado”, pois a dor “foi amenizando”, compreendo efeitos de menos desconforto para com sua vivência trans, e que, sua posição sujeito discente trans Larissa, no cenário do Câmpus, constrói outros sentidos para sua transexualidade. Após a situação relacionada com a exposição do nome civil da discente, uma outra postura dos sujeitos, inscritos como autoridade neste espaço, se configura, pedem desculpas e reconhecem suas fragilidades em lidar com acontecimento discursivo discente trans. Isso fica evidente na narrativa de Larissa, onde ela demarca ser “a primeira aluna trans daquele Câmpus, por isso eles não sabiam como mexiam com essa documentação.”

Já me referi, no capítulo introdutório desta dissertação, ao papel da Coordenação de Direitos Humanos e Diversidade, no contexto da universidade. Pertinente se faz agora retomar isso. Faço essa retomada para dizer que, o

momento em que Larissa ingressa na universidade é justamente o momento em que a Pró-Reitoria de Graduação inicia a implementação desta Coordenação. Então, considerando uma perspectiva a partir do texto de Oliveira (2017) em que menciona a metáfora do aquário escrita por Veyne (2008), depreendo que as condições desta coordenação em contribuir para amenizar os efeitos de sentido de desconforto para Larissa, naquela conjuntura foram poucas. Pois, naquela ocasião a não-discursividade sobre transexualidade na universidade era o discurso que funcionava, e funcionava

apenas enquanto a conjuntura histórica e a liberdade humana não lhe substituem por outro; saímos do nosso aquário provisório sob a pressão de novos acontecimentos, ou porque um homem inventou um novo discurso e teve sucesso. Mas não mudamos de aquário senão para nos vermos dentro de um novo aquário. (VEYNE, 2008, apud OLIVEIRA, 2017, p. 29-30).

O autor ainda complementa dizendo que “tudo que acreditamos saber é limitado à nossa revelia, não conhecemos seus limites e ignoramos mesmo que eles existam (VEYNE, 2008, apud OLIVEIRA, 2017, p. 28-29). Assim, esta coordenação, limitada em sua posição, para contribuir com orientações que pudessem mitigar preconceitos quanto ao ingresso de Larissa naquele Câmpus e, por conseguinte, na universidade, conseguiu realizar o que fora possível, à época, dentro das condições históricas postas naquele espaço e tempo. Contudo, examino que esta coordenação se constituiu, de fato, a partir da entrada e da permanência dos sujeitos trans nesta universidade.

E, nesse viés de mitigar preconceitos para com o sujeito trans, referencio um recorte da citação de Oliveira (VEYNE apud OLIVEIRA, 2017, p. 29-30) “sob a pressão de novos acontecimentos”, para externar que a posição-sujeito discente trans que Larissa demarca, um jogo de verdade que torna o seu discurso verdadeiro sobre sua identidade.

A discente Larissa mostra, a partir de seus enunciados, posições de enfrentamento, de externalização de uma verdade sobre si. Por exemplo, ao enunciar os verbos “busco” e “luto”, bem como a frase “vou atrás dos meus direitos”, denota uma resistência na busca de reafirmar sua ruptura identitária com o padrão cis heteronormativo, padrão este, construído na história como vivência única possível para as identidades, fazendo circular uma outra verdade, resistindo nessas relações de saber-poder construídas discursivamente, similarmente, na academia.

Abarco a/o discentes trans como enunciador/a de acontecimentos discursivos, no espaço da academia, e retomo que a construção da subjetividade é um processo histórico onde o sujeito passa a ser sujeito na medida em que se utiliza de pressupostos ou transcritos para fixar sua identidade, mantê-la ou transformá-la em função de determinados fins, e isso graças a relações de um conjunto de práticas de si, uma postura e um modo de ser diante da vida (FOUCAULT, 1984, 1985, 2004).

Posto isso, assento que práticas de si, como, por exemplo, ter os conhecimentos jurídicos pertinentes aos seus direitos e, inclusive, o não silenciamento perante algumas tentativas de emudecimento, viabilizam a constituição e transformação dessa/e sujeitos trans em discentes trans, pois “querendo ou não, é uma resistência o nosso corpo ali, a nossa presença ali”.

Passo agora, à análise da segunda série de enunciados do eixo Câmpus, que remete às perguntas de numeração sete e oito da entrevista, que abarcam particularidades acerca da convivência, destacando possibilidades de discursos que possam trazer situações de cunho preconceituoso e, por conseguinte, sensação de constrangimento para a/o discentes trans.

[13S01E07] Eu creio que essa criação de laços varia muito das narrativas presentes, entretanto faz com que estejamos sempre abertos a algo. (ANTÔNIO).

[14S02E07] Bom, através do diálogo, através do respeito com as pessoas e também através da empatia pelo próximo conta muito em relação a esses laços sociais com a cordialidade com o próximo. (LARISSA).

[15S01E08] Percebia mais quando minha postura sexual não condizia com a minha identidade de gênero. (ANTÔNIO).

[16S02E08] Não, em momento algum percebi algum tipo de preconceito em relação aos funcionários, ao corpo administrativo do Câmpus. (LARISSA).

Em suas narrativas, Antônio e Larissa apontam que foi a partir da posição-sujeito trans nas relações que ele/a estabelecem naquele Câmpus, que forma mobilizados outros sentidos menos preconceituosos para a transexualidade.

No enunciado de Antônio, ao dizer que “percebia mais quando minha postura sexual não condizia com a minha identidade de gênero”, uma vez mais, um efeito de sentido de apagamento/inadequação para com as corporalidades não-cisnormativas, a partir de um saber-poder heteronormativo. Vivências

preconceituosas eram mais sentidas, por Antônio, quando sua identidade de gênero não condizia, a partir da lógica cis heteronormativa, com sua aparência física. A partir dessa enunciação de Antônio, posso inferir que ele atinge um estado de subjetivação como sujeito trans masculino, mas a partir da reprodução de um padrão cisgênero.

Pondero que a/o discentes trans estando no espaço acadêmico, se constituem a partir de discursividades autorizadas pela posição-sujeito que ela/e ocupam. Logo, as enunciações de Antônio mostram que a “criação de laços [no Câmpus] varia muito das narrativas presentes” e, no Câmpus, a presença da diversidade e da pluralidade discente “faz com que estejamos sempre abertos a algo.” Dito de outro modo, essa fala do sujeito Antônio, a partir desse lugar discente trans na academia, reflete uma realidade que ele vivencia nas possibilidades de estreitamento de laços sociais e cordialidade na convivência no Câmpus, ao se instaurar a diversidade e a pluralidade discente ali, pois esta diversidade e pluralidade se colocam como um ato de resistência a uma tentativa de marginalização acadêmica da identidade trans.

Nesse caminho, Larissa, ao enunciar que “em momento algum [percebeu] algum tipo de preconceito” no Câmpus, revela contradição, pois este preconceito ocorreu com a carteirinha da biblioteca e com a exposição com o nome de batismo. As contradições se apresentam, muitas vezes, separadas nas enunciações. No entanto, é possível encontrar um eixo de coerência, “como o discurso, o sujeito tem sua unidade no caminho de uma contradição a outra” (FERNANDES, 2012, p. 41). A contradição atua num limiar entre o dito e o pensado, assegurando a coerência das ações sociais que preenchem o cotidiano dos sujeitos, e, talvez esse preconceito mencionado por Larissa seja considerado escape, algo irrisório perante a série de enunciados de reprovação ao corpo trans fora da UEG. Larissa está se referindo ao preconceito explícito. No caso da carteirinha da biblioteca e da lista de classificados para a bolsa, o preconceito foi estrutural (institucional), provavelmente isento de intencionalidade – foi uma fragilidade da universidade decorrente da falta de experiência com estudantes trans. Mas há também o preconceito explícito e histórico, que pode ser verbal ou corpóreo, normalmente protagonizado por pessoas transfóbicas.

Destarte, mesmo de modo acanhado e lento, a universidade e os dois Câmpus onde a/o discentes trans estudam, tornaram-se espaço com condições de

possibilidade dos dizeres discentes trans que, ao enunciarem seus saberes e poderes sobre seus corpos, mobilizam deslocamentos sobre suas identidades trans.

Nesse sentido, este espaço de enunciação, agora ocupado pela posição-sujeito discente trans, percebe a urgência e a necessidade de se questionar e de se pensar novos lugares para os sujeitos trans, lugares estes onde a/o discentes trans possam enunciar sobre outros assuntos para além dos que marginalizam suas identidades. Isto é, como Larissa tão bem discursa, “através do diálogo, através do respeito com as pessoas e também através da empatia pelo próximo, conta muito em relação a esses laços sociais e a cordialidade com o próximo”. (LARISSA).

Mas, diante das discursividades da/o discentes trans, neste capítulo, ainda posso considerar que essa/e discentes relatam, até este tempo, limitações no espaço acadêmico, para um discurso singular e uma narrativa própria que contemplem suas subjetividades como sujeitos trans, pois os corpos se fabricam a todo momento, e é exatamente nesse processo que eu acredito que se torne possível romper com estruturas invisibilizantes e marginalizantes das identidades trans.

Desse modo, considerando os estudos foucaultianos, já neste texto referenciados, proponho que por meio de uma tomada de atitude ética do sujeito, uma posição-sujeito outra se funda, a/o discentes trans no exercício das relações de saber-poder que a/o atravessam, promovem novas formas de subjetividade, buscando outros modos de subjetivação que se distanciem daqueles que lhes são impostos. No caso do sujeito trans na academia, é preciso não só lutar pela ocupação de outros espaços, mas também pela criação de novos, que representem seus anseios, que seus corpos possam existir com mais liberdade e, ao agir eticamente na constituição de si, por meio de práticas discursivas e não discursivas, o sujeito mobiliza espaços outros para suas identidades.

Nesse sentido, a/o discentes trans começam a ocupar espaços privilegiados dentro do ambiente acadêmico universitário. E respaldo-me em Gregolin (2008, 2015), para inferir que a entrada e permanência da/o discentes trans na universidade viabiliza uma outra interpretação da transexualidade, resignificando, pelos discursos, nesta época da história, outros movimentos de sentidos, emergindo enunciações que coexistem e se transformam em um dado espaço discursivo/a universidade.

É pela partilha de um conjunto de discursos que sujeitos definem suas pertencas recíprocas de luta, de revolta, de resistência ou de aceitação. Ambos, Antônio e Larissa, por meio de regularidades discursivas de pertencimento a universidade e ao Câmpus, constroem identidades para si-mesma/o. Foucault (1996, p. 47) descreve que o sujeito, pelas práticas discursivas, enuncia outras significações “que a história não terá senão de explicitar em seguida”, mais pontualmente, o sujeito trans tem outras possibilidades de discursivizar acerca de sua identidade.

Estas práticas de si, para Foucault (1985, 2004), são processadas por estratégias discursivas que estão ancoradas no funcionamento linguístico que, por sua vez, faz do corpo uma superfície de inscrição de acontecimentos discursivos significados e ressignificando identidades na pós-modernidade. A subjetividade é, em suma, uma construção histórica sob determinadas condições, fazendo emergir determinados discursos.

Os sujeitos trans, então, produzem sua subjetividade acerca de si mesma/o ao produzirem sentidos para suas autoidentificações, pois sendo sujeitos discursivos e históricos, assentam práticas discursivas que reverberam em uma determinada sociedade (FOUCAULT, 1996). E os sujeitos que colaboram com esta pesquisa assentam práticas discursivas identitárias de análise de si-mesma/o, que deslocam e (re)significam numa certa descontinuidade em relação uma posição-sujeito outra, que outrora lhe fora conferida/o, por meio das relações que a/o discentes trans estabelecem com as/os docentes, com seus pares discentes no âmbito da academia; e, a partir dessas relações, eles constroem outras possibilidades para sua vivência fora dos muros institucionais.

Por conseguinte, no próximo capítulo, passo para análise dos eixos Docentes, Discentes e Vida Social, referentes às perguntas estruturadas, também descritas no início do terceiro capítulo, as quais a/o colaboradora/or responderam, num percurso de delinear práticas de constituição do sujeito trans, no âmbito dos estudos discursivos foucaultianos.

3 (SOBRE)VIVER RELACIONANDO: (RE)CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE TRANS

Talvez o objetivo hoje em dia não seja descobrir o que somos, mas recusar o que somos. Temos que imaginar e construir o que poderíamos ser. (FOUCAULT, 1995, p. 239).

A epígrafe lançada acima traduz o objetivo, nesse capítulo, em analisar os discursos da/o discentes trans, propondo algumas recusas acerca do que se institui como norma e produção de amarras discursivas que colocam os sujeitos na subalternidade, a partir das relações que estabelecemos nos espaços históricos nos quais estamos inseridos. A construção de novas formas de pensar o que somos pressupõe abertura acadêmica às problematizações e desestabilizações das certezas e verdades produzidas para a identidade de gênero trans.

Neste terceiro capítulo, encaminho para a finalização desta pesquisa perfazendo as análises para com os eixos Docentes, Discentes e Vida Social, pertinentes às questões estruturadas que a/o colaboradora/or responderam a datar de suas enunciações. Analiso, neste item, como a/o discentes trans se relacionam com as/os docentes e demais discentes no âmbito da Universidade/Câmpus, como também examino os discursos desta/e discentes trans sobre o eixo Vida Social, propondo um caminhar que se inicia na universidade, mas que segue para além dos muros institucionais, a fim de pensar a instância social desta/e sujeito trans, a partir da sua inscrição/permanência na educação superior.

Vislumbro, assim, a possibilidade de dialogar com os enunciados distribuídos em séries enunciativas a começar dos eixos temáticos que estruturam a narrativa deste tópico, constituindo, portanto, regularidades enunciativas, destacando a/o discentes trans como acontecimento enunciativo na sala de aula desta universidade.

As enunciações da/o discentes trans são tratadas também, nesta parte da pesquisa, a partir da concepção de saber-poder (FOUCAULT, 2000, 2001), já explicitado no primeiro capítulo dessa dissertação. Retomo discurso, na perspectiva foucaultiana, como “[...] aquilo pelo o que se luta, poder do qual podemos nos apoderar” (FOUCAULT, 1996, p. 9-10). A compreensão de discurso é fundamentada na concepção de relações de poder. Amparo-me neste autor, para

escrever que há um exercício de poder, que é exercido entre sujeitos, no que se refere a este texto dissertativo, na realidade educacional aqui posta.

As discursividades da/o discentes trans, neste capítulo, se dão pelas condições históricas de possibilidade de seu acontecimento. O acontecimento, discente trans, discursiva e se constitui nas próprias relações de poder existentes no âmbito acadêmico, sendo indissociáveis essas relações exercidas entre discente trans, docentes e suas/seus pares discentes, bem como a condição histórica essencial para a própria emergência de seus enunciados. Em poucas palavras, o discurso da/o discentes trans interdepende de mecanismos de saber-poder que se instauram, na sala de aula, pelas relações entre ela/e, suas/seus pares e docentes.

A partir do descrito no parágrafo acima, considero as discursividades da/o discentes trans como práticas de cuidado de si (FOUCAULT, 1985, 2004) que possibilitam a observação de estratégias de saber-poder para a visibilidade dos corpos de sujeitos trans. Faço uso desse conceito foucaultiano, práticas de si, conceito este que expus no capítulo teórico dessa escrita, para anunciar sobre a/o discente trans que, pela educação superior, constrói práticas de resistência e de transgressão, instaurando uma posição-sujeito outra. Posição-sujeito outra que agora se enuncia no âmbito da academia e que, por intermédio das relações estabelecidas pela/o discentes trans, no funcionamento de relações de saber-poder acerca das identidades, torna possível o exercício do cuidado de si, que mobiliza sua entrada e permanência na academia.

Desse modo, os discursos acerca da transexualidade, no e pelo ambiente acadêmico, integram uma infinidade de discursos outros (jurídicos, religiosos, educativos e psicológicos) com a intenção de evidenciar que “sujeitos são bons ou que são maus, integrados ou desintegrados, produtivos ou prejudiciais para o conjunto da sociedade” (LOURO, 2009, p. 86), como foi discutido na segunda seção do primeiro capítulo, onde apresentei a discussão teórica sobre identidade de gênero e transexualidade.

Esses discursos operam dentro de uma lógica foucaultiana que afirma que todo discurso é sempre um discurso de poder, um espaço onde “os sujeitos se tornam visíveis”. (OLIVEIRA, 2017, p. 48). Neste caso, a visibilidade dos sujeitos trans se dá na sala de aula de uma universidade pública. As relações construídas a partir das enunciações aqui descritas expõem faces das relações de saber-poder entre discentes trans, demais discentes e docentes. O marcador identitário

transexualidade está presente ao longo de suas práticas discursivas acadêmicas, como “uma sombra que se transmuta no que se refere ao tamanho e à forma na medida em que se movem” (OLIVEIRA, 2017, p. 35) tendo como desdobramentos uma contínua busca por práticas discursivas que possam quebrar com as experiências cis heteronormativas.

Diante disso, quais seriam essas práticas de si e como se dão seus processos de agenciamento nas relações de saber-poder entre discentes trans, seus pares e docentes? Acredito que elas estejam presentes nos próprios discursos da/o discentes trans, que, através de suas narrativas, exercem-se práticas de liberdade, em um movimento de resistência e transgressão à cis heteronormatividade que normatiza e normaliza os corpos e as condutas dos sujeitos no cenário educacional.

Dessa forma, quando apresento a trajetória discursiva de Antônio e Larissa, por meio de suas enunciações, isso me possibilita compreender que suas narrativas evidenciam discursividades de práticas de si, cotidianas e históricas, que resistem às regras de produção de sentidos para o corpo trans (OLIVEIRA, 2017; LANZ, 2014). Possibilita-me, também, entender como e que resistências são acessadas pela/o sujeitos da pesquisa, pois “em alguns momentos, o controle se efetiva, em outros a rebelião se estabelece e os dispositivos de controle são arrebatados. Nada é fixo, permanente” (OLIVEIRA, 2017, p. 38), inclusive, por conseguinte, as trajetórias da/o sujeitos enunciadore.

Retomando sobre as perguntas de pesquisa apresentadas na introdução deste capítulo, lembro que a entrevista estruturada foi elaborada dimensionando cinco eixos (UEG, Câmpus, Docente, Discente, Vida Social) e o exame, nesta parte, é realizado, buscando compreender as enunciações da/o discentes trans às seguintes perguntas de pesquisa, referentes aos eixos Docente, Discente e Vida Social.

Esclareço que, nesta seção, trato dos eixos Docente e Discente, pois são eixos temáticos que se relacionam diretamente ao contexto da academia. Abro uma outra seção, neste capítulo, para dialogar acerca do eixo Vida Social, pois compreendo que neste eixo a/o colaboradora/or desta pesquisa narram suas perspectivas, que se iniciam a partir da sua inserção na universidade, mas também, extrapolam os muros da academia, indo para possíveis deslocamentos em suas

vidas sociais que esta passagem pelo ensino superior possa trazer. Assim, seguem abaixo, as perguntas orientadoras das narrativas analisadas nesta seção.

a) Eixo 3: docentes que lecionam no Câmpus onde a/o discentes trans estudam

9. Como você percebe o olhar dos docentes para com você?

10. Em sua opinião, o corpo docente do Câmpus compreende a diversidade discente trans?

11. Percebe os docentes preparados para lidar com essa diversidade?

12. Como você percebe o docente enquanto um mediador da pluralidade que se apresenta numa sala de aula? Que aspectos você considera relevante apontar?

b) Eixo 4: discentes que estudam no Câmpus onde a/o discentes trans estudam

13. Em relação aos seus colegas, os (as) demais discentes, como o (a) receberam?

14. Encontrou dificuldades na relação com os demais discentes? Se sim, quais foram elas?

15. Passou ou passa por alguma situação constrangedora causada pelos seus colegas discentes?

16. A diversidade discente, em seu conjunto, possibilitou uma boa convivência?

A partir das enunciações da/o colaboradora/or, em resposta às perguntas descritas acima, inquiri quais os sentidos que são construídos, pela/o discentes trans, via funcionamento discursivo do/no contexto educacional superior, acerca das relações acadêmicas constituídas. Ao enunciarem sobre a sua participação no ensino superior, na sala de aula em interação com os demais discentes e docentes, a inscrição discursiva sobre a sua transexualidade se constitui, perpassada por sentidos de discursos outros que os constituem sujeitos discentes trans.

Busco, também, por meio de alguns excertos referentes à vida social da/o colaboradora/or, ilustrar como se traduzem essas representações nas experiências e ressignificações de vida pessoal e profissional dessa/e enunciativa/or, quando

inserida/o no contexto de vida social em se tratando de discentes trans de graduação.

Por fim, observo como o cuidado de si, nas relações prescritas numa prática educacional, opera para que a/o discentes trans resistam e outros sentidos do que seja ser discentes trans possam se constituir por ressonâncias de outros modos de dizer acerca da transexualidade.

3.1 A legitimação da identidade trans por meio do cuidado de si na universidade

Esta seção suscita uma discussão sobre o sujeito trans, historicamente um sujeito marginalizado que, adentrando o ensino superior, põe em funcionamento um cuidado de si (FOUCAULT, 1985, 2004) que permite a ela/e ocupar o espaço da universidade; como também, por meio das relações produzidas neste espaço, a identidade discente trans desenvolve estratégias de saber-poder para sua permanência neste cenário educacional.

A identidade trans revela um outro sentido, um outro espaço social e educacional para ocupar. A esta identidade, outrora, eram atribuídos aspectos de marginalização, e estas atribuições de marginalidade objetivavam estabelecer relações sociais pautadas num processo de dominação e foram associadas a certas hierarquias e determinados papéis sociais (OLIVEIRA, 2017). Tratava-se, então, de uma identidade de gênero em torno da qual se organizava um sistema de poder socioeconômico, de exploração e exclusão.

Nesse viés, recobro Foucault (2001, 2004), citado nos capítulos anteriores deste texto, para novamente assumir a identidade como uma construção discursiva. A ideia de condicionar uma identidade de gênero ao órgão genital tornou-se o mais eficaz e durável instrumento de dominação social, possibilitando colocar os sujeitos numa situação natural de inferioridade caso rompessem com a norma cis heteronormativa. Desse modo, a identidade de gênero converteu-se em um critério fundamental para a distribuição da população nos níveis, lugares e papéis na estrutura de poder social (OLIVEIRA, 2017). As identidades que eram derivadas da cis heteronormatividade estavam intimamente ligadas aos papéis sociais que cada grupo deveria desempenhar. A divisão do trabalho, o poder e o acesso a bens materiais tinham na concepção de identidade um componente fundamental:

“aqueles autotransclassificados [como cis heteronormativos] gozavam do privilégio de comandar; os demais, heterotransclassificados [como transexuais], eram os comandados”. (OLIVEIRA, 2017, p. 43).

Noto, na ponderação acima, mecanismos de saber-poder que procuram silenciar o corpo trans e, dessa forma, fabricar relações de poder que incidem diretamente sobre os corpos dos sujeitos trans, com a intenção de exercer sobre ela/e um tipo específico de controle. A essas técnicas, Foucault (2001) chamou de disciplina e a descreve como método que permite o controle minucioso das operações do corpo, assegurando a sujeição constante de forças e lhe impondo uma relação de docilidade-utilidade.

Esta disciplina, ao trabalhar sobre os corpos dos sujeitos trans, manipula seus gestos e comportamentos, formam-no, adestram-no. A disciplina, como um dispositivo de poder (FOUCAULT, 2001), logo é observada nas relações entre os sujeitos e as instituições, e nas relações entre as ações praticadas por estes. O poder, explica Foucault (1988), está em toda parte, não porque englobe tudo, mas porque provém de todos os lugares. Como ele está em toda parte, se exerce como uma multiplicidade de relações de forças. Assim, nada nem ninguém está livre do poder.

A academia, e os sujeitos que nela se relacionam, também não escapa às ações do poder. Dessa forma, as relações entre os sujeitos inscritos no espaço universitário, mais especificamente aqui discentes e docentes, então, participam da produção de sujeitos disciplinados pela aplicação dos exercícios de poder.

A/o sujeito colaboradora/or deste estudo contribuem para problematizar a experiência universitária de sujeitos que escapam às normas cis heteronormativas e dão sentidos para a existência de um sujeito discente trans. Antônio e Larissa, pelas suas enunciações, mostram que se reconhecem como sujeitos que rompem com a cis heteronormatividade, mas admitem a convivência com situações em que foram alvo de insinuações discriminatórias e passam a adotar posturas de enfrentamento.

Portanto, para adentrar-me a essa discussão, apresento a sequência discursiva com mesmo efeito de sentido, para este eixo, Docentes. Distribuo-a a partir de um conjunto de semelhanças, respostas às mesmas perguntas, estabelecidas nas enunciações da/o discentes trans, considerando, no interior das quatro perguntas feitas para este eixo: a) a nona pergunta, referindo-se a como a/o

discentes trans sentem o olhar dos docentes para com ela/e; b) a décima, décima primeira e décima segunda perguntas direcionam para a vista que a/o discentes trans têm sobre a concepção e as ações da docência relacionadas à diversidade.

A primeira série enunciativa, do eixo Docente, tocante à questão nona, referentes às perguntas da entrevista, se refere ao modo como a/o discentes trans percebem o olhar dos docentes para/por ela/e.

[17S01E09] Creio que pelo fato de os professores terem me acompanhado desde o início do processo de transição facilitou, em parte, o entendimento e o respeito. (ANTÔNIO).

[18S02E09] Eu percebo um olhar dos docentes no sentido de empatia, de respeito, de admiração pela minha pessoa estar ocupando o espaço da universidade. (LARISSA).

As enunciações acima apresentam a relação da/o discentes com outros sujeitos em um contexto educacional e, também, evidencia como esta/e discentes experienciam o olhar destes outros sujeitos para com ela/e. Nessa relação com outro sujeito, no caso o docente, a/o discentes, a partir da leitura de como este outro sujeito lhes olha e a/o lê, elaboram um cuidado de si, munindo-se de possibilidades de enunciar verdades sobre si (FOUCAULT, 2004).

Posso observar que no espaço inicial de uma relação com os docentes, onde espera-se haver um maior entendimento acerca da pluralidade na existência, ainda, “em parte” (ANTÔNIO), acontece uma política de reafirmar um saber cis heteronormativo para os corpos que circulam na academia. Antônio enuncia que “pelo fato de os professores terem [o] acompanhado desde o início do processo de transição facilitou o entendimento e o respeito” acerca de sua transexualidade.

Destarte, as relações de poder atuam posto que, se existe poder, existe resistência (FOUCAULT, 2000). E a esse respeito, no excerto de Larissa nesta seção, em que anuncia “percebo um olhar dos docentes no sentido de empatia, de respeito, de admiração pela minha pessoa estar ocupando o espaço da universidade”, a discente mostra que, mesmo diante de uma relação de saber-poder que dificulta sua inscrição em algumas práticas discursivas acadêmicas, mais notadamente as que já apontei no capítulo anterior, seu corpo resiste, ocupando um espaço nas variadas relações estabelecidas entre docente e discente trans, que se fazem presentes no espaço institucional.

Passo, nesta ocasião, à análise da segunda série enunciativa do eixo Docentes, que se refere da décima à décima segunda perguntas direcionando para a vista que a/o discentes trans têm sobre a concepção e as ações da docência relacionadas à diversidade.

[19S01E010] Não, ao menos não a maioria, justamente pela ausência de representatividade da diversidade e pouco interesse, pois os docentes estão preocupados em passar conteúdo em aula. (ANTÔNIO).

[20S02E10] Hoje os docentes do Câmpus estão, vamos dizer assim, bem mais preparados do que nos anos iniciais quando eu ingressei na UEG. Quando eu entrei na UEG, nos primeiros anos, eu tive um problema com os professores em relação ao nome na chamada porque meu nome ainda não estava ratificado. Na época era diário em papel ainda então eu havia pedido na secretaria acadêmica e também juntamente com o coordenador sobre colocar meu nome social. Pedi que colocasse entre parêntese a lápis ou a caneta. Toda vez que ia fazer a chamada meu coração disparava, sentia uma ansiedade, sentia algo me perturbando, eu não ficava tranquila, pois tinha medo do professor falar meu nome civil. Alguns professores, pra evitar esse constrangimento, começaram a fazer chamada pelo número. Outros professores eram mais atentos, quando chegavam perto do meu nome falava meu nome corretamente. (LARISSA).

[21S01E11] Os docentes estão melhorando, quanto mais se fala mais estão se interessando e até se libertando tendo coragem de tirar suas dúvidas. (ANTÔNIO).

[22S02E11] Bom, aqui no campus eu percebo que realmente os docentes estão preparados pra lidar com a diversidade, mas vale ressaltar que isso é em relação ao meu curso. Em relação ao meu curso foi onde eu tive mais contato com os professores e uma maior proximidade, então percebo esses professores preparados sim. (LARISSA).

[23S01E12] O mais essencial, para mim, foi eu saber separar o pessoal do profissional na minha relação com os docentes. Infelizmente nem todos tem essa ética, por mais que não concordem com as posições de outros, é bom que respeitassem. (ANTÔNIO).

[24S02E12] Super-relevante a mediação do docente com essa pluralidade na sala de aula. Uma boa mediação torna bastante relevante para todos os alunos, para a dinâmica em sala de aula, para a metodologia do professor aplicada em sala de aula pensando na pluralidade e na diversidade. (LARISSA).

Nessas enunciações, verifico que o poder se mostra, em sala de aula, por meio da relação entre discente e docente, como relação de forças, funcionando como produtor de sentidos em que a resistência aparece como uma possibilidade de um outro discurso acerca da identidade trans. Se o jogo de forças que se instaura no interior dos discursos da/o discentes trans constrói e reconstrói suas identidades, a partir do dizer de Antônio que “os docentes estão preocupados em passar

conteúdo em aula”, observo que, em relações calculadas pelas estratégias de saber-poder que vigoram no campo da sala de aula, e que se restringem ao repasse de conteúdo, parece um modo de resistência a um outro saber-poder que possa ocupar o espaço da sala de aula, isto é, um saber-poder acerca das diversidades, das posições-sujeito outras tão relevantes de serem abordadas no espaço da universidade.

Neste sentido, Antônio resiste criando possibilidades de existência a partir de composições de forças, ou seja, criando sentidos outros para possibilidades de vida, dentro da sala de aula, na relação estabelecida com os docentes. Subjacente a essa fala de Antônio, na sua primeira enunciação deste excerto, também é possível perceber uma visão compartimentada do conhecimento que desassocia o corpo do saber que se ensina/produz. Isso é muito comum na tal falácia da ideologia de gênero, já que os defensores desse tipo de falácia argumentam que questões de gênero não podem ser trazidas para sala de aula por serem assuntos pessoais e da vida privada. Como se o privado e o público, na nossa sociedade, não estivessem imbricados.

Descrevendo as enunciações de Larissa, com relação ao seu nome social no diário de classe, reflito que o diário de classe do docente se revela como espaço onde as identidades dissidentes não podem discursar. Considero, a partir desta enunciação de Larissa, que nesse espaço do diário de classe, a autoridade docente se utiliza da cis heteronormatividade para garantir uma supremacia de gênero que opera no sentido de silenciar a identidade trans. Os docentes mencionados no fragmento “alguns professores, pra evitar esse constrangimento, começaram a fazer chamada pelo número” (LARISSA), pela discente trans, asseguram, desse modo, a manutenção de uma legitimação da expropriação dos corpos (OLIVEIRA, 2017, p. 94). Para que esse corpo seja integrado nesse espaço educacional, aqui representado pelo diário de classe do docente, é preciso que ele seja modelado a partir de regras bem definidas, neste caso, por exemplo, o uso do número para a chamada de frequência da discente, como enunciou Larissa.

Nessa via, as relações que se estabelecem entre discentes trans e docentes, por vezes, revelam uma batalha para derrubar a ideia de uma suposta inferioridade, observada na expressão “fazer a chamada pelo número” (LARISSA), com vistas ao silenciamento da transexualidade. Dessa forma, em busca de aceitação pelo grupo docente cisgênero, pois embora ainda haja um cenário universitário de manutenção

da normalização no qual discentes trans são inseridos numa posição de desvantagens em relação ao grupo cisgênero, vale considerar outras variáveis, como, por exemplo, a utilização desses mesmos discursos para desenvolver práticas de si, enunciando a sua verdade sobre si. Ao enunciar que tinha “pedido na secretaria acadêmica e também juntamente com o coordenador do curso sobre colocar [seu] meu nome social”, para resolver a situação da redação de seu nome no diário, Larissa dispõe de uma prática de si para legitimar sua identidade trans.

Considerando as enunciações da/o discentes trans frente a seus laços com os docentes, observo que, pelo enunciar de si, propõem recusas de amarras históricas sobre a diversidade e a pluralidade que colocam os sujeitos trans na subalternidade a partir do entendimento das identidades dadas em processos de essencialização. Isto, pois, as identidades não são propriedades biológicas, mas são construções e/ou transformações contínuas relacionadas às discursividades que nos rodeiam.

A construção de novas formas de pensar sobre a identidade trans pressupõe abertura acadêmica às problematizações e desestabilizações das certezas e verdades produzidas. Vejo isso na enunciação de Antônio: “os docentes estão melhorando, quanto mais se fala mais estão se interessando” e, também, na enunciação de Larissa: “hoje os docentes do Câmpus estão, vamos dizer assim, bem mais preparados do que nos anos iniciais, quando eu ingressei”, pois por meio da interlocução entre discentes trans e docentes, esta/e discentes mostram que suas existências vão sendo reveladas, e um espaço na história que lhe foi tirado começa a ser timidamente construído.

Através dos discursos da/o colaboradora/or, infiro que a discussão sobre temas de diversidade e pluralidade de existência, no ambiente educacional superior, ainda é um espaço de conflito, pois, ao mesmo tempo que possibilita reflexões acerca dessas temáticas, mexe com posicionamentos cristalizados socialmente o que gera insegurança. Dito de outro modo, a chegada e a permanência da/o discentes trans na universidade leva o docente a refletir sobre o que se institui como algo legitimado/cristalizado/propagado na instituição, como a identidade de gênero, e as verdades tornam-se motivo de problematizações que produzem outros sentidos para as identidades, de modo a não mais experienciar um modelo a partir de discursos localizados na história e no espaço. Esse problema em relação à falta

de conhecimento da/o docentes é estrutural. Os temas relacionados à diversidade começaram a ser engendrados na formação de professores bem recentemente.

Noto, pelas narrativas, que “no Câmpus [...] realmente os docentes estão preparados pra lidar com a diversidade, mas vale ressaltar que isso é em relação ao meu curso” (LARISSA) e, também que, “por mais que não concordem com as posições de outros, [seria] bom que respeitassem” (ANTÔNIO). O que Oliveira (2017) e Lanz (2014) enunciam sobre o despreparo docente para o diálogo acadêmico sobre transexualidade coaduna com o posicionamento que faço dos dizeres de Antônio e Larissa, pois há, de fato, certa desqualificação e certo despreparo docente no trato de questões relacionadas à transexualidade. Segundo as autoras, docentes sentem-se retraídas/os para abordar assuntos relacionados às identidades trans. Sendo assim, o posicionamento discursivo de alguns sujeitos docentes exclui identidades trans, na medida em que estas/es docentes ditam as maneiras de ser, a partir do viés cis heteronormativo, tornando-se este viés verdade absoluta, propagada e inquestionável. Nesse sentido, é importante interrogar até que ponto docentes estão ancoradas/os por pressupostos teóricos das identidades e, num cenário educacional, capazes de muni-las/os a se libertar das amarras repressivas que as/os impedem de promoverem debates esclarecedores e democráticos no ambiente da academia.

Deste modo, o ambiente educacional superior, por intermédio das relações que ali se estabelecem, em direção ao dizer de si sobre si da/o discentes trans, pode ser o espaço de repensar e desconstruir práticas transfóbicas, operando via discurso, a partir do repensar da transfobia torna possível produzir rupturas com o estigma de subalternização da identidade trans.

Nesse aspecto, discursos de docentes tidos como valor de um saber-poder-verdade podem minimizar o preconceito na medida em que esse profissional tem um papel social reconhecido e legitimado capaz de (re)produzir discursos excludentes. A esse respeito, Larissa enuncia que, para ela, é

relevante a mediação do docente com essa pluralidade na sala de aula. Uma boa mediação torna bastante relevante para todos os alunos, para a dinâmica em sala de aula, para a metodologia do professor aplicada em sala de aula pensando na pluralidade e na diversidade. (LARISSA).

Reside no excerto de Larissa diferentes formas de materialidade linguística que podem levar à problematização do processo de construção de significados, oportunizando a produção de outros sentidos ao considerar aspectos sócio-históricos para qualificar os corpos dos sujeitos no ambiente acadêmico. Assim, observo nos enunciados explicitados nessa seção, como Antônio e Larissa demarcam suas posições-sujeito, reafirmando sua identidade trans, agindo sobre si, em um movimento do cuidado de si, sugerindo maneiras de desconstruir e reconstruir outros sentidos para seus corpos, no contexto da universidade.

A partir das enunciações descritas, interpreto que Antônio e Larissa constroem relações de força que passam “tanto pelas forças dominantes como pelas dominadas” (OLIVEIRA, 2017, p. 50) e legitimam sua transexualidade, utilizando-se dos elementos constitutivos de uma cis heteronormatividade hegemônica por meio de um cuidado de si, estratégia de resistência, que, inclusive, utiliza da própria disciplina como tática para reagir contra ela, posto que o corpo não é um elemento inerte, passivo.

Numa perspectiva de saberes, tomando o saber como formações históricas constituídas por práticas formais de enunciados e visibilidades, o sujeito é visto como sujeitado à ordem do discurso (FOUCAULT, 2008). E, num campo de relações de forças, esta sujeição se intensifica, tendo em vista um poder que atua por incitamento de forças, extraindo dos corpos ações úteis para o funcionamento do campo social.

E, nesse jogo de forças para retirar ações úteis para o corpo trans, posso interpretar que os enfrentamentos se dão de modos diferentes para Antônio e Larissa. Larissa constrói uma discursividade que a insere na disputa de saber e poder para com a posição-sujeito docente para legitimar seu corpo trans e instaurar possibilidades de legitimação de seu corpo no espaço universitário. Um corpo que grita e se posiciona como sujeito trans. Isso pode ser visto na enunciação de Larissa, neste tópico, onde cria técnicas de não aceitar o nome civil, no diário da chamada de frequência, da/o docente.

Já Antônio discursiviza a partir de sua condição discente trans numa perspectiva de um cuidado de si, também no caminho de desconstruir a ideia de corpo inerte e passivo, contudo via uma ação de distanciamento da posição-sujeito docente, no caso cisgênero, observada no trecho onde narra que o importante foi ele separar o pessoal do profissional na sua relação com as/os docentes. Para

respaldar estes posicionamentos da/do discentes trans, aponto aqui Preciado (2014), que explica que certos corpos não têm autonomia sobre si mesmos e são corpos para o qual ainda não se reconhece o direito de enunciar. Também, pensar as enunciações acima e o que elas põem em discurso, mobilizadoras de relações de poder, uma vez que, segundo Foucault (1985, 2004), o sujeito ao dizer de si sobre si oportuniza uma relação de saber-poder sobre aquilo e aquele que confessa.

Os enfrentamentos iniciais, considerando as enunciações de Antônio e Larissa, referentes às relações cotidianas acadêmicas com as/os docentes, revelam que a sala de aula ainda resiste para se manter na lógica cis heteronormativa. Nesse caminho, a realidade discursivizada pela/o minha/meu entrevistada/o aponta para uma situação onde,

Esta perspectiva de experimentação de si pode provocar e deslocar o pensamento no sentido de se analisarem as potencialidades da experiência da existência narrada [...] nestas experiências, o sujeito passa a ocupar-se de si, por meio de um movimento que produz a desconstrução de acontecimentos, imagens e representações, elaborando assim invenções de si. (CÉSAR; SANTOS; SILVA; 2019, p. 576).

Desse modo, verso a posição-sujeito discente trans como uma importante posição outra que produz enunciabilidades que dizem respeito aos modos de subjetivação, ligados às tecnologias do eu (LAROSSA, 1994). Ao conhecer a si mesma/o, dar-se a conhecer, nesse cenário universitário, a/o discente trans necessita se dirigir - em direção a si própria/o - investimentos de enunciabilidade. A experiência desta/e discentes trans, no âmbito das relações entre os sujeitos partícipes da UEG, relaciona-se a um conjunto de ações que ela/e efetuam sobre si mesma/o, dentre as quais está a tarefa de voltar o olhar sobre si, tornando-se, principalmente, sujeito de visibilidade e de enunciabilidade. Uma vez tornado sujeito de si mesma/o, que enuncia uma verdade-saber-poder sobre si (FOUCAULT, 1985, 2004) (LAROSSA, 1994), no cenário universitário, a/o discentes trans, passam a narrar sua prática acadêmica específica, e ao fazer essa narrativa, são convidada/o a apreciar-se, a observar-se. Lembro, pois, que é pelo exercício do cuidado de si, um dos modos pelos quais a/o discente trans se tornam visíveis a si mesma/o.

Trato, daqui em diante, de discorrer quanto à sequência discursiva com mesmo efeito de sentido, para este eixo, Discentes. Dou continuidade à disposição das narrativas, também aqui realizo a distribuição por um conjunto de semelhanças, respostas às mesmas perguntas, estabelecidas nas enunciações da/o discentes

trans, considerando, no interior das quatro perguntas feitas, refletir sobre a relação que a/o discentes trans concebem com seus pares a partir de situações de receptividade, convivência e possível constrangimento.

A única série enunciativa, *corpus* deste eixo, série essa que mostra enunciados em uma perspectiva do olhar do sujeito trans para com seus pares discentes, explicitando que, segundo Foucault (1985, 2000, 2004), por meio da prática de confissão de si, o sujeito estabelece relações com essa verdade e, também, de dependência com o outro, modificando a relação que tem consigo, num cuidado de si. Seguem, as narrativas:

[25S01E13] Apesar de eu não ser uma pessoa muito sociável, as poucas pessoas mais próximas a mim me receberam muito bem. (ANTÔNIO).

[26S02E13] Quando iniciei minha vida acadêmica, no meu primeiro ano, fui super bem recebida pelos meus colegas discentes. Logo já fiz amizades. A minha sala era a maioria do sexo feminino e havia apenas um rapaz do sexo masculino. Não tive nenhum problema em relação aos meus colegas de sala de aula do curso e foi uma receptividade muito boa, tanto com o respeito da minha parte como o respeito deles. (LARISSA).

[27S01E14] Sempre foram receptivos meus colegas, até mesmo porque na minha sala não tinha apenas pessoas cis. (ANTÔNIO).

[28S02E14] Eu não tive dificuldades em relação aos meus colegas discentes de sala de aula do curso, foi super tranquilo, super de boa, durante esses anos da minha vida acadêmica. (LARISSA).

[29S01E15] Só em relação a nomes e pronomes. (ANTÔNIO).

[30S02E15] Fiz uma disciplina que eram três a quatro turmas de outros cursos em uma sala só. Então éramos uma sala bem cheia de alunos. Sempre que eu entrava nessa sala de aula eu percebia, de um certo sujeito, risadinhas. Às vezes eu ia na biblioteca e esse sujeito estava lá e ficava dando risadinhas isso por alguns meses. Com o passar dos dias eu não fui tolerando aquilo, porque eu não vejo que eu tinha necessidade de estar sendo a palhacinha, a chacota desse sujeito. Então chamei uma professora pra conversar. Eu disse para ela que o sujeito estava fazendo comigo. E ele era preconceituoso, que não tinha motivo para ele me tratar assim. E ele estava faltando com respeito comigo. A professora chamou esse sujeito para conversar, a gente não estava dando certo na mesma sala. Conversei com o coordenador do curso, conversei com o diretor, eu estava fazendo o terceiro período do curso, e o sujeito era de outro curso. Isso foi um preconceito por eu ser uma mulher transexual dentro de uma faculdade. (LARISSA).

[31S01E16] Felizmente meu ciclo de convivência é, na grande maioria, LGBT e simpatizantes. (ANTÔNIO).

[32S02E16] Em seu conjunto me possibilitou uma boa convivência. Tive bastante colegas e pude ter essa proximidade, pude fazer amizades com as pessoas e isso me deixa mais forte, me deixa mais confortável. Também a convivência com as pessoas, dentro do campus, me fortaleceu bastante.

Meus colegas estudantes e os professores me dão a maior força.
(LARISSA).

Assim, para que a/o discentes trans permaneçam na sala de aula, entre seus pares, é necessário que desenvolvam uma prática de um cuidado de si que lhes permitam diminuir o sentido de marginalização de seus corpos. Esses cuidados de si, nas relações entre pares, a/o discentes trans, observo na fala de Larissa, que na sala de aula “a maioria [é] do sexo feminino e havia apenas um rapaz do sexo masculino”, que as relações de saber-poder sobre as identidades não são estáticas, assim como as formas de resistência também não o são (FOUCAULT, 2000). A entrada e a permanência da identidade trans na universidade viabilizam o nascimento de outras relações de forças que passam a caracterizar as relações de saber-poder que a/o discentes trans fundam nesse espaço.

A linguagem de Larissa produz um sentido de que o fato de ter a maioria de colegas com a identidade mulher facilitou a permanência de sua identidade trans na sala de aula. Novamente, Larissa discursa o atravessamento da cis heteronormatividade para a aceitação da transexualidade nas práticas educacionais. Vejo que a narrativa de Larissa corroborada pela de Antônio, no que diz que seus pares estudantes na maioria das vezes foram receptivos [...] até mesmo porque na [sua] sala não tinha apenas pessoas cis”, que o corpo trans, enquanto objeto discursivo, se encontra no centro de relações de saber-poder, as quais atuam, ainda disciplinando os corpos para atender a lógica cis heteronormativa.

O fato de ter mais corpos femininos na sala de Larissa, como também a de ter maior diversidade de gênero na sala de Antônio, pode atuar sobre a identidade do sujeito, dando a ela/e certos significados produzidos a partir de uma vontade de verdade que é histórica e social, em especial aquela que se relaciona à identidade de gênero. Contudo, uma verdade sobre as identidades não se trata de algo cristalizado, permanente, pois, como explica Foucault (1985, 2000, 2004), onde há um saber-poder histórico, há, também, um trabalho do sujeito sobre sua constituição em resistência. Este movimento da/o discentes trans de aproximação para com outras/os discentes que coincidem com seus corpos, cria um campo estratégico de relações de poder, não se tratando, esta coincidência nos corpos, de ilusão ou

promessa necessariamente desrespeitada, mas de o outro jogo nas relações de poder.

Dessa forma, posso identificar que o recurso acessado pela/o discentes trans, fazendo frente à exclusão em sala de aula, foi a narrativa de se ter maior número de discentes mulheres, no caso da Larissa; e, no caso do Antônio, se aproximar de outros discentes sensíveis às causas LGBTs. Essas relações construídas a partir de uma visão de reciprocidade/semelhança revelam uma batalha para ultrapassar a suposta marginalidade/subalternidade histórica que as pessoas trans são levadas a acreditar que têm (LANZ, 2014) e, assim, serem aceitas nas relações com seus pares.

Neste enquadramento, apoio-me nos enunciados de Antônio e Larissa para dizer que os sujeitos são históricos com identidades fluidas, posto que estão em constante movimentação em diferentes posições-sujeito de espaços discursivos diferentes (FOUCAULT, 2008; FIGUEIRA-BORGES, 2016). Desta maneira, nos enunciados desta seção, a/o colaboradora/or expõem que os corpos apresentam significantes que lhes são atribuídos historicamente, delimitados a partir de determinados exercícios de poder (FOUCAULT, 2008; FIGUEIRA-BORGES, 2016).

Antônio e Larissa revelam, pelo uso da linguagem, que o sujeito marginalizado cria práticas discursivas que possibilitam a minimização de questões culturais e políticas que a/o marginalizam, ampliando sua posição de sujeito discente trans que produz sentidos outros para suas práticas identitárias, nas relações entre seus pares na academia, pois os discursos são construídos a partir de experiências, crenças, ideologias, identidades, as condições históricas de dizer (SOUZA, 2009).

As narrativas de Antônio e Larissa, descritas neste capítulo, colocam em destaque que é no corpo e através do corpo que os processos de afirmação ou transgressão das normas regulatórias se realizam e se expressam (LOURO, 2000). Desse modo, seus corpos são marcados social, simbólica e materialmente, por ela/e, e pelos outros sujeitos, pois, o corpo trans

é um corpo que escapa. Um corpo que lança dúvidas sobre o processo disciplinar proposto pela [universidade] e pelos múltiplos dispositivos que incidem sobre ela. Estar na [academia] como [discente trans] não é garantia de imunidade em relação à transfobia. O controle sobre o corpo continua em operação. A negociação é constante, exigindo posicionamentos diários. (OLIVEIRA, 2017, p. 158).

Antônio e Larissa reivindicam um respeito que sua corporeidade merece, e esse modo de posicionar diante da realidade implica permanentes jogos de resistência entre discursos e práticas. Entre estas há mais lutas e tensões que complementaridade de parte a parte, assim como há disputas entre os próprios discursos.

Em um enunciado, ainda neste eixo, Larissa aponta uma adjetivação atribuída à palavra “palhacinha”, expressa na narrativa que fez de um discente que sempre ria dela quando entrava na sala de aula e, uma vez, na biblioteca, “percebia, de um certo sujeito, risadinhas”. Nesta narrativa, Larissa evoca o riso como produtor de sentido e, neste caso, de efeito cômico. Sem dúvida, isto pode ser relacionado ao que Foucault menciona do fato de haver “alguma coisa de irrisório ao se convocar todo o poder das palavras, e através delas a soberania do céu e da terra, em torno de desordens insignificantes ou de desgraças tão comuns” (FOUCAULT, 2006, p. 211).

Mais uma vez a cis heteronormatividade é marcada como o esperado e, ainda, existem questões que tangenciam os discursos de que ser LGBT é ser motivo de “chacota” (LARISSA), reforçando discursos de saber-poder que partem de uma lógica cis heteronormativa como ponto de referência para uma prática de gênero. Relevante a leitura dessa narrativa de Larissa com relação ao diminutivo palhacinha porque, de certa forma, evidencia a dualidade da resistência, se analiso não apenas a reação de Larissa, mas também o comportamento do aluno preconceituoso/intolerante. Acredito que, quando Foucault (1985, 2000, 2004) diz que a resistência surge a partir de um poder legitimado, ele está se referindo a um direcionamento de força(s) em um sentido contrário às práticas que estão cristalizadas na sociedade.

Antônio e Larissa, ao enunciarem a respeito de como se relacionam com as/os demais discentes, reafirmam sua condição identitária de homem trans e mulher trans. Fazendo uso da linguagem, (d)enunciam uma situação de conflito intercultural (masculino *versus* feminino), dando visibilidade às suas práticas identitárias, (des)construindo discursos. Por exemplo, Antônio enuncia que as situações que o constroem se referem ao uso de “nomes e pronomes” pelos seus pares ao se direcionarem a ele. E Larissa, reafirma sua identidade trans ao afirmar sua condição de “ser uma mulher transexual”.

Assim, no ambiente acadêmico, permeado por relações de saber-poder, as risadas do colega de sala, a dificuldade com as nomeações e uso dos pronomes para com o discente trans, a marcação mulher transexual da discente trans, denotam situações onde Antônio e Larissa reivindicam o saber-poder legítimo sobre si mesma/o para desconstruir e reconstruir uma série de julgamentos e preconceitos fundamentados no padrão cis heteronormativo que impera, historicamente, na universidade.

Portanto, ao examinar os enunciados de Antônio e Larissa podemos perceber construções discursivas que incidem para a produção de um cuidado de si que mobiliza outros sentidos acerca do corpo trans como a formação acadêmica e a busca por postos de trabalho na sociedade.

Quando Larissa comenta que “chamei uma professora pra conversar [...] conversei com o coordenador do curso, conversei com o diretor” acerca do constrangimento que vivenciou com um colega, assume uma posição-sujeito discente trans, neste caso, e provoca uma movimentação na trama discursiva. Ao enunciar, Larissa toma partido e se identifica, a partir de um cenário de relação entre discurso e suas condições sócio-históricas do dizer (ou do não dizer), sua condição de não aceitação de atitudes preconceituosas. Quando Antônio e Larissa enunciam, evidenciam que dizer/escrever pressupõe desvelar constituições de um sujeito que é histórico.

Larissa mostra a importância que tem para ela o olhar social do outro na sua constituição sujeito trans, dada a forma como ela se expõe ao outro, a forma como fala de si e sobre si ao mundo educacional em que se insere. E ao ser exposta pelas “risadas” e “chacotas” advindas do colega discente, sente-se deslegitimada sujeito de si, de sua própria vida, de sua própria experiência, pois o sujeito tem existência no espaço discursivo entre ele e o outro. Nesse sentido, é relevante compreender como a violência simbólica do riso produz sentidos e como está investido de significância para os sujeitos envolvidos. Como algo está sendo dito num determinado momento e em uma determinada condição, e de que maneira a relação discente trans e demais discentes possibilita movimentações nas construções das condições sócio-históricas desta, mobilizando circunstâncias de retomadas do dizer acerca da identidade trans na universidade.

Para Ribeiro (2017), a linguagem pode ser utilizada como mecanismo de exclusão e de invisibilidade de certos espaços sociais e realidades vivenciadas por

grupos sociais marginalizados. A autora completa dizendo que todos enunciam, contudo, não são todos que alcançam certos espaços discursivos privilegiados para a enunciação. Ainda, de acordo com Ribeiro (2007), e atentando-me nas enunciações deste eixo, pauto que, nas relações da/o discentes trans com seus pares, estabeleceu-se um espaço plausível para reflexão e que pode desconstruir discursos que colocam a identidade de gênero trans em posição subalterna.

Observo, assim, que a linguagem se mostra como sistema de significação da realidade no qual a palavra se revela como lugar para expressão das condições sócio-históricas do dizer (RIBEIRO, 2017) da/o discentes trans. Nessa via, é pela língua que observo as diferentes formas de conceder e construir significados, por parte de Antônio e Larissa, para/sobre suas realidades.

Tanto Antônio quanto Larissa trazem nos seus enunciados que as relações que ali se deram entre ela/e e os demais sujeitos que estão na universidade e nos dois Câmpus, precisamente docentes e demais discentes, foram fundamentais para suas permanências na UEG. A este respeito, os enunciados desta/e colaboradora/or demarcam uma movimentação dos sujeitos em direção a uma posição-sujeito discentes trans, inscritos historicamente num contexto de universidade pública, espaço este que, até então, lhes fora negado.

Analiso, a partir das narrativas descritas, que a/o discentes trans, pela educação, no exercício de um cuidado de si, ocupam uma posição-sujeito que desestabiliza a relação de saber-poder, abrindo a possibilidade de permanência na academia. Em relação ao cuidado de si, Foucault (2004, p. 5) escreve que:

o cuidado de si permite ocupar na cidade, na comunidade ou nas relações interindividuais o lugar conveniente – seja para exercer uma magistratura ou para manter relações de amizade. Além disso, o cuidado de si implica também a relação com um outro, uma vez que, para cuidar bem de si, é preciso ouvir as lições de um mestre. (FOUCAULT, 2004, p. 5).

Demarco, então, pelas narrativas da/o discentes trans, que se instaurou um outro sentido e uma outra forma de fazer história, sobre a entrada e a permanência dela/e na universidade. Uma prática de si que resistiu e resiste aos códigos e aos poderes, pela relação consigo mesma/o, estando sempre se fazendo em qualquer momento da história, um exercício de si, procurando entender, a partir de então, como este exercício condiciona a resistência.

O que foi enunciado, até aqui, pela/o discentes trans, demarca uma realidade discursiva onde ela/e estabelecem relações com uma verdade para a identidade trans e, também, de dependência com o outro, modificando a relação que têm consigo, num cuidado de si. A relação com o outro, o docente e demais discentes, testemunha para a construção de um cuidado de si pela/o discentes trans, pois, segundo Foucault (2004, p. 4), “cuidar de si é se munir dessas verdades”; e sendo o sujeito discursivo, criado ela/e mesma/o pela linguagem, coube até aqui, neste capítulo, pronunciar o desvelamento de como a/o discentes trans construíram sua própria existência; ou seja, discursivizaram-se, formulando práticas e efetuando dizeres de si sobre si.

3.2 Pode o corpo trans falar?

Nesta seção, proponho um diálogo sobre a entrada e a permanência da/o discentes trans na universidade como produtoras de sentidos que perfazem uma outra posição-sujeito trans em diferentes práticas e construções sociais. Projeto um exame de que a educação pode se mostrar como um caminho para um exercício do sujeito trans, de prática de liberdade a partir de um ocupar e cuidar de si, na medida em que transita na universidade.

Os discursos estão estreitamente ligados às relações sociais dos sujeitos e, como prática social, são a mediação necessária para a sociabilidade destes sujeitos. É também no discurso, e a partir dele, que se constroem sentidos, deslocam realidades já postas e determinam-se, no discurso, as relações de saber-poder que organizam as estruturas sociais (TASSO; NAVARRO, 2012). Além de ser interação, o discurso é também um modo de ação (OLIVEIRA, 2017) que constrói efeitos de sentido no espaço histórico e social em que os sujeitos trans circulam. Nesse sentido, ao pensar em linguagem e prática educacional, o discurso está imbricado nessa compreensão, pois constitui-se em um modo de ação pelo qual a/o discentes trans agem e representam o mundo, agindo sobre si e os outros (LANZ, 2014) de forma rotineira, ritualizada e institucionalizada.

Nesse contexto, são construídas outras posições-sujeito trans por meio de outros sentidos que se reiteram pela ação discursiva em que a identidade trans está inserida historicamente no âmbito do ensino superior público. É pelo exercício de um cuidado de si, ações cotidianas no cenário da academia onde o sujeito trans

enuncia a verdade de si, demarca sua identidade discente trans, mobiliza deslocamentos em modos de representação de sua identidade de gênero.

Assim, posso dizer que é por um (in)tenso trabalho nas e pelas discursividades que a/o discentes trans constituem e constroem suas identidades e fabricam outras posições-sujeito para as identidades trans. Dessa maneira, é possível afirmar que os discursos da/o colaboradora/or dessa pesquisa constroem sentidos e compõem identidades que a/o fazem ser reconhecida/o no espaço educacional e social nos quais transitam. Essas identidades se posicionam no discurso, agindo para provocar que outros sentidos fossem construídos e outras visões legitimadas acerca do sujeito trans dentro da academia, ainda que de modo tímido.

A declaração acima coincide com a reflexão de Moita Lopes (2010, 2006, 2002) de que os participantes discursivos constroem significados ao interagir com outros discursos em diferentes instituições, num determinado espaço histórico e que esses enunciados não são uma coleção deslocada de afirmações, mas um conjunto de afirmações promulgadas em um contexto educacional. Desse modo, os discursos de saberes da/o discentes trans podem fabricar identidades trans, porquanto através da linguagem suas realidades são construídas e produzidas na academia.

Posto isso, me dedico, neste instante, às análises das narrativas da última sequência discursiva relacionada ao eixo Vida Social, esboçadas pelas respostas às perguntas dirigidas a/o colaboradora/or desta pesquisa, a saber:

c) Eixo 5: vida social

17. Suas atividades cotidianas tiveram mudanças em razão do seu acesso à universidade?

18. Estar na universidade agrega em sua vida social? Se sim, em quais aspectos?

19. Cursar uma graduação traz implicações para suas atividades de trabalho?

20. Há mais algum comentário que você gostaria de fazer no que diz respeito à sua relação com a Universidade Estadual de Goiás (UEG) e que não foi apontada nas perguntas anteriores?

As respostas a estas quatro perguntas que menciono acima, anunciam a série de enunciados do eixo Vida Social, direcionadas para uma tentativa de compreender como a/o discentes trans percebem a sua entrada e permanência na universidade como propiciadoras, ou não, de mudanças em suas práticas identitárias para além dos muros desta instituição de ensino superior público.

[32S01E17] Algumas mudanças felizmente pela pluralidade de interação possibilitou que eu pudesse expandir horizontes diferenciando a minha narrativa. (ANTÔNIO).

[33S02E17] Sim, tive bastante mudança na minha vida cotidiana. No campus acadêmico a gente passa a viver a academia, cobrança da pesquisa, a dedicação. Muitas vezes uma dedicação exclusiva ao curso, ao campus; então tem sim uma mudança na nossa vida cotidiana. (LARISSA).

[34S01E18] Possibilita, para mim, fazer parte de uma estatística diferente. (ANTÔNIO).

[35S02E18] Estar em uma universidade, pra mim, foi super-relevante. Hoje, você ter uma graduação é muito importante. Você estar numa universidade as pessoas te veem com outros olhos. A gente estar ali estudando, se empenhando, muda a vida social, e passa a viver ali aquele momento acadêmico. Passa a viver com os colegas, com outras pessoas, passa a conhecer professores mestre e doutores pesquisadores. Então aumenta a bagagem da gente de conhecimento e de amizade. As pessoas que estão de fora da universidade, que vê a gente dentro do campus, fazendo a universidade e tal curso, essas pessoas têm uma perspectiva melhor da gente. E isso em si me agregou uma vida social bem melhor por estar fazendo uma graduação. (LARISSA).

[36S01E19] Abrem muitas possibilidades, para mim, de trabalho e de conhecimento, estar numa universidade. (ANTÔNIO).

[37S02E19] Estar cursando a graduação, no curso de letras, me trouxe uma possibilidade de ser uma futura professora. Uma moça culta, nossa uma trans na graduação, no curso superior. São poucas que conseguem, então as consequências positivas é que as pessoas conversam comigo melhor, me tratam bem, aumentei meu ciclo de amizade. (LARISSA).

[38S01E20] Acredito que conversar abertamente sobre as questões de gênero seria de suma importância para a melhoria de convivência de todas/os. (ANTÔNIO).

[39S02E20] Quero aqui ressaltar um agradecimento, agradecer a todas/os professores, discentes, servidores do campus da UEG pela amizade, esse carinho construído ao longo desse tempo que veio só somar na minha vida. Gratidão a UEG. (LARISSA).

Partindo do fato de que a presença da identidade trans na UEG é o principal tema para a discussão aqui proposta, começo, por meio das enunciações acima, na esteira do pensamento foucaultiano, que a/o discentes trans trouxeram para o

espaço da academia a questão da verdade sobre suas identidades trans, uma vez que, ao tratar da transexualidade na universidade, explico que a posição-sujeito discente trans não é mais silenciada, não é mais obrigada a se calar, mas sim, é, agora, obrigada a se revelar (FOUCAULT, 1988, 2006). Aquilo que a/o discentes trans revelam, acerca de sua transexualidade, está no domínio de uma relação entre esta/e sujeitos e a verdade de si, sobre si, no tocante, também, a questões do poder e como o sujeito se relaciona nesse meandro entre si, a verdade e o poder, bem como na relação com outros sujeitos.

Pelos enunciados de Antônio e Larissa nesta seção, denoto que a convivência com outras pessoas interferiu sobremaneira na formulação de uma representação de si, na qual surge uma flexibilidade de uma autodefinição caracterizando o trajeto de uma existência trans, que toma para si a liberdade de não se prender a uma determinada classificação.

Nos enunciados em análise, observo como a ocupação da universidade pela/o discentes trans rompeu barreiras e abriu caminhos, para ela/e, indicando possibilidades de “expandir horizontes, diferenciando a minha narrativa” como afirma ANTÔNIO. Larissa corrobora com a posição de Antônio ao dizer que o fato de ela estar na universidade, fazendo uma graduação, lhe “agregou uma vida social bem melhor”. O uso das palavras “felicidade” e “positivas”, por Antônio e Larissa, respectivamente, mostra a construção de efeitos de sentidos de otimismo e confiança em si mesma/o, em razão de cursarem uma graduação. Ao se posicionarem nessas enunciações, a/o discentes trans destacam a importância da inclusão da identidade trans na agenda educacional.

Nesse sentido, é dialogando “abertamente sobre as questões de gênero” que a educação superior se coloca como instância que serve a uma “pluralidade de interação” que possibilita, por meio do acesso ao ensino, a abertura de caminhos e de debates de “suma importância para a melhoria de convivência de todas/os” (ANTÔNIO). Antônio e Larissa ocupam, resistem e existem nesse espaço acadêmico e, por meio desse acesso ao ensino, agem como solo para os questionamentos acerca daquilo que até então foi concebido como forma de vivência trans, tanto na universidade quanto na sociedade.

No cuidado de si, as formas de visibilidade e enunciação sobre si mesma/o, do ser discente trans, fazem com que esses sujeitos se reconheçam como criadores, como fundadores e principais responsáveis por seus atos acadêmicos,

por suas atitudes e por formas de viver a transexualidade no ambiente universitário, como enunciadora/or de seus ditos, de suas práticas, de si mesmo. Verifico isso ao considerar as expressões “pluralidade de interação”, “expandir horizontes” (ANTÔNIO), “a gente passa a viver a academia, cobrança da pesquisa, a dedicação” e “uma dedicação exclusiva ao curso” (LARISSA), pois posso inferir, a partir destes enunciados, que houve a produção de outros sentidos, outros saberes e poderes para a identidade discente trans. Agora, são sujeitos trans que se reconhecem como pertencentes às relações acadêmicas estabelecidas no seio da universidade, e estas foram fundamentais para a tomada de consciência de si mesma/o, passando a ser uma força de resistência neste espaço da UEG e do Câmpus.

Nesse sentido, cabe externar que, ao examinar as discursividades trans, esta pesquisa delinea como estes sujeitos discentes trans foram produzidos na e pela história. A partir de seus enunciados, investigo que, por mais sutis que sejam, surgiram possibilidades de movimentação de saberes e poderes para se constituírem outros no espaço educacional superior, bem como mudar sua posição em ações, movida/o pela vontade de verdade (GREGOLIN, 2015, 2008; NAVARRO, 2008) do que é ser discente trans no universo educacional superior público.

Assim, na frase de Antônio “fazer parte de uma estatística diferente” o discente trans enuncia que sua presença na academia, ou seja, o processo educacional superior se apresenta como um modo de quebrar o paradigma da marginalização para sua identidade trans, podendo esta identidade, então, viver outros espaços no contexto social. Larissa apoia esta perspectiva de Antônio ao dizer que estar na universidade lhe permitiu “uma vida social bem melhor”.

Para ambos, Antônio e Larissa, nesse contexto de vislumbrar suas vidas sociais, após transitarem pela universidade, trazem enunciados que explicitam que essa positividade de estar na academia implica melhorias tanto na vida pessoal como no aspecto profissional. De modo que, estar na graduação, para Antônio, gera “muitas possibilidades [...] de trabalho e de conhecimento”, e, para Larissa, estar na graduação manifesta que é possível que ela seja “uma futura professora”.

Nas enunciações em questão, interpreto que tanto Antônio quanto Larissa mobilizam efeito de sentido de privilégio por estarem na universidade, uma carga histórica de retomada deste dizer, de outros saberes e poderes para as práticas identitárias trans. Nesse viés, a educação se mostra como uma estratégia adotada

pela/o discentes trans contra o imperativo de marginalização e invisibilidade de suas identidades e, no exercício do cuidado de si pela educação superior, a posição discente trans instaura a possibilidade de discursividades menos conservadora e menos opressora, a partir de experiências pessoais que se somam ao conhecimento acadêmico desta/e discentes.

Não obstante, amparando-me em Foucault (2008, 2001, 2000, 1996), depreendo que o sujeito trans, mesmo sendo efeito das relações de saber-poder, não significa que ela/e estão submetida/o a uma força inescapável que predispõe as posições-sujeito. Pondero que os sujeitos possuem, de certo modo, um campo de possibilidade para, na prática da resistência, várias condutas e diversos comportamentos que possam demarcar uma outras posições-sujeito, neste caso, discentes trans.

Pelo percurso delineado neste capítulo, entendo que as práticas acadêmicas da/o discentes trans viabilizaram espaços de mediação nos quais o sujeito trans encontrou recursos para o desenvolvimento de sua autoconsciência e sua autodeterminação (LARROSA, 1994), também, para a restauração de uma relação consigo mesma/o no contexto da universidade.

As práticas acadêmicas se mostram como um espaço outro de possibilidades, favorável, delimitado e organizado para que a/o discentes trans desenvolvam e/ou recuperem as formas de relação consigo mesma/o que a/o caracteriza como identidade trans que adentra o panorama universitário, pois, a/o discentes trans

não são posicionados como objetos silenciosos, mas como sujeitos falantes; não como objetos examinados, mas como sujeitos confessantes; não em relação a uma verdade sobre si mesmos que lhes é imposta de fora, mas em relação a uma verdade sobre si mesmos que eles mesmos devem contribuir ativamente para produzir. (LARROSA, 1994, p. 18).

Os elementos materializados nas séries enunciativas apresentadas neste capítulo evidenciam uma discursivização nos discursos trans, apontando o gênero identitário como marcador da diferença que produz opressão. As narrativas da/do discentes trans trazem esse marcador da transexualidade em cena, pois seus corpos mobilizam sentidos que a/o colocam num processo histórico de interação social entre sujeitos e grupos de sujeitos em um movimento ininterrupto e descontínuo que conduz para a constituição de novas posições-sujeito e novas

possibilidades de inserção em outros grupos sociais, bem como para a formação de novos discursos acerca do corpo trans.

Após realizar essas ponderações sobre a (des)construção de práticas identitárias dos/nos/pelos sujeitos trans, no contexto educacional superior, especificamente na UEG e em dois de seus Câmpus, depreendo, por meio das materialidades linguísticas-discursivas dos colaboradores, que os sentidos para a identidade discente trans se constituem na e pela relação que este sujeito estabelece nas diversas e plurais interações no espaço universitário da UEG.

Sustém que uma das propostas desse estudo é fazer com que a voz de discentes trans ecoe ainda mais academicamente, retirando-a/o da invisibilidade e inscrevendo-a/o no contexto universitário. E ao promover este espaço, por meio da realização desta pesquisa, viabilizam-se condições para o empoderamento como grupo que vive em situação de grande vulnerabilidade, exclusão e à margem da sociedade (RIBEIRO, 2017).

Para esta pesquisadora, a/o discentes trans são sujeitos de direitos (direito à educação, a ir e vir, à liberdade, ao emprego) e estes lhes foram negados ao longo da história, em razão de práticas de saber-poder ligadas às restrições social e educacional de corpos. Contudo, o corpo trans ocupa uma outra posição-sujeito, por intermédio da educação superior e, nesse sentido, percebe-se que a educação ainda se faz fonte de autoridade transmissora de certa legitimidade, que se constitui por diferentes vozes que ecoam no diálogo e na produção de saber-poder para as identidades trans. Assim, concluo este último capítulo de análise do presente texto dissertativo, com uma narrativa de Larissa bastante significativa para a compreensão de que a universidade ainda se faz como fonte de autoridade transmissora de certa legitimidade onde, por diferentes vozes, ecoam diálogos e produção de diversos saberes. Para tal, gostaria de encaminhar esse estudo com a voz de agradecimento de Larissa, evidenciando o desejo de “agradecer a todas/os professores, discentes, servidores do campus da UEG pela amizade, esse carinho construído ao longo desse tempo que veio só somar na minha vida. Gratidão à UEG.” (LARISSA). E não posso deixar de dizer que a Universidade Estadual de Goiás também tem muito a agradecer a vocês, discentes trans, por desestabilizarem o que estava cristalizado no fazer acadêmico, convocando-a a ser mais responsiva e responsável aos anseios da sociedade, ou seja, que a universidade pudesse se tornar – na esfera administrativa, docente e discente – ainda mais humana.

4 (IN)CONCLUSÕES

Estou em processo permanente de aprendizagem e troca. Não estou pronta. (BENTO, 2017, p. 9).

Parafraseando a epígrafe acima, abro as considerações finais desse estudo, que nomeio (in)conclusões, reafirmando que esta pesquisa é um espaço de aprendizagem e troca, pois nada aqui está pronto e, nesse momento do texto dissertativo, reflito sobre as contribuições dessa caminhada para o nosso crescimento, a fim de sugerir novos caminhos e propor novos desafios, uma vez que a busca continua e continuará sempre.

Encerrando então o texto dissertativo, exponho que a linha de pensamento que tracei no decorrer deste trabalho teve como objetivo problematizar, discursivamente, numa perspectiva analítica discursiva, como a/o discentes trans, colaboradora/or da presente pesquisa, veem a UEG a partir de uma reflexão acerca de suas compreensões das políticas educacionais dessa universidade como propiciadoras, ou não, de elementos que possam contribuir para a produção de modos de subjetivação como discentes trans, considerando que práticas socioeducacionais, na academia, possam mobilizar deslocamentos em crenças, valores, saberes por meio de discursos e vivências trans.

A hipótese é: se o fato da/o discentes trans estarem presentes em um curso de graduação propicia um deslocamento na constituição identitária da/o mesma/o, se esse contexto promove contato com saberes outros ocasionando mudanças nas suas inscrições e suas práticas identitárias.

Analisei como as discursividades da/o discentes trans funcionam como um cuidado de si na produção de modos de subjetivação, por meio das quais o sujeito trans instaura uma determinada relação consigo mesma/o em meio ao cenário acadêmico. Para estas análises, sustentei meu aporte teórico em alguns conceitos foucaultianos, os pressupostos identitários vinculados aos estudos culturais e demais autores que me auxiliaram a pensar essas enunciações de si, no âmbito do ensino superior, da formação de uma posição-sujeito outra para a identidade trans.

A partir disso, minhas análises se debruçaram sobre as respostas que a/o discentes trans colaboradora/or enunciaram como respostas às perguntas do questionário, e que constituíram o corpus desta pesquisa. Investiguei os discursos que atravessam as identidades trans, no ambiente universitário, na produção de exercícios de saber-poder sobre a transexualidade, problematizando de que modos a/o discentes trans se tomam e são tomados como objetos de conhecimento em relação à sua identidade trans e, ao mesmo tempo, subjetivados de determinados modos.

Como perspectiva teórica, minha caminhada partiu do pressuposto que o discurso é estrutura, pois é repetível, com o deslocamento, outros sentidos são produzidos de acordo com o que as historicidades permitem dizer. Tendo a língua, como veículo de discurso, esta torna-se espaço de construção de realidades e verdades que possibilitam perceber, interpretar, construir e desconstruir verdades sobre a identidade trans no espaço universitário. As verdades aparecem na história sem pedir licença, advém das filiações de sentidos constituídos em outros dizeres [outras discursividades], no jogo da língua, que vai se historicizando marcada pelas posições de saber-poder. Os sujeitos discentes trans, socialmente organizados em um momento histórico específico, com suas enunciações de realidade/verdade localizadas, determinadas pelas perspectivas dos sujeitos que as constroem, delas fazem uso em procedimentos historicamente estabelecidos, neste caso, a UEG.

O sujeito discente trans da presente pesquisa, ocupa (marca) várias posições no discurso e, ao fazer isso, mobiliza sentidos que possam a/o constituir discursivamente e, sendo sujeito inscrito no e pelo discurso que produz acerca de sua transexualidade, representa, pela linguagem, esse papel na ordem social em que está inserida/o. O sujeito discente trans utiliza mecanismos discursivos, no âmbito das relações que estabelece na UEG, para produzir outros sentidos para suas práticas identitárias.

Assim, o percurso teórico e analítico delineado neste estudo propõe que, ao produzir novos sentidos acerca das práticas de linguagem, o sujeito que enuncia, discente trans, ocupa posições outras ao discursar, pois são sujeitos plurais que constroem linguagem com suas práticas educacionais considerando o conteúdo histórico das enunciações.

Ao considerar a contextualização sobre discurso(s) como práticas sociais e históricas, as práticas discursivas de discente trans permitiram o

redimensionamento de suas identidades, ressignificação de papéis e lugares sociais. Ao enunciar, resiste, criando outros modos de dizer o que já foi dito ou está sendo dito e, também, diminuindo discursos opressores de identidade de gênero, social na UEG. Neste quadro, enunciar implica produzir-se no discurso, num jogo de produção de subjetividades, relações de poder, posições históricas, práticas subjetivas, pois neste espaço analítico discursivo, a história se entrecruza com a linguística para uma constituição de sujeito trans.

Nesse percurso analítico-discursivo-linguístico, após caminhar ao lado de Foucault e outros estudiosos e estudiosas da identidade de gênero e transexualidade, percebo o quanto as narrativas de Antônio e Larissa podem subverter as hegemonias e desconstruir as realidades normatizadoras, já que, a partir da língua(gem) ela/e constroem diferentes significados que a/o constituem em suas identidades trans. Essa/e discentes trans, ao adentrarem e permanecerem na universidade, subvertem um espaço naturalizado pelos discursos e desvelam algumas formas de opressão. Isso em razão de que os mecanismos de regulação social que subjazem as práticas sociais são tão complexos (e opressores) que, muitas vezes, passam despercebidos. Acredito, sim, que esses corpos desafiam e revelam muitas opressões, mas não sei se todas, a fim de questioná-las e, assim, levar seus interlocutores, partícipes na UEG, a refletir sobre elas, dando-lhes a chance de transformar a vida social.

As análises dos discursos da/o discentes trans demonstraram que, ao mesmo tempo em que alguns sujeitos mostram abertura, logo em outras práticas discursivas a porta da problematização se fecha. As narrativas de Antônio e Larissa sinalizam que a transexualidade é um dispositivo histórico que ainda causa estranhamento em muitas pessoas na academia. Ao analisar as práticas discursivas dessa/e discentes, percebo que os efeitos de sentidos causados em relação ao sujeito trans universitário são de que a referência é ainda aquele nomeado como aceito e reconhecido, enquanto o diferente encontra-se marginalizado e, portanto, considerado inadequado, tido como fora do padrão de um conceito de identidade de gênero restrito à cis heteronormatividade.

Como se materializou nos excertos discursivos, é importante para Antônio e Larissa que as/os agentes envolvidas/os no processo acadêmico sejam capazes de problematizar discussões referentes à diversidade de gênero com as/os discentes.

Contudo, observo que, embora poucas, houve propostas positivas constatadas nos efeitos de sentidos manifestados.

Assim, a análise linguística discursiva, numa perspectiva foucaultiana, referencial teórico para esta investigação, forneceu-me subsídio importante para reconhecer o discurso como modo de ação e de existência que nos constitui na vida social em diferentes práticas sociais. Este trabalho dissertativo possibilitou-me pensar em nossas próprias práticas educativas, enquanto professores, no que tange às amarras discursivas a que somos impostos desde cedo em nossa relação com o mundo. Fez-me perceber que o educador crítico precisa ser formado continuamente para se munir de diversos campos teóricos em relação à diversidade, especialmente da identidade de gênero, porque há muita sede de conhecimento por parte da/o discentes trans que alcançam o universo universitário. As manifestações discursivas de Antônio e Larissa demonstraram que respiramos pluralidades porque esta faz parte da materialidade de nossos corpos.

Analisar os discursos da/o colaboradora/o fez-me entender o espaço educacional superior como um lugar de contradições e limitações discursivas, como também de possibilidades enunciativas sobre a transexualidade. Ao mesmo tempo em que se dissemina o discurso da inclusão, excluem-se aqueles e aquelas consideradas/os fora da norma tida como natural e integrada. Em contrapartida, as discursividades analisadas nesse ambiente da UEG apontam que os discursos também podem determinar, sob diversas práticas acadêmicas, quem pode e deve ser valorizado, dando o lugar subalterno, nesse espaço, às identidades dissidentes.

Neste estudo, meu interesse foi refletir discursivamente sobre essas práticas discursivas e analisar que forças são essas que se atravessam nessas enunciações de si, de Antônio e Larissa, e o que elas produzem, em se tratando de modos de subjetivação dessa/e discentes trans em formação acadêmica.

Ao relatar as dificuldades enfrentadas, no meio acadêmico, Antônio e Larissa resistem, existem e se posicionam frente aos discursos normalizadores e normatizadores da sociedade, sobretudo no campo educacional. Aliás, o espaço educacional configura-se como um limite paradoxal, pois atua tanto como um lugar de discriminação, se pensarmos nas dificuldades da/o discentes de terem acesso à formação superior, quanto de emancipação, na medida em que possibilita novos olhares para e sobre o sujeito trans, principalmente, nas situações vivenciadas pela/o discentes trans que colaboraram comigo nesta pesquisa. Esse trabalho de

construção subjetiva, que passa pelo cuidado de si, mostra como esses sujeitos trans constroem seus espaços de liberdade, resistindo aos discursos normalizadores correntes. É pelo cuidado de si que se emancipa, libertando-se o sujeito trans continua a resistir, reafirmando que a educação pode ser sim libertadora.

No dizer foucaultiano, as relações de saber-poder se exercem sobre sujeitos livres e, na medida em que são livres, este saber-poder é compreendido como uma relação de forças que só se exerce sobre sujeitos livres, pois, só há possibilidade de resistência a partir do exercício de um saber-poder. Caso, em uma relação de saber-poder, uma das posições sujeito estiver completamente à mercê da outra, não há possibilidade de exercício de uma saber-poder, haveria apenas violência e domínio completo. Compreendo, então, a relação entre saber-poder e liberdade não como excludentes uma em relação à outra, mas como uma díade que uma constitui a outra a todo instante. Desse modo, penso que efeito de liberdade da/o discentes trans se inscreve em práticas de resistência, na medida em que se apresenta como uma possibilidade de reação às forças que a ela/e são impostas. E, nesse sentido, configura-se como possibilidades de reagir, de responder às relações de saber-poder à qual estão sujeitos Antônio e Larissa.

A relação desses sujeitos com os jogos de verdade acerca da transexualidade não está sendo mais pensada a partir de uma prática coercitiva, mas a partir de uma prática de autoformação dessa/e discentes trans. Pelo exercício sobre si mesma/o, Antônio e Larissa buscam o seu modo de ser e pelo qual exercem a liberdade. Dito de outra forma, a partir de um exercício sobre si mesma/o, do governo de si, de seus modos de subjetivação, a/o discentes trans escolhem seu modo de ser e a maneira como pretendem se portar na universidade. Parece-me uma maneira ativa de Antônio e Larissa constituírem a parte de sua subjetividade, o exercício da experiência de si mesma/o, em um constante jogo de verdades, no qual ela/e se relacionam consigo mesma/o.

Posso tecer que, Antônio e Larissa veem no curso de uma graduação um deslocamento de sentidos que viabiliza a resignificação de seus corpos, tornando-os possíveis, a partir da construção de novos saberes sobre si, novas percepções de si, pelo próprio sujeito discente trans. Nesse ponto, ressalto a importância de considerar a construção de outros modos de subjetivação que não estejam presos à matriz cis heteronormativa.

Ao enunciar sobre suas identidades trans, a/o discentes expõem e produzem um discurso sobre si, instaurando uma posição-sujeito outra que ditou o que pode ou não ser dito sobre seu corpo. O corpo trans foi tomado, neste estudo, como espaço de constante reflexão, onde esta/e sujeitos se constituem por meio de práticas discursivas estabelecendo para si um modo de ser que é constantemente posto à prova.

Em suas discursividades, Antônio e Larissa revelam uma verdade sobre seus corpos trans que transgride a lógica cis heteronormativa que, até então, anterior à chegada dela/e, era preconizada no espaço universitário. A esse mesmo respeito, das condições de produção do discurso universitário sobre o corpo trans, Larissa, diferentemente de Antônio, adquiriu estratégias que mobilizam (inter) ações que diminuiriam sua invisibilidade. E pelas narrativas de Larissa, posso adiantar que essa aquisição de estratégias de resistência, para diminuição de sua invisibilidade, foi possibilitada por intermédio de suas buscas e lutas por seus direitos.

Esta interação envolve uma dimensão prática social, e o discurso, ao ser produzido e interpretado, constitui uma ação social em um contexto situacional, historicamente marcado. A/o colaboradora/or dessa pesquisa trazem vontades de verdade sobre si, identidades trans, que os constituem sujeitos trans em posição outra, ocupando espaços diferentes daqueles que lhes foram impostos, no caso, a universidade. Os sentidos que deslizam na UEG, sobre a/o discentes trans, mobilizam para suas inscrições identitárias outras possibilidades na vida social para além dos muros da academia.

Antônio e Larissa são sujeitos discentes trans, interagem e respondem acadêmica e socialmente muito mais em função do que acreditam ser – com base numa norma de conduta de gênero cis heteronormativo que nos foram e nos são repetidas à exaustão – do que em função do que realmente são. Esta pesquisa revela isso nas narrativas apresentadas, pois por mais paradoxal que pareça, o sujeito discente trans busca obstinadamente o seu reenquadramento no mesmo dispositivo de gênero que originalmente a/o excluiu. Desse ponto de vista, a sua transgressão passa a ter o objetivo de lutar pela sua própria reinclusão no dispositivo cisgênero. As razões da busca pela reinclusão, alegadamente relacionadas à necessidade de aceitação e reconhecimento acadêmico e social do sujeito trans, podem também ser vistas como uma estratégia de sobrevivência, dentro de uma sociedade eminentemente cisgênero heteronormativa.

A existência reivindicada por Antônio e Larissa deve(ria) ser plena. A identidade de gênero trans não se mostra disposta a negociar. Ela existe e pronto. A/o discentes trans, que participaram e produziram comigo essa pesquisa, proporcionaram possibilidades de se pensar o funcionamento das redes de poder-saber-verdade que constituíram suas próprias experiências acadêmicas, realizando inclusive deslocamentos para o exercício de uma profissão e inserção social após cursar uma graduação.

O sujeito trans ocupa o lugar de produção de saberes sobre si como um elemento possibilitador da mudança de condição do sujeito trans pela educação. Nessa perspectiva, teço a respeito de que a/o discentes trans se constituem como sujeito nesse espaço universitário, de modo a construir outras posições, outros sentidos, outras significações para a identidade de gênero transexual. O acontecimento discursivo discente trans, ao adentrar à academia, rompe barreiras, transgride e abre caminhos, indica possibilidades, para que outras identidades possam ocupar, resistir e existir no espaço universitário. E em seus enunciados, Antônio e Larissa apontam que seus corpos trans na universidade abriram caminho para que a instituição mobilizasse outros sentidos, menos preconceituosos e mais inclusivos, acerca das questões identitárias.

Espero que as reflexões aqui expostas possam contribuir para os estudos sobre o espaço educacional superior público como possibilidade de ingresso e permanência pela identidade de gênero transexual, a partir da perspectiva discursiva, bem como para o campo de investigação das relações de saber-poder e práticas de constituição do sujeito trans, no âmbito dos estudos discursivos foucaultianos. Anseio, ainda, colaborar para os estudos sobre a transexualidade, dando visibilidade e ajudando a melhor compreender essa identidade de gênero.

Encaminho este texto dissertativo mobilizando novos questionamentos, deixando uma ou várias portas abertas para que outras pesquisas e diálogos venham a atravessar as fronteiras dissidentes num viés analítico-discursivo. Sinalizo neste estudo meu interesse em continuar adiante em novos caminhos relacionados a essa temática, que me excita e me constitui como resistência discursiva de corpos, de lugares, de verdades produzidas.

Faço, portanto, o convite as/os leitores pesquisadoras/es para que nos lancemos em campos teóricos outros, a partir de autores consistentes que nos possibilitem respirar novos ares, com menos certezas, convidando-nos a pensar de

outra forma o que pensamos ou pensávamos, para que cruzemos as fronteiras por novos caminhos.

REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, MARCOS PAULO de; BRAGA, NAYARA NICOLY; SILVA, FRANCISCO VIEIRA da. O corpo trans em galeria: reflexões sobre o dispositivo da transexualidade. **Revista Heterotópica Laboratório de Estudos Discursivos Foucaultianos** - LEDIF Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia - ILEEL/UFU. Uberlândia, v. 2, n. 2, ago-dez, 2020. p. 244-266.
- BAUMAN, Z. **Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- BAZERMAN, Charles. O animal simbólico e a transformação cultural da natureza. *In: Teoria da ação letrada*. São Paulo: Parábola, 2015. p. 11-28.
- BENTO, B. **Transviad@s: gênero, sexualidade e direitos humanos**. Salvador: EDUFBA, 2017.
- BENTO, B. **O que é transexualidade**. São Paulo: Brasiliense, 2008.
- BORBA, R. **(Des) aprendendo a “ser”**: trajetórias de socialização e performances narrativas no processo transexualizador. Orientador: Luiz Paulo da Moita Lopes. 2014. 206 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.
- CANCLINI, N. G. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. São Paulo: Edusp, 1998.
- CÉSAR, M. R. de A.; SANTOS, D. B. C. dos; SILVA, A. Narrativas trans: docência e prostituição. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto) Biográfica**. Salvador, v. 04, n. 11, 2019. p. 573-589.
- FERNANDES, C. A. A contradição. *In: FERNANDES, C. A. Discurso e sujeito em Michel Foucault*. São Paulo: Intermeios, 2012. p. 41-43.
- FERNANDES, C. A. **Análise do discurso: reflexões introdutórias**. São Carlos: Claraluz, 2008.
- FERREIRA, M. C. L. **O caráter singular da língua na análise do discurso**. [s. l.], 2003. Disponível em:
<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/173278/000411847.pdf?sequence=>. Acesso em: 20 jan. 2020.
- FIGUEIRA-BORGES, G. Notas sobre o corpo-feminino-trans no espaço escolar. *In: FIGUEIRA-BORGES, G; SILVA, P. J. da; PERES, T. F. de C. (org.). Formação de professores e demandas educacionais: PNE, inclusão, estágio e PIBID*. Campinas: Pontes Editores, 2016. p. 153-166.
- FOUCAULT, M. **Arqueologia do saber**. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FOUCAULT, M. **Ditos e Escritos IV: estratégia, poder-saber**. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

FOUCAULT, M. **Ditos e Escritos V: ética, sexualidade e política**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

FOUCAULT, M. **A verdade e as formas jurídicas**. 3. ed. Rio de Janeiro: NAU Editora, 2002.

FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. 24. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder**. 15. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2000.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 1996.

FOUCAULT, M. O sujeito e o poder. *In*: Dreyfus, Hubert; Rabinow, Paul. **Michel Foucault, uma trajetória filosófica para além do estruturalismo e da hermenêutica**. Rio de Janeiro: Forense, 1995.

FOUCAULT, M. **A história da sexualidade I: A vontade de saber**. 13. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

FOUCAULT, M. **A história da sexualidade 3: o cuidado de si**. 8. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

FOUCAULT, M. **A história da sexualidade 2: o uso dos prazeres**. 8. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.

FRANCESCHINI, B; FERNANDES JÚNIOR, A. A educação como cuidado de si: práticas de liberdade dos corpos infames. **Revista X**. Curitiba, v. 14, n. 4, 2019. p. 120-134.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

GREGOLIN, M. do R. O dispositivo escolar republicano na paisagem das cidades brasileiras: enunciados, visibilidades, subjetividades. **Revista Moara**, São Paulo, Edição 43, jan./jun. 2015. p. 1-25.

GREGOLIN, M. do R. Identidade: objeto ainda não identificado? **Estudos da Língua(gem): Imagens de discursos**, Vitória da Conquista, v. 6, n. 1, jun. 2008. p. 81-97.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.

LANZ, Letícia. **O corpo da roupa: a pessoa transgênera entre a transgressão e a conformidade com as normas de gênero**. 2014. 342 f. Dissertação (Mestrado em

Sociologia) – Setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2014.

LARROSA, Jorge. Tecnologias do eu e educação. *In*: SILVA, Tomaz Tadeu da. **O sujeito da educação**: estudos foucaultianos. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 35-86.

LEITE JUNIOR, J. **Nossos corpos também mudam**: sexo, gênero e a invenção das categorias “travesti” e “transexual” no discurso científico. 2008. 233 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Faculdade de Ciências Sociais, São Paulo, 2008.

LOURO, G. L. Heteronormatividade e homofobia. *In*: JUNQUEIRA, Rogério Diniz (org.). **Diversidade sexual na educação**: problematizações sobre a homofobia nas escolas. Brasília, DF: MEC/Unesco, 2009, p. 85-93.

LOURO, G. L. (org.). **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2000, não paginado. Disponível em: http://www.clam.org.br/bibliotecadigital/uploads/publicacoes/867_1567_louroguacirallLopescorpoeducado.pdf. Acesso em: 23 maio 2021.

MAINGUENEAU, D. Análise de discurso: a questão dos fundamentos. **Caderno de Estudos Linguísticos**, Campinas, v. 19, jul./dez. 1990. p. 65-74.

MOITA LOPES, L. P. Linguística Aplicada como lugar de construir verdades contingentes: sexualidades, ética e política. **Gragoatá**, Rio de Janeiro, v. 27, 2010. p. 33-50.

MOITA LOPES, L. P. Uma Linguística Aplicada mestiça e ideológica. *In*: MOITA LOPES, L. P. (org.). **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006. p. 13-44.

MOITA LOPES, L. P. **Identidades fragmentadas**: a construção discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala de aula. Campinas: Mercado de Letras, 2002.

NASCIMENTO, P. P. O.; AVELAR, R. B. **Direitos humanos e diversidade**: a política pública do uso do nome social por pessoas “trans” na Universidade Estadual de Goiás. 2018. Artigo (Especialização em Educação em Direitos Humanos) – Universidade Estadual de Goiás Unidade de Senador Canedo, Senador Canedo, GO, 2018.

NAVARRO. P. Discurso, história e memória: contribuições de Michel Foucault ao estudo da mídia. *In*: **II CONALI** – Congresso Nacional de Linguagens em Interação. Maringá: Universidade Estadual de Maringá. 2008. p. 59-73.

OLIVEIRA, Megg Rayara Gomes de. **O diabo em forma de gente**: (r)existências de gays afeminados, viados e bichas pretas na educação. 2017. 190 f. Tese (Doutorado em Educação) – Setor de Educação da Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2017.

ORLANDI, E. P. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 2007.

ORLANDI, E. P. **As formas do silêncio**: no movimento dos sentidos. Campinas: Ed. Unicamp, 1995.

PRECIADO, PAUL. **Manifesto contrassexual**. São Paulo: n-1 edições, 2014.

RIBEIRO, D. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento, 2017.

SERRANI-INFANTE, S. M. Abordagem transdisciplinar da enunciação em segunda língua. *In*: SIGNORINI, I; CAVALCANTI, M. (org.). **Linguística Aplicada e transdisciplinaridade**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1998. p. 143-167.

SOUTO, Caio. Norma, normal e anormal em Canguilhem e Foucault. São Carlos, SP. *In*: IX Seminário dos Estudantes da Pós-Graduação em Filosofia da UFSCar 2013, São Carlos, SP. **Anais do IX Seminário dos Estudantes da Pós-Graduação em Filosofia da UFSCar**. São Carlos: Universidade Federal de São Carlos, 2013, p. 35-43. Disponível em: <http://www.ufscar.br/~sempgfil/wp-content/uploads/2012/05/4-Caio-Souto-NORMA-NORMAL-E-ANORMAL-EM-CANGUILHEM-E-FOUCAULT.pdf>. Acesso em: 15 mai. 2021.

SOUZA, A. L. S. **Letramentos de reexistência**: culturas e identidades no movimento hip-hop. 2009. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, SP, 2009.

TASSO, Ismara.; NAVARRO, Pedro. (org.) **Produção de identidades e processos de subjetivação em práticas discursivas**. [online]. Maringá: Eduem, 2012. Disponível em: <http://books.scielo.org/>. Acesso em: 10 jan. 2021.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS. **Resolução n. 31/2015** ou renumerada 736/2015 do Conselho Universitário da Universidade Estadual de Goiás (CsU/UEG). Disponível em: http://www.legislacao.ueg.br//exec/consulta_tipo_doc_legislacao/?funcao=lista_tipo_doc_legislacao&variavel=27&id_origem=9&tipo=CsU&ano=2015. Acesso em 22 mai. 2020.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS. **Quem somos**. 2021. Disponível em: http://www.ueg.br/conteudo/13645_quem_somos. Acesso em: 18 fev. 2021.

WOODWARD, K. Identidade e Diferença: uma Introdução teórica e conceitual. SILVA, T. T. (org.). **Identidade e diferença**. Petrópolis: Editora Vozes, 2003.

APÊNDICES

APÊNDICE A

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM O DISCENTE ANTÔNIO

a) Eixo 1: Universidade Estadual de Goiás – instituição

1. Como você imaginava a universidade?

Resposta: Eu tinha uma ideia meio torta da universidade, mas até que minhas expectativas estão sendo supridas.

2. Como você percebe a instituição enquanto um espaço que pode propiciar o convívio das diversidades?

Resposta: Eles falam muito sobre a diversidade, entretanto em outros aspectos mais de físico, corpo, afetividade e na questão de gênero e corpos não cis eu sinto já uma deficiência.

3. A UEG tem contribuído para o seu crescimento pessoal e profissional?

Resposta: Sim, contribuiu grandemente para o meu crescimento pessoal e profissional.

4. Houve acolhimento da comunidade acadêmica para com você? Se sim, estes contribuem para sua permanência no ensino superior?

Resposta: O acolhimento veio devagar, pois até então eu não tinha tanta abertura para falar sobre a minha transexualidade.

b) Eixo 2: Câmpus da UEG onde a/o discentes estudam

5. A infraestrutura do Câmpus atende suas necessidades e especificidades? Como, por exemplo, os banheiros, as salas de aula, laboratórios, etc.

Resposta: Agora depois de certo tempo de terapia hormonal atende, antes tinham algumas questões acerca de banheiros

6. Passou algum tipo de constrangimento na utilização dos espaços (biblioteca, secretaria, pátio, banheiro, etc.) do Câmpus?

Resposta: Que eu me recordo, apenas uma vez e que foi justamente nesse ponto de ausência da possibilidade de eu ir ao banheiro masculino.

7. De que maneira a diversidade e pluralidade discente proporciona a formação de laços sociais e cordialidade na convivência no Câmpus?

Resposta: Eu creio que essa criação de laços varia muito das narrativas presentes, entretanto faz com que estejamos sempre abertos a algo.

8. Percebe (percebeu) algum tipo de preconceito em suas relações diárias com o corpo administrativo do Câmpus?

Resposta: Percebia mais quando minha postura sexual não condizia com a minha identidade de gênero.

a) Eixo 3: docentes que lecionam no Câmpus onde a/o discentes trans estudam

9. Como você percebe o olhar dos docentes para com você?

Resposta: Creio que pelo fato de os professores terem me acompanhado desde o início do processo de transição facilitou, em parte, o entendimento e o respeito.

10. Em sua opinião, o corpo docente do Câmpus compreende a diversidade discente trans?

Resposta: Não, ao menos não a maioria, justamente pela ausência de representatividade da diversidade e pouco interesse, pois os docentes estão preocupados em passar conteúdo em aula.

11. Percebe os docentes preparados para lidar com essa diversidade?

Resposta: Os docentes estão melhorando, quanto mais se fala mais estão se interessando e até se libertando tendo coragem de tirar suas dúvidas.

12. Como você percebe o docente enquanto um mediador da pluralidade que se apresenta numa sala de aula? Que aspectos você considera relevante apontar?

Resposta: O mais essencial, para mim, foi eu saber separar o pessoal do profissional na minha relação com os docentes. Infelizmente nem todos tem essa ética, por mais que não concordem com as posições de outros, é bom que respeitassem.

b) Eixo 4: discentes que estudam no Câmpus onde a/o discentes trans estudam

13. Em relação aos seus colegas, os (as) demais discentes, como o (a) receberam?

Resposta: Apesar de eu não ser uma pessoa muito sociável, as poucas pessoas mais próximas a mim me receberam muito bem.

14. Encontrou dificuldades na relação com os demais discentes? Se sim, quais foram elas?

Resposta: Sempre foram receptivos meus colegas, até mesmo porque na minha sala não tinha apenas pessoas cis.

15. Passou ou passa por alguma situação constrangedora causada pelos seus colegas discentes?

Resposta: Só em relação a nomes e pronomes.

16. A diversidade discente, em seu conjunto, possibilitou uma boa convivência?

Resposta: Felizmente meu ciclo de convivência é, na grande maioria, LGBT e simpatizantes.

c) Eixo 5: vida social

17. Suas atividades cotidianas tiveram mudanças em razão do seu acesso à universidade?

Resposta: Algumas mudanças felizmente pela pluralidade de interação possibilitou que eu pudesse expandir horizontes diferenciando a minha narrativa.

18. Estar na universidade agrega em sua vida social? Se sim, em quais aspectos?

Resposta: Possibilita, para mim, fazer parte de uma estatística diferente.

19. Cursar uma graduação traz implicações para suas atividades de trabalho?

Resposta: Abrem muitas possibilidades, para mim, de trabalho e de conhecimento, estar numa universidade.

20. Há mais algum comentário que você gostaria de fazer no que diz respeito à sua relação com a Universidade Estadual de Goiás (UEG) e que não foi apontada nas perguntas anteriores?

Resposta: Acredito que conversar abertamente sobre as questões de gênero seria de suma importância para a melhoria de convivência de todas/os.

APÊNDICE B

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM A DISCENTE LARISSA

a) Eixo 1: Universidade Estadual de Goiás – instituição

1. Como você imaginava a universidade?

Resposta: Bom, a princípio eu tinha uma percepção de ensino médio da faculdade. Quando eu estava no terceiro ano do ensino médio, então, a minha percepção era de um mundo mais fechado em relação à faculdade. Eu imaginava que a faculdade não era o lugar da diversidade porque a gente sofre tanto com essa violência nas escolas, no dia a dia, então eu imaginava que seria isso também na faculdade.

2. Como você percebe a instituição enquanto um espaço que pode propiciar o convívio das diversidades?

Resposta: Percebo que a UEG é um espaço tranquilo, é um espaço onde a diversidade é respeitada onde os professores trabalham as diversidades em sala de aula. Por duas vezes eu fui convidada pra uma mesa redonda na universidade. Uma vez na sala de aula pra falar sobre as diversidades e outra vez, eu fui convidada, pra um evento da UEG pra falar sobre as mulheres transexuais. A diversidade não é somente o pessoal LGBT, mas também todas as pessoas, negro, branco, LGBTs então em relação a isso eu percebo que a universidade é um espaço tranquilo.

3. A UEG tem contribuído para o seu crescimento pessoal e profissional?

Resposta: Sem dúvida alguma a UEG contribuiu muito, bastante mesmo para o meu crescimento profissional e para o meu crescimento pessoal. Cheguei na UEG com uma bagagem e vou sair da UEG com outra bagagem, uma mala cheia de bagagens e conhecimentos intelectual.

4. Houve acolhimento da comunidade acadêmica para com você? Se sim, estes contribuem para sua permanência no ensino superior?

Resposta: Sim, houve um acolhimento bastante relevante com um significado muito grande pra mim. Lembro que no primeiro dia que eu cheguei na universidade eu estava conversando com a moça do administrativo e ela me disse pra procurar o professor, que na época era o coordenador do curso e, nesse exato momento o professor João estava passando em frente ao administrativo. Quando ele me viu, já veio em minha direção. Ali trocamos as primeiras palavras, os primeiros

cumprimentos, uma pessoa muito receptiva comigo, encantadora posso dizer. Também logo já peguei mais conhecimento e troca de palavras com o pessoal do administrativo. No outro dia tive a oportunidade de conhecer o diretor do Câmpus, uma pessoa humana, um ser humano maravilhoso, que veio até mim, me abraçou e me deu as boas-vindas. No Câmpus da universidade todos os professores, em sala de aula, me deram as boas-vindas, tantos os professores que davam aula pra mim e também os que não davam. Tive um conhecimento no dia-a-dia ali no Câmpus com todos os funcionários ali no Câmpus da UEG. Então, esse foi um acolhimento bastante significativo e positivo pra mim e com esse acolhimento dessas pessoas foi fundamental contribuiu bastante para minha permanência no ensino superior. O quão faz bem para nós sermos bem recebidos numa universidade, num espaço acadêmico ou, em geral, na sociedade.

b) Eixo 2: Câmpus da UEG onde a/o discentes estudam

5. A infraestrutura do Câmpus atende suas necessidades e especificidades? Como, por exemplo, os banheiros, as salas de aula, laboratórios, etc.

Resposta: Bom, a infraestrutura do Câmpus em relação a banheiro eu nunca tive problemas, sempre usei banheiros femininos em todas as partes que é banheiro público da sociedade e também da universidade. Sempre usei banheiros femininos, não tive problema. Em relação as minhas necessidades em sala de aulas também foram atendidas. Em relação a laboratório é supertranquilo. Temos um bom laboratório que atende, sim, as minhas necessidades. Então, em relação a banheiros, sala de aula e laboratório o campus atende as minhas necessidades.

6. Passou algum tipo de constrangimento na utilização dos espaços (biblioteca, secretaria, pátio, banheiro, etc.) do Câmpus?

Resposta: Não lembro de passar constrangimento no banheiro durante todo esse meu tempo de convívio acadêmico. Agora na biblioteca eu tive um constrangimento em relação a carteirinha do estudante, de uso interno no campus, que é a carteirinha da biblioteca. Eu fiz a minha carteirinha com o meu nome civil na época, não havia retificado meu nome ainda, mas eu sei dos meus direitos, então, eu fiz a carteirinha com o nome social. Quando fui chamada na biblioteca pra pegar a carteirinha estava com o nome civil, o nome que eu não me vejo, que eu não me via naquele momento. Eu me via com meu nome social, com o meu nome como eu sou hoje. Vieram me entregar essa carteirinha e eu simplesmente não aceitei. Fizeram com meu nome

civil, sem ao menos me comunicar por um e-mail para me dizer se podia ou não. Mandasse uma mensagem para mim ou pelo menos chegasse até a mim e comunicasse. Não houve uma comunicação, teve uma resistência do campus em relação a isso. Fui na biblioteca, devolvi falei que não aceito, fui na secretaria conversei com a moça disse que também não aceito porque eu conheço as leis cabíveis e era simplesmente uma carteirinha para uso interno. Isso foi no primeiro ano da graduação, então, após um dia e meio o diretor veio a mim pedindo desculpa pelo constrangimento que eu sofri na biblioteca. Porque é um constrangimento. Depois o diretor veio até a mim e trouxe a carteirinha com meu nome, Larissa, pedindo desculpa e dizendo que eu era a primeira aluna trans da UEG, por isso eles não sabiam como mexiam com essa documentação. E foi isso e foi resolvido, mas isso foi através de lutas e de resistência pra eu estar conseguindo os meus direitos. Para eu estar conquistando o meu espaço, pois se não busco, se eu não luto, não vou atrás dos meus direitos, hoje, como que estaria? Mas tudo isso, esses percalços, esses contratempos ficaram no passado. As pessoas chegaram até a mim e me pediram desculpas, foi amenizando essa dor, é uma dor por dentro, porque querendo ou não, é uma resistência o nosso corpo ali, a nossa presença ali. Um outro constrangimento que eu passei foi no pátio do Câmpus. Foi quando fui selecionada para a bolsa permanência. O administrativo colocou lá fora a lista dos alunos que haviam passado na bolsa. Eles fizeram, não sei por qual motivo, colocaram meu nome Larissa e o meu outro nome que eu não gosto, completo e entre parêntese. Poxa, aquilo me doeu tanto, porque eu fui muito exposta, foi um constrangimento muito grande. Quando eu cheguei no campus veio uma coleguinha falar, Larissa seu nome tá lá fora exposto, estão os dois nomes, vai lá fora pra você ver. O mais rápido possível eu já entrei em contato com a secretária do diretor e já fui pessoalmente conversar com o diretor do campus. Não tinha necessidade, colocar meu nome civil lá fora. Eu me vejo como Larissa desde quando eu cheguei no campus, desde meu ensino médio, eu sempre lutei, eu fui em busca e exigi, eu estudei e fiz o ensino médio e também estudei e faço faculdade. Tem que respeitar o meu nome que é Larissa. Então, após isso, em o diretor pediu pra sua secretária retirar do corredor todos os papéis.

7. De que maneira a diversidade e pluralidade discente proporciona a formação de laços sociais e cordialidade na convivência no Câmpus?

Resposta: Bom, através do diálogo, através do respeito com as pessoas e também através da empatia pelo próximo conta muito em relação a esses laços sociais com a cordialidade com o próximo.

8. Percebe (percebeu) algum tipo de preconceito em suas relações diárias com o corpo administrativo do Câmpus?

Resposta: Não, em momento algum percebi algum tipo de preconceito em relação aos funcionários, ao corpo administrativo do Câmpus.

a) Eixo 3: docentes que lecionam no Câmpus onde a/o discentes trans estudam

9. Como você percebe o olhar dos docentes para com você?

Resposta: Eu percebo um olhar dos docentes no sentido de empatia, de respeito, de admiração pela minha pessoa estar ocupando o espaço da universidade.

10. Em sua opinião, o corpo docente do Câmpus compreende a diversidade discente trans?

Resposta: Hoje os docentes do Câmpus estão, vamos dizer assim, bem mais preparados do que nos anos iniciais quando eu ingressei na UEG. Quando eu entrei na UEG, nos primeiros anos, eu tive um problema com os professores em relação ao nome na chamada porque meu nome ainda não estava ratificado. Na época era diário em papel ainda então eu havia pedido na secretaria acadêmica e também juntamente com o coordenador sobre colocar meu nome social. Pedi que colocasse entre parêntese a lápis ou a caneta. Toda vez que ia fazer a chamada meu coração disparava, sentia uma ansiedade, sentia algo me perturbando, eu não ficava tranquila, pois tinha medo do professor falar meu nome civil. Alguns professores, pra evitar esse constrangimento, começaram a fazer chamada pelo número. Outros professores eram mais atentos, quando chegavam perto do meu nome falava meu nome corretamente.

11. Percebe os docentes preparados para lidar com essa diversidade?

Resposta: Bom, aqui no campus eu percebo que realmente os docentes estão preparados pra lidar com a diversidade, mas vale ressaltar que isso é em relação ao meu curso. Em relação ao meu curso foi onde eu tive mais contato com os professores e uma maior proximidade, então percebo esses professores preparados sim.

12. Como você percebe o docente enquanto um mediador da pluralidade que se apresenta numa sala de aula? Que aspectos você considera relevante apontar?

Resposta: Super-relevante a mediação do docente com essa pluralidade na sala de aula. Uma boa mediação torna bastante relevante para todos os alunos, para a dinâmica em sala de aula, para a metodologia do professor aplicada em sala de aula pensando na pluralidade e na diversidade.

b) Eixo 4: discentes que estudam no Câmpus onde a/o discentes trans estudam

13. Em relação aos seus colegas, os (as) demais discentes, como o (a) receberam?

Resposta: Quando iniciei minha vida acadêmica, no meu primeiro ano, fui super bem recebida pelos meus colegas discentes. Logo já fiz amizades. A minha sala era a maioria do sexo feminino e havia apenas um rapaz do sexo masculino. Não tive nenhum problema em relação aos meus colegas de sala de aula do curso e foi uma receptividade muito boa, tanto com o respeito da minha parte como o respeito deles.

14. Encontrou dificuldades na relação com os demais discentes? Se sim, quais foram elas?

Resposta: Eu não tive dificuldades em relação aos meus colegas discentes de sala de aula do curso, foi super tranquilo, super de boa, durante esses anos da minha vida acadêmica.

15. Passou ou passa por alguma situação constrangedora causada pelos seus colegas discentes?

Resposta: Fiz uma disciplina que eram três a quatro turmas de outros cursos em uma sala só. Então éramos uma sala bem cheia de alunos. Sempre que eu entrava nessa sala de aula eu percebia, de um certo sujeito, risadinhas. Às vezes eu ia na biblioteca e esse sujeito estava lá e ficava dando risadinhas isso por alguns meses. Com o passar dos dias eu não fui tolerando aquilo, porque eu não vejo que eu tinha necessidade de estar sendo a palhacinha, a chacota desse sujeito. Então chamei uma professora pra conversar. Eu disse para ela que o sujeito estava fazendo comigo. E ele era preconceituoso, que não tinha motivo para ele me tratar assim. E ele estava faltando com respeito comigo. A professora chamou esse sujeito para conversar, a gente não estava dando certo na mesma sala. Conversei com o coordenador do curso, conversei com o diretor, eu estava fazendo o terceiro período do curso, e o sujeito era de outro curso. Isso foi um preconceito por eu ser uma mulher transexual dentro de uma faculdade.

16. A diversidade discente, em seu conjunto, possibilitou uma boa convivência?

Resposta: Em seu conjunto me possibilitou uma boa convivência. Tive bastante colegas e pude ter essa proximidade, pude fazer amizades com as pessoas e isso me deixa mais forte, me deixa mais confortável. Também a convivência com as pessoas, dentro do campus, me fortaleceu bastante. Meus colegas estudantes e os professores me dão a maior força.

c) Eixo 5: vida social

17. Suas atividades cotidianas tiveram mudanças em razão do seu acesso à universidade?

Resposta: Sim, tive bastante mudança na minha vida cotidiana. No campus acadêmico a gente passa a viver a academia, cobrança da pesquisa, a dedicação. Muitas vezes uma dedicação exclusiva ao curso, ao campus; então tem sim uma mudança na nossa vida cotidiana.

18. Estar na universidade agrega em sua vida social? Se sim, em quais aspectos?

Resposta: Estar em uma universidade, pra mim, foi super-relevante. Hoje, você ter uma graduação é muito importante. Você estar numa universidade as pessoas te veem com outros olhos. A gente estar ali estudando, se empenhando, muda a vida social, e passa a viver ali aquele momento acadêmico. Passa a viver com os colegas, com outras pessoas, passa a conhecer professores mestre e doutores pesquisadores. Então aumenta a bagagem da gente de conhecimento e de amizade. As pessoas que estão de fora da universidade, que vê a gente dentro do campus, fazendo a universidade e tal curso, essas pessoas têm uma perspectiva melhor da gente. E isso em si me agregou uma vida social bem melhor por estar fazendo uma graduação.

19. Cursar uma graduação traz implicações para suas atividades de trabalho?

Resposta: Estar cursando a graduação, no curso de letras, me trouxe uma possibilidade de ser uma futura professora. Uma moça culta, nossa uma trans na graduação, no curso superior. São poucas que conseguem, então as consequências positivas é que as pessoas conversam comigo melhor, me tratam bem, aumentei meu ciclo de amizade.

20. Há mais algum comentário que você gostaria de fazer no que diz respeito à sua relação com a Universidade Estadual de Goiás (UEG) e que não foi apontada nas perguntas anteriores?

Resposta: Quero aqui ressaltar um agradecimento, agradecer a todas/os professores, discentes, servidores do campus da UEG pela amizade, esse carinho construído ao longo desse tempo que veio só somar na minha vida. Gratidão a UEG.

APÊNDICE C



Continuação do Parecer: 4.032.947

APROVADO. Reiteramos a importância deste Parecer Consubstanciado e lembramos que os relatórios de pesquisa devem ser enviados semestralmente, comunicando ao CEP a ocorrência de eventos adversos esperados ou não esperados, conforme disposto na Norma Operacional do CNS nº 001/2013. O prazo para a entrega do relatório final, via notificação na Plataforma Brasil, é de até 30 dias após o encerramento da pesquisa

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1486318.pdf	07/05/2020 14:30:46		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TermoTCLE.pdf	07/05/2020 14:30:11	LILIAN BARBOSA DE MORAIS	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto.pdf	07/05/2020 14:28:29	LILIAN BARBOSA DE MORAIS	Aceito
Folha de Rosto	Folharosto.pdf	22/04/2020 17:18:37	LILIAN BARBOSA DE MORAIS	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Anuencialpora.pdf	30/01/2020 19:37:42	LILIAN BARBOSA DE MORAIS	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	AnuenciaFormosa.pdf	30/01/2020 19:37:22	LILIAN BARBOSA DE MORAIS	Aceito
Outros	Instrumento.pdf	06/12/2019 18:38:53	LILIAN BARBOSA DE MORAIS	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Anuencia.pdf	06/12/2019 18:37:29	LILIAN BARBOSA DE MORAIS	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TermoCompromisso.pdf	06/12/2019 18:33:00	LILIAN BARBOSA DE MORAIS	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Endereço: BR 153 Quadra Área, Km 99, Bloco III, Térreo
 Bairro: FAZENDA BARREIRO DO MEIO CEP: 75.132-903
 UF: GO Município: ANAPOLIS
 Telefone: (62)3328-1434 E-mail: cep@ueg.br

APÊNDICE D



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE

Você está sendo convidada(o) a participar, como voluntária(o), da pesquisa intitulada “Práticas discursivas de discentes transexuais na Universidade Estadual de Goiás: um (re) desenho de processos identificatórios”. Meu nome é Lílian Barbosa de Moraes, sou mestranda, pesquisadora responsável por esta pesquisa. Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, se você aceitar fazer parte do estudo, rubricue todas as páginas e assine ao final deste documento, que está impresso em duas vias, sendo que uma delas é sua e a outra pertence à pesquisadora responsável. Esclareço que em caso de recusa na participação você não será penalizada(o) de forma alguma. Mas se aceitar participar, as dúvidas sobre a pesquisa poderão ser esclarecidas pela pesquisadora responsável, via e-mail (lilianbarbosamoraes@gmail.com), endereço (Av. Dr. Deusdete Ferreira de Moura, s/nº, Centro, CEP 76.600-000 Cidade de Goiás) e, inclusive, sob forma de ligação a cobrar, acrescentando o número 9090 antes do(s) seguinte(s) contato(s) telefônico(s): (62)3375-3318/(62)99651-1239. Ao persistirem as dúvidas sobre os seus direitos como participante desta pesquisa, você também poderá fazer contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual de Goiás (CEP-UEG), localizado no Prédio da Administração Central, BR 153, Km 99, Anápolis/GO, CEP: 75132-903, telefone: (62) 3328-1439, funcionamento: 8h às 12h e 13h às 17h, de segunda a sexta-feira. O contato também poderá ser feito pelo e-mail do CEP-UEG: cep@ueg.br. O Comitê de Ética em Pesquisa é vinculado à Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) que por sua vez é subordinado ao Ministério da Saúde (MS). O CEP é responsável por realizar a análise ética de projetos de pesquisa com seres humanos, sendo aprovado aquele que segue os princípios estabelecidos pelas resoluções, normativas e complementares.

Os pesquisadores que compõem essa equipe de pesquisa são Mnda. Lílian Barbosa de Moraes, Prof. Dr. Guilherme Figueira Borges, Prof. Dr. Eduardo Batista da Silva.

A leitura desse TCLE deve levar aproximadamente 40(quarenta) minutos e a sua participação na pesquisa um tempo estimado de um dia (24h).

Justificativa, objetivos e procedimentos:

O motivo que nos leva a propor esta pesquisa é observar a respeito de como o discente-trans se constitui enquanto sujeito nesse espaço universitário, promovendo um espaço de voz que viabilize condições para o seu empoderamento como pessoa que vive em situação de grande vulnerabilidade e exclusão.

O objetivo desta pesquisa é analisar a construção de identidades para discentes-trans na UEG, buscando entender como os discentes em questão delinham a sua transexualidade em práticas universitárias.

Os procedimentos de coleta de dados serão a partir de entrevista semi-estruturada por meio de gravação de respostas a perguntas abertas. Perguntas essas entregues à/ao participante por meio eletrônico e/ou pessoalmente. A/o participante grava seus depoimentos sozinhas/os, sendo que as perguntas são entregues de uma só vez para que a/o participante possa começar a responder a partir da pergunta que a/o estimule mais. A pesquisadora irá ao encontro da/o participante nas dependências do Câmpus/Unidade da UEG onde a/o mesma/o estuda. Será entregue à/o participante um gravador para que ela/e grave seu depoimento seguindo o roteiro de perguntas entregue. A/o participante terá um tempo estimado de 12horas para gravar seu depoimento. Após o prazo transcorrido a pesquisadora retorna ao local do encontro e recolhe o depoimento gravado. Nesse momento a pesquisadora pergunta a/o participante qual seria

um nome fictício para ser usado no decorrer do estudo de modo que a/o mesma/o não seja identificada/o. Será explicado à/o participante que é necessária a concessão de uso da conversa gravada.

Assim, é imprescindível a necessidade da concessão do uso de sua voz.

() Não permito a gravação/obtenção da minha voz.

() Permito a gravação/obtenção da minha voz.

Em caso de permissão da gravação/obtenção da voz:

() Permito a divulgação da minha voz nos resultados publicados da pesquisa.

() Não permito a divulgação da minha voz nos resultados publicados da pesquisa.

Riscos e formas de minimizá-los:

O risco relacionado à participação neste estudo é a possibilidade de desconforto emocional em razão dos efeitos de memória. Contudo, a própria narrativa de situações vivenciadas no âmbito universitário gera prazer e minimiza o desconforto. Isso atende e está dentro do esperado no que se refere às pesquisas de gênero e sexualidade.

Assistência:

Caso você se sinta desconfortável por qualquer motivo, poderemos interromper a sua participação na pesquisa a qualquer momento e esta decisão não produzirá penalização ou prejuízo.

Benefícios:

Esta pesquisa terá como benefício pensar e repensar políticas públicas dentro da universidade para a comunidade transexual, bem como a promoção de qualidade digna de vida, a partir do respeito aos direitos civis, sociais, culturais.

Sigilo, privacidade e guarda do material coletado:

Não há necessidade de identificação, ficando assegurados o sigilo e a privacidade. Você poderá solicitar a retirada de seus dados coletados a qualquer momento, deixando de participar deste estudo, sem prejuízo. Os dados coletados nesta pesquisa serão guardados em arquivo digital, sob nossa guarda e responsabilidade, por um período de cinco anos após o término da pesquisa. Após esse período, o material obtido será picotado e/ou reciclado e todas as mídias apagadas.

Indenização:

Se você sofrer qualquer tipo de dano resultante de sua participação na pesquisa, previsto ou não no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, tem direito a buscar indenização, conforme decisões judiciais que possam suceder.

Você não receberá nenhum tipo de compensação financeira por sua participação neste estudo, mas caso tenha algum gasto decorrente do mesmo (transporte e alimentação) será ressarcido por mim, pesquisadora responsável.

Em qualquer etapa do estudo você poderá entrar em contato comigo, pesquisadora responsável, para esclarecimentos de eventuais dúvidas.

Os resultados da pesquisa e, também, da sua participação poderão ser consultados por você a qualquer momento, para isso, nós disponibilizaremos a dissertação nos bancos de dados da UEG. Caso você se interesse a pesquisadora encaminhará uma cópia da dissertação para o seu e-mail.

Declaração da Pesquisadora Responsável

Eu, pesquisadora responsável por este estudo, esclareço que cumprirei as informações acima e que a/o participante terá acesso, se necessário, a assistência integral e gratuita por danos diretos e indiretos, imediatos ou tardios devido a sua participação nesse estudo; e que suas informações serão tratadas com confidencialidade e sigilo. A/o participante poderá sair do estudo quando quiser, sem qualquer penalização. Se tiver algum custo por participar da pesquisa, será ressarcida/o; e em caso de dano decorrente do estudo, terá direito a buscar indenização, conforme decisões judiciais que possam suceder. Declaro também que a coleta de dados somente será iniciada após a aprovação do protocolo pelo sistema CEP/CONEP.

Declaração da(o) Participante

Eu,....., abaixo assinado, discuti com a pesquisadora Lilian Barbosa de Moraes sobre a minha decisão em participar como voluntária(o) do estudo "Práticas discursivas de discentes transexuais na Universidade Estadual de Goiás: um (re) desenho de processos identificatórios". Ficaram claros para mim quais são os propósitos do estudo, os procedimentos a serem realizados, seus desconfortos e riscos, as garantias de assistência, confidencialidade e esclarecimentos permanentes. Ficou claro também que minha participação é voluntária e isenta de despesas e que poderei retirar o meu consentimento a qualquer momento, sem penalidades ou prejuízo ou perda de qualquer benefício que eu possa ter adquirido.

Goiás/Goiás, 22 de abril de 2020.

Assinatura da(o) participante de pesquisa/Responsável legal

Data: 22/04/2020

Lilian B. de Moraes

Assinatura da pesquisadora responsável

Data: 22/04/2020